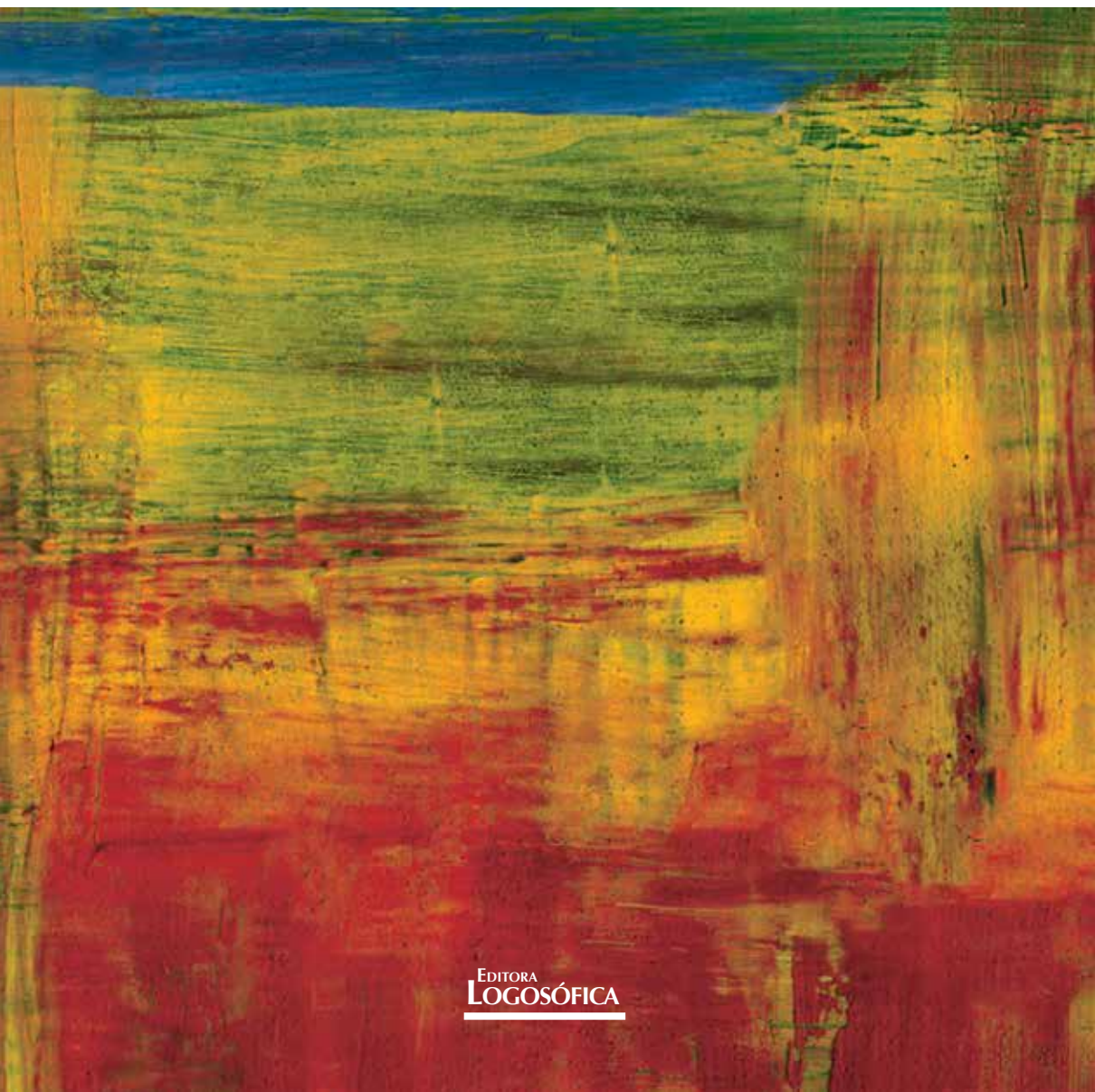


Intermédio Logosófico

Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol)



EDITORA
LOGOSÓFICA

Intermédio Logosófico reproduz, dentro dos justos limites da síntese e em alegóricas figuras, feitos, condutas, tendências e demais motivos que pertencem ao homem e que se consomem no decorrer de toda a sua vida. Nada estranho seria, pois, que o leitor encontrasse, nessa ou naquela lenda ou fábula, personagens com os quais se parece, como também alguma semelhança no motivo, na intenção ou no pensamento que os anima.

Pela índole de seu conteúdo e pelo profundo sentido moral que impregna todas as suas páginas, Intermédio Logosófico oferece também um vasto e original cabedal de ensinamentos, de grande valor educativo, a ser oferecido à juventude.

Intermédio Logosófico

Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol)

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Intermedio Logosófico, 216 págs., 1950. ^{(1) (2)}

Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. ^{(1) (2) (4)}

Diálogos, 212 págs., 1952. ⁽¹⁾

Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6) (8)}

El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6)}

La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. ^{(1) (2) (4)}

Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. ^{(1) (2) (4) (6) (8)}

El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. ^{(1) (2)}

Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. ^{(1) (2) (4)}

Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. ^{(1) (2) (4) (6) (7) (8)}

Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. ^{(1) (2) (3) (4) (5) (6)}

El Espíritu, 196 págs., 1968. ^{(1) (2) (4) (7)}

Colección de la Revista Logosofía (tomos I⁽¹⁾ (4), II⁽¹⁾ (4), III⁽¹⁾), 715 págs., 1980.

Colección de la Revista Logosofía (tomos IV⁽¹⁾, V⁽¹⁾), 649 págs., 1982.

(1) Em português.

(2) Em inglês.

(3) Em esperanto.

(4) Em francês.

(5) Em catalão.

(6) Em italiano.

(7) Em hebraico.

(8) Em alemão.

Intermédio Logosófico

Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol)

6ª edição
São Paulo
2018

EDITORA
LOGOSÓFICA

Título do original

Intermedio logosófico

Carlos Bernardo González Pecotche RAUMSOL

Tradução

Colaboradores voluntários da Fundação Logosófica

em Prol da Superação Humana

Projeto Gráfico e Produção Gráfica

Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Catalogação na fonte)

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901–1963.

Intermédio logosófico / Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol) ; [tradução: Colaboradores voluntários da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana] – 6. ed. – São Paulo : Logosófica, 2018.

Título original: Intermedio logosófico.

ISBN 978-85-7097-138-8

1. Logosofia I. Título.

CDD–149.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Logosofia : Doutrinas filosóficas 149.9

Copyright da Editora Logosófica

www.editoralogosofica.com.br | www.logosofia.org.br

Fone/fax: (11) 3804 1640

Rua General Chagas Santos, 590-A – Saúde

CEP 04146-051 – São Paulo-SP – Brasil

Da Fundação Logosófica

em Prol da Superação Humana

Sede central:

Rua Piauí, 762 – Bairro Santa Efigênia

CEP 30150-320 – Belo Horizonte-MG – Brasil

Vide representantes regionais na última página.

Sumário

| | |
|------------------------------------|-----|
| Prólogo | 07 |
| Sonho precursor | 09 |
| O fogo como símbolo | 13 |
| História de cinco rosas | 17 |
| A gota de tinta | 21 |
| Experiência instrutiva | 23 |
| Herança singular | 27 |
| O rubi | 29 |
| Memórias de um pai | 33 |
| O avarento | 41 |
| O valente | 43 |
| O apressado | 45 |
| Conto árabe | 47 |
| O drama do sapo | 49 |
| O país dos sonhos | 51 |
| A volta do justo | 71 |
| O grande burguês | 73 |
| Monarca indiscutível | 77 |
| A gravata do grande senhor | 81 |
| Covardia curada | 83 |
| Intervenção oportuna | 85 |
| Remotas recordações | 87 |
| O rei sábio | 91 |
| Os projetos de blá-blá-blá | 93 |
| Os dois amores | 95 |
| A rocha, o tempo e o tesouro | 103 |
| Uma mensagem especial | 105 |
| Os amigos | 107 |
| Remédio eficaz | 109 |
| A atração do jugo | 111 |
| Uma alfinetada exemplar | 113 |
| O palhaço | 115 |
| A discrição do artífice | 117 |

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Uma passagem da história divina | 119 |
| O mistério das botas | 123 |
| O kukuru | 125 |
| Sinal inconfundível | 127 |
| Recorde estas palavras..... | 129 |
| A verdade do Yamaly | 131 |
| Merecido castigo | 135 |
| Odisseia de duas almas | 137 |
| Mais podem muitos do que um | 143 |
| O cão de guarda | 145 |
| O homem que buscava a Deus | 147 |
| Conto egípcio | 151 |
| O surdo-mudo e o cego | 153 |
| A consulta | 155 |
| A onça “doméstica” | 157 |
| O ingrato | 161 |
| O Éden dos meninos bons | 163 |
| Os dois exemplos | 167 |
| O macaco e o leão | 169 |
| Atrás das grades | 171 |
| As três obras | 177 |
| O jogo da mancha | 179 |
| Pyka e Rutja | 181 |
| A coruja | 183 |
| O mordomo ingrato | 185 |
| O homem e as pedras | 187 |
| As lagartixas | 189 |
| O velho testamento | 191 |
| Origem do carnaval | 193 |
| O drama de Xyraom | 197 |
| O filhote jactancioso | 199 |
| O perguntão | 201 |
| Os dois homens | 203 |
| O perigo | 205 |
| A mosca | 207 |
| A casa dos apóstolos | 209 |
| A esperteza do riojano | 213 |

Prólogo

Para publicar este livro de lendas, fábulas e narrativas, intitulado “Intermédio Logosófico”, seu autor inspirou-se no anelo de oferecer aos leitores um conjunto selecionado de imagens, extraídas todas elas das originais concepções da Sabedoria Logosófica. Este novo tipo de lendas, fábulas e narrativas, que define traços e características próprios da psicologia humana, encontra seu maior atrativo na viva manifestação das ideias e pensamentos que animam a alma de cada episódio.

“Intermédio Logosófico” enlaça duas épocas da bibliografia logosófica e encabeça, ao mesmo tempo, a nova série de obras que irão aparecendo em datas próximas.

O estilo logosófico, tão inconfundível, aparece neste livro perfeitamente delineado. Pelo vigor de seu colorido e pelo ensinamento que surge de suas páginas, é indubitável que deleitará o leitor, despertando em sua alma ressonâncias afins que o farão experimentar não poucas sensações de agradável sabor, ao notar estranhas coincidências com suas próprias inquietudes, modalidades e inclinações.

Se a vida do homem não tivesse tantos e tão variados motivos a serem reproduzidos nas múltiplas formas em que se expressa o pensamento humano, talvez não existisse esse incentivo – muito pronunciado no sentir comum – que tem servido a tantas gerações para modelar os traços do caráter e sobressair na beleza do espírito.

A lenda, tal como a fábula, é um gênero literário original e sugestivo. Com força evocativa, faz palpitar na alma do leitor a realidade que surge por trás das formas, aparentemente imaginárias, que se movem

nos bastidores das cenas que apresenta; realidade que assume um verdadeiro aspecto criador quando aparecem novos, penetrantes e sugestivos conceitos, a modo de figuras didáticas de profundo conteúdo. Esta particularidade é a que diferencia, das já conhecidas, a lenda e a fábula logosóficas.

“Intermédio logosófico” contém considerável número de narrativas, e cada uma delas traz em si a vívida expressão que a inspira, substanciada em fatos, seres ou coisas, figurados ou reais. Do mesmo modo que as lendas e as fábulas, estas narrativas haverão de deixar na alma do leitor a impressão grata que causa tudo o que comove, interessa ou ilustra. Inspiradas umas vezes em passagens de sonho e de prazer que exaltam o ânimo ou o enchem de arroubamento, tomam outras vezes caminhos áridos e desolados, em observações psicológicas efetuadas sobre os grandes dramas que o homem vive no curso de sua vida. Dramas tantas vezes ignorados, nos quais aparecem as expressões mais sublimes que se podem arrancar da alma humana em seus momentos de maior amargura, cuja crua realidade faz estremecer as fibras mais íntimas do ser.

A arte deste novo tipo de lendas, fábulas e narrativas consiste em reproduzir – dentro dos justos limites da síntese e em alegóricas figuras – feitos, condutas, tendências e demais motivos que pertencem ao homem e que se consumam no decorrer de toda a sua vida. Nada estranho seria, pois, que o leitor encontrasse, nessa ou naquela lenda ou fábula, personagens com os quais se parece, como também alguma semelhança no motivo, na intenção ou no pensamento que os anima.

O destro atirador geralmente atinge o alvo; mas provará superior habilidade se, ao disparar, atinge muitos alvos de uma só vez. Tendo isso em conta, o autor se inclina reverente e saúda os seus leitores, prevenindo-os de que os projéteis de seu fuzil são pensamentos comprimidos que, ao atingirem o alvo, produzem regozijo por efeito da compreensão clara e feliz do conteúdo proposto no tema.

O Autor

Sonho precursor

Conta-se que certa vez alguém narrou esta bela lenda:

– “Uma noite, sendo eu muito jovem, sonhei que tomava a forma de um pensamento, nas asas do qual me senti transportado ao mundo arquetípico da Criação. Visitei lugares que eram verdadeiras maravilhas, ficando extasiado em cada um deles diante de tanta sabedoria plasmada pelas mãos do Artífice Supremo.

“Mais de uma vez quis deter meu voo para registrar nos arquivos de minha consciência aquelas sublimes imagens, mas as Leis me impediam. Um pensamento-guia, que logo atrás de mim voava, fez-me conhecer o segredo para voltar outra vez a esses lugares tão divinamente formosos. Disse-me:

– “Inevitavelmente, tu deves conhecer as Leis, pois são elas as guardiãs eternas de todos estes tesouros universais.

“Continuei meu voo, atento, desde esse instante, à voz das Leis, enquanto contemplava extasiado, com muda admiração, aquele mundo que tantas grandezas me inspirava. Levando à prática a sugestão do pensamento-guia, comecei por compreender com toda a lucidez os desígnios da Vontade Criadora. Essa instantânea assimilação da imagem que comovia meu espírito fez com que se iluminasse o campo das perspectivas siderais, e, descobrindo a chave para não contrariar as Leis, pude evitar que detivessem minha marcha, ou seja, meu voo através dos espaços infinitos.

“Não recordo quanto durou minha excursão alada, porque nesses espaços o tempo carece de extensão. Cada lugar constituía para

mim uma revelação estupenda, parecendo-me inconcebível que se tivessem plasmado em minha mente as impressões de imagens tão portentosas. Às vezes, nesse ambiente que nunca cheguei a definir com exatidão, sentia temor de extraviar-me; mas a voz inefável do pensamento que orientava meu voo me permitia encontrar novamente a posição sideral acertada.

“Percorri em meu voo grandes distâncias e conheci, em sua trajetória, as coisas mais extraordinárias que a Mente Universal pode conter. Enquanto isso – talvez por sugestão do pensamento orientador –, percebia que tudo quanto minha vista admirava – riqueza inesgotável de um mundo superior – a algo, sem dúvida, obedecia. Alguma razão devia existir para que, elevando-me em épico voo, me mantivesse sereno, suspenso no espaço.

“Possivelmente, seguramente, essa razão existia, e ela me foi sendo transmitida pelo pensamento-guia no curso da viagem. Assim foi como entendi que não devia ser egoísta, reservando só para mim tudo aquilo que admirava, tudo aquilo que tinha conhecido, ainda mais porque tinha a sensação de que tais conhecimentos transcendiam os limites de minha capacidade expansiva, e que minha própria natureza parecia dissolver-se na natureza da Criação.

“Quando regressei, trazendo todo esse imenso acervo de conhecimentos, pedi a quem guiara meu voo que me permitisse seguir sendo pensamento. E me foi respondido:

– “Tu deves ser mente; não pensamento! Tudo quanto viste, quanto conhecestes e admiraste, acha-se dentro de tua própria mente.

“Nesse instante, apagou-se aquele sonho, e imediatamente tive outro.

“Sonhei que o pensamento em que viajava morria; morria como o corpo quando a essência que o anima se vai definitivamente. Vi-o estendido no espaço; estava vazio. Enquanto observava isso, minha mente – oh, maravilha! – ia se iluminando por inteiro, ao projetar-se nela a imagem vívida de todos aqueles lugares tão queridos e tão firmemente ligados à minha vida. Tive a sensação de que eles não se apagariam jamais de minha recordação, ao experimentar, nesse instante, que minha consciência toda se tinha

integrado com os conhecimentos que compunham em sua totalidade as passagens que tanta admiração me haviam causado. Daí em diante, eu poderia, quando alguma daquelas imagens começasse a empalidecer, iluminá-la instantaneamente, bastando recordar os lugares visitados em meu sonho anterior.

“E continuei sonhando... Sonhei que despertava e que, com espanto, contemplava o mundo. Olhei a Terra; observei os seres que me rodeavam e os percebi estranhos. Devia ter-se produzido dentro de meu ser uma mudança tão grande, que sentia como se já não fosse deste mundo. Recordo que nesses instantes brotavam de mim exclamações que minhas frequentes deduções mais tarde confirmaram: ‘Por algo terá sido que tive aquele sonho! Por algo terei voado tanto, visitado inumeráveis regiões da Mente Universal! Por algo me foi lícito saber como foi criado o intelecto humano!’”

O herói desta lenda esclareceu, com efeito, que o misterioso e insondável mecanismo da mente humana, e assim também seu funcionamento e sua consciente evolução, ele os conheceu numa das paragens visitadas em sua estranha excursão.

“Desde então”, prosseguiu dizendo, “estimulado em meu sonho por sentimentos elevados, que exaltavam meu ânimo, predispondo-o à tarefa humanitária de auxiliar o semelhante, comecei a perguntar a uns e a outros se sabiam algo de quanto eu lhes descrevia; mas ninguém me soube responder. Confirmei, desse modo, que eu era o único possuidor de tais tesouros, e que todos os demais seres se achavam muito longe de conceber uma realidade como a que me tinha sido dado conhecer. Imóveis suas mentes, atados todos eles por preconceitos e ideias insensatas, mostravam-se atônitos uns e indiferentes outros.

“Ao comprovar que nenhuma mente humana coincidia de modo algum com o arquétipo que me fora revelado como imagem daquela criada para uso dos homens, senti profunda pena. É que, com o passar dos séculos, aquela criação maravilhosa havia sofrido perdas e defeitos que foram limitando suas possibilidades, a ponto de assemelhar-se às mentes embrionárias próprias daquelas idades

que já se perderam na densa bruma dos tempos. Mentas rudimentares, conformadas mais para as cruas lutas do instinto humano do que para as ideações superiores da inteligência, nelas proliferavam pensamentos subalternos, provenientes de bastardas inspirações, que as poucas exceções não conseguiram atenuar.

“Senti, então, que ia assumindo uma grande responsabilidade. Animado por sentimentos humanitários da mais nobre estirpe, pensei na obra gigantesca que implicava ajudar os seres humanos a recuperar sua mente verdadeira, aquela que foi feita à imagem e semelhança da de seu Criador.

“Quanto tive de lutar, quanta agressividade pude observar nas mentes, quanta incompreensão! Não esmoreci, apesar de tudo, um só instante. Consciente do sacrifício que me havia imposto nesse instrutivo sonho, recorria invariavelmente ao auxílio das Leis, cujo concurso, de extraordinário alcance, resolvia sempre as singulares situações criadas por um labor tão complicado. Ao auxiliar-me, as Leis fortaleciam meu ânimo, sustendo-me a todo instante. Desse modo, e assistido a cada passo por essas incomparáveis preceptoras, iam fluindo dentro de mim forças titânicas, que me incitavam a redobrar meus esforços de artífice.

“Ao despertar de tão extraordinário sonho”, concluiu o narrador, “tive a sensação de que minha vida, iluminada por aquele banho de luz, prolongaria sua visão precursora até o fim de seus dias.”

O fogo como símbolo

Existiu, e isto faz séculos, um sábio que consagrou sua vida a instruir seus discípulos. Homem possuidor de um grande cabedal de conhecimentos, não podia ignorar a fragilidade da natureza humana.

Mais de uma vez teve de censurá-los por seus descuidos ou debilidades, fazendo-os compreender quão importante é fortalecer o espírito e eliminar as fraquezas; numa palavra, infundia-lhes valor para serem fortes.

Assim, ensinava-lhes a maneira de temperar os elementos ou metais internos – constituição psicológica e moral –, e acendia em cada discípulo um pequeníssimo fogo, que este deveria ir alimentando e cujo poder aumentaria à medida que suas faculdades lhe permitissem abarcar com nitidez as concepções de sua sabedoria. Esse fogo iria temperando gradualmente os simbólicos metais e representaria para ele a manifestação de suas potências internas, como energias não apenas volitivas de seu ser, mas também vitais, as quais teriam sua expressão no entusiasmo que acompanharia todas as suas atuações inteligentes e conscientes.

Enquanto o fogo era mantido até chegar a ser inextinguível, o sábio advertia, oportunamente, àqueles a quem dava seus ensinamentos, que não acendessem esse fogo em nenhuma outra pessoa sem que ela tivesse a devida preparação e se propusesse a seguir, como eles, todos os conselhos e precauções adotados, para obter, não somente uma chama viva, de formosas luzes, mas também para que esta, em vez de diminuir, aumentasse progressivamente, até que a iluminação da mente chegasse a ser total.

Prevenia, assim, o perigo que qualquer imprudência faria o participante inexperto e falto de conhecimentos correr.

Mas aconteceu, um dia, que um de seus discípulos desatendeu as prevenções e acendeu o fogo num terceiro; em outras palavras, transmitiu-lhe conhecimentos que aquele, não preparado, não estava em condições de receber, ocorrendo que seus elementos internos se convulsionaram, começando a arder precipitadamente dentro de seu ser toda essa escória que se amontoa pela ação dos vícios e paixões, como resultado de uma vida indisciplinada, alimentada por ilusões, cujos falsos reflexos costumam às vezes confundir-se com as chamas da inteligência, acendidas somente quando o verdadeiro fogo interno é soprado, discreta e oportunamente, pela razão que regula e calcula os efeitos que todo impulso bem dirigido provoca.

Conta-se, a respeito do mesmo episódio, que aquele terceiro, a quem o que desobedeceu quis favorecer tão imprudentemente, viu-se de repente como que iluminado por uma luz viva, e, acreditando se tivesse produzido nele um milagre, foi comunicar o acontecimento a seus familiares e amigos, oferecendo-se, ao mesmo tempo, para acender nestes o fogo que nele ardia; em outras palavras, sentindo-se sábio, pretendeu fazer escola, sem se dar conta dos disparates e incongruências que dizia. Mas aconteceu que não pôde suportar por muito tempo esse fogo que começava a calcinar-lhe as poucas ideias que tinha e, num arranque de desespero, perdeu a razão, caindo no mais espantoso delírio.

Devem-se fazer obras de caridade, mas com inteligência, para que elas não morram ou se petrifiquem no beneficiado, e para que este possa dar prosseguimento ao exemplo daquele que o favoreceu.

As chamas da inteligência, cujos raios luminosos não provenham do entendimento cultivado na experiência e no estudo, são tão artificiais como tudo o que não é natural e real.

Quando estômagos débeis ou doentes ingerem alimentos fortes, sentem imediatamente um fogo irresistível que os atormenta. Também têm seu fogo as paixões, que arrebatam o homem e produzem tantos desequilíbrios nele, quando, voluntária ou involuntariamente,

este se entrega à insaciável fogueira que consome pouco a pouco as energias de seu ser.

O que dissemos explica ou, melhor ainda, descobre o sentido de uma velha prevenção que ainda em nossos dias é frequentemente observada: a de não acender três cigarros com o mesmo fósforo ou fogo, por ser isso considerado sinal de mau agouro.

Este fato, que com frequência provoca receios ou resistências para se receber o fogo de um fósforo em terceiro lugar, e que se reveste de todas as aparências de uma ingênua superstição, tem, como vimos, uma origem que justifica de forma evidente essa apreensão das pessoas.

Há verdades que são como cartuchos de dinamite. Nas mãos da ciência, fazem prodígios: com eles se chega ao veio dos minerais mais úteis, uma vez que as rochas, por duras que sejam, cedem ao império dessa força comprimida que explode ao obedecer à inteligência que a utiliza.

Essas mesmas verdades, nas mãos de néscios e ignorantes, convertem-se em perigosos elementos de destruição, uma vez que podem provocar explosões sinistras, justamente onde a resistência é mínima. Um explosivo, ao detonar, propaga o incêndio a tudo que cai dentro da zona afetada, como seria no caso de ocorrer num edifício ou lugar ocupado por homens ou coisas. De forma similar acontece nos castelos mentais que carecem de consistência: produzem-se ali os incêndios – ofuscação – por contágio, o qual é muito frequente nestes nossos tempos em que a insensatez tem minado grande parte da humanidade.

Por isso as religiões têm tido muito cuidado de não expor ao vulgo certas verdades que elas custodiam zelosamente, pois sabem que, se a gente ignorante chegasse a conhecê-las, queimaria com elas todo o arcabouço que as sustenta; mas não é menos certo que se queimaria ela também.

Jesus e seus apóstolos acenderam nas multidões a chama da fé, que depois, regulada, continuou ardendo por milênios. Chamas similares muitos têm pretendido acender em crentes de diversas

ideologias, mas acontece que essas chamas, ao aumentar inusitadamente até chegar ao descontrole, provocam o insensato fanatismo, que promove reações que explodem de várias maneiras.

Enquanto a chama viva da inteligência – cujos brilhos claros e naturais iluminam os entendimentos –, enche de alegria os corações, o fogo da necessidade produz labaredas que inflamam as mentes até originar o incêndio. A primeira produz prodígios, porque é a força vital que acende a vida de esplendores; a outra queima e destrói a existência, porque é a força cega que escurece as mentes e as consciências.

História de cinco rosas

Fresca e louçã, crescia num parque uma roseira.

Alheia ao ambiente que a rodeava, tomou corpo e soltou formosos brotos, botões de esperança, e, finalmente, rosas de pétalas aveludadas e fresco aroma.

Jasmins, cravos, dalias e jacintos em vão ofereciam suas perfumadas e vistosas flores: a mão do homem sempre procura a melhor entre todas.

Cinco rosas havia naquela roseira.

Um dia, passou por ali um jovem em companhia de sua prometida.

– Quer uma? – perguntou ele, emocionado.

Tomando uma flor entre os dedos, desprende-a de seu talo e, ofertando-a a sua noiva, acompanhou o presente com estas palavras:

– Guarde-a como uma lembrança.

– Não vai beijá-la? – perguntou timidamente a jovem.

– Sim; que ela seja testemunha dos momentos ditosos que neste dia vivemos.

A noiva pôs a rosa numa pequena jarra que tinha em seu quarto. Todas as noites, acariciando-a com suas finas mãos, entre suspiros lhe dizia:

– Minha rosa, minha confidente; se pudesses conservar teu frescor e tua fragrância!...

A rosa parecia responder-lhe:

– Minha vida é tão efêmera como a tua; se não a truncares, conservarás também tu a candura e o encanto de teus anos juvenis.

Transcorreramos dias; a rosa murchoe foi guardada entre os objetos mais queridos da jovem. Quantas lembranças essa rosa conservou! Quantas vezes dissipou desgostos e dulcificou transe amargos! ... Ela, a humilde rosa, foi o símbolo de um idílio que perdurou através das gerações.

Passou também junto à roseira um rapazola presunçoso, cuja única preocupação era enfeitar-se até o ridículo, procurando embelezar sua não muito favorecida figura. A segunda rosa logo estava no ilhós de sua lapela. Ela serviu para luzir a vaidade de um presunçoso; porém, tão logo começou a murchar, com fastio foi jogada a um latão de lixo.

Uma mãe sofrida tomou a terceira rosa e, beijando-a cheia de ternura, abençoando-a com suas lágrimas, a depositou sobre as mãos rígidas de seu filho morto. Sobre sua tumba nasceu um broto, e todos os anos uma chuva de pétalas caía sobre a fria lápide, como se obedecesse a um mandato. Era o pranto da mãe, que cobria de pequeninas folhas brancas o sepulcro.

A quarta rosa foi encontrada banhada em sangue e comprimida contra o coração de um suicida, como triste epílogo de uma tragédia dolorosa.

A quinta rosa permaneceu em seu talo, e todos os anos, quando renascia, costumava contar para suas irmãs a história das quatro rosas. Cada vez que alguém se aproximava, cheia de dor ela exclamava:

– Deus Criador, fazei com que, se devo separar-me de minhas irmãs, minha mãe-planta floresça eternamente, para que seu espírito possa permanecer em vosso Divino Éden!

Alguém perguntou à quinta rosa, a que falava:

– E tu, por que não contas tua história?

– Eu? – disse algo turbada a lendária flor. – Olha os espinhos do meu talo. Eles falam das asperezas e sofrimentos que padeçi. Sou a alma deste corpo. Eu encarno a vida desta planta. Muitos têm elogiado

a formosura de meus rebentos, de dulcíssimos rostos, e muitos já me maldisseram. Nem todas as minhas rosas têm o mesmo destino, nem me podem culpar porque umas têm por tumba uma lata de lixo, enquanto outras, mais afortunadas, repousam sobre um leito de pétalas, berço e sepulcro dos grandes numes que tiveram a rosa por emblema de suas altas concepções.



Não culpem o pai por ter tido filhos que não souberam honrar seu nome. Vejam se, entre os que souberam conservar o selo sagrado da herança, não está estampada a genuinidade de sua invicta estirpe.

Não julguem pelas aparências. As flores costumam guardar segredos tão íntimos que ninguém ousaria profaná-los, a não ser que aceitasse perecer depois de havê-los descoberto.

A gota de tinta

Certo dia, um velho preceptor deleitava com seus contos um grupo de crianças que o escutava com viva e particular atenção. Ao finalizar um de seus belos relatos, cujo lado quimérico talvez fosse excessivo, viu esboçar-se nos rostos de seu infantil auditório um sorriso que de forma clara refletia a dúvida. Como as crianças sabiam que seu preceptor nunca mentia, era natural que se produzisse nelas certa confusão.

Não perdendo nenhum detalhe de tudo quanto acontecia na alma dos pequenos, o bom ancião lhes expôs a seguinte parábola:

– Se eu mostrasse a vocês uma fonte cheia de água cristalina e pingasse nela uma gota de tinta, a água se mancharia? Não, porque desapareceria em seguida, e ninguém poderia dizer que essa gota teve uma existência maior do que o breve instante em que caiu na água. Assim, crianças, aquele que vive e ensina a verdade pode, também, dizer pequeninas mentiras, pois estas nunca poderiam turvar, nem sequer fugazmente, a brancura daquela.

E, em seguida, prosseguiu:

– O mentiroso que alguma vez dissesse uma verdade seria como alguém que jogasse, num recipiente cheio de tinta, uma gota d'água. O que aconteceria? A mesma coisa, embora ao inverso: a gota d'água desapareceria, absorvida pela tinta. Vou acrescentar ao que eu disse mais este outro ponto, de muito fácil alcance para seus entendimentos: quem mente por costume procede como se frequentemente deixasse cair sobre um papel branco, que viria

a representar aquela parte da mente na qual cada um forma o conceito sobre sua pessoa, gotículas de tinta. O que vai acontecer? Vai custar muito apagar as manchinhas que elas deixam, e, mesmo que se consiga fazê-lo, estas nunca desaparecerão completamente.



As crianças compreenderam a moral da história e fizeram firme propósito de preferir sempre a verdade à mentira.

Experiência instrutiva

Desfrutando todos os prazeres, vivia luxuosamente em seu palácio um homem muito abastado. Era dono e senhor da região, em cujos dilatados confins se estendiam bosques e selvas quase impenetráveis, que ele jamais permitiu fossem explorados.

Numa certa manhã de primavera, ordenou que lhe selassem um cavalo com a finalidade de realizar uma incursão através de suas densas matas. Alguém o advertiu de que poderia encontrar animais selvagens, ou mesmo feras temíveis, capazes de pôr em sério risco sua vida. O opulento e soberbo personagem se pôs a rir, tratando-o como um ingênuo pobre diabo, e, com extrema arrogância, enfatizou:

– Eu sou o dono absoluto destas terras. Nada nem ninguém ousará perturbar minha excursão!

Dito isso, partiu a galope. Atravessou uma vasta e formosa pradaria, penetrando em seguida em extensas trilhas, de início salpicadas por escassa vegetação, mas que, pouco a pouco, iam-se estreitando e fechando de forma intranquilizadora. Sem se amedrontar, prosseguiu a marcha durante várias horas. Introduziu-se num espesso bosque e, ao chegar a uma clareira, deteve-se para descansar. Afrouxou a cilha de seu alazão e, extraíndo de seus alforjes diversos alimentos, comeu-os com singular apetite. Aproveitando o convite propício da hora e a tibieza do sol, deitou-se para repousar sobre a fresca relva. Contemplava distraidamente as ramagens retorcidas de uma árvore gigantesca, quando de repente viu deslizar por seu tronco, lentamente, uma víbora descomunal, que, num instante,

tinha se aproximado dele até uma distância temerária. Quando já suficientemente refeito da impressão paralisante que o tomara, o indiscutível dono daqueles matagais sacou seu revólver e o descarregou sobre o temível ofídio até a última bala que tinha.

Sem mais desejo de dormir, sentou-se sobre as peças do arreio de seu cavalo. Mas não era sem fundamento a advertência que lhe haviam feito antes de partir. Com efeito, não passou muito tempo sem que ouvisse o rugido de uma fera, e pôde observar que, de todas as direções, pequenos animais cruzavam a clareira em busca de refúgio. Ergueu-se imediatamente, e um calafrio o comoveu da cabeça aos pés. Excitado pelo medo, o soberbo imperador do latifúndio selou o corcel com invejável rapidez. Partiu a galope, mas, desafortunadamente, tomou um caminho sem saída.

A fera continuava rugindo, cada vez com mais força, cada vez mais perto do ouvido que escutava com crescente desespero.

– E agora, o que faço?, disse para si, cheio de terror. Se subo numa árvore, a fera destrói minha montaria; e, depois, como é que vou embora? Se fico em cima dela, destrói também a mim, pois estou desarmado.

Compreendeu, então, claramente, a enorme diferença que existe entre proclamar-se dono de algo e possuir o domínio desse algo.

Nessa reflexão ele se achava quando, dentre a mata fechada, apareceu a cabeça da fera, cujos rosnados e ameaças com a pata deixavam interpretar facilmente suas intenções. Que fazer? De nada valeriam súplicas e promessas; a fera não atende nem entende razões.

Saltando sobre o cavalo, a fera o matou e devorou com fome feroz. Repleto o ventre, lambia já sem maior apetite os coágulos e restos espalhados, quando, de repente, pareceu reparar no homem, que ali permanecia, rígido como um cogumelo. Aproximou-se dele, contemplou-o por um instante, e dir-se-ia que pensava: “Como sobremesa, você não está nada mal.” Seu apetite, porém, havia ficado fartamente satisfeito. Após alguns segundos, longos como séculos, a fera começou a se afastar sem pressa, virando a cabeça de vez em quando, como que para não perdê-lo de vista.

O infeliz, pasmo de terror, não deixava de maldizer internamente o instante em que lhe ocorreu penetrar, tão mal preparado, em seus domínios. Angustiado pela hora e pelo lugar, crescia-lhe o lamento interno, como as sombras que começavam a cobrir o bosque. Mas a Providência pareceu compadecer-se do desamparado, porque pouco depois apareceram vários homens de sua criadagem, montados e bem providos de armas, os quais, inquietados pela demora de seu senhor, tinham organizado uma angustiosa busca.



Como o magnata do relato, o que quase ninguém pensa é que, para internar-se em regiões desconhecidas, qualquer que seja sua natureza, é preciso tomar as providências e precauções que lhes são próprias. Por isso, quando sobrevêm as dificuldades, muitos se aborrecem e lamentam, sem reparar que é necessário deter-se uma e outra vez, aqui e ali, para eliminar os elementos adversos que enchem de obstáculos a marcha e impedem o claro discernimento sobre as circunstâncias que cercam o explorador.

Pois bem, a via analógica mostra claramente que algo muito similar ocorre com frequência nos bosques mentais. Estes, devido ao abandono de seus donos, cobrem-se de mato e emaranhadas trepadeiras, fechando-se em temíveis espessuras. Não falta quem, ignorante dessa circunstância e recordando a posse dessa extensão interna, decida penetrar nela, e é quando aparece a fera que o devora ou, no melhor dos casos, o faz fugir apavorado.

Herança singular

Havia certa vez um pai que, na velhice, estava acompanhado somente de uns poucos filhos, dos muitos que havia criado.

Um dia, ele os reuniu e disse:

– Meus filhos, com quanta pena vos reúno hoje, pois era meu desejo que todos escutassem minha última vontade.

– Pai – interrompeu um deles, que havia pouco tinha regressado ao seu lado –, não vos aflijais por meus irmãos; eles não merecem vossa recordação. Eu lhes insinuei a conveniência de voltar, e eles não o fizeram.

– É verdade – disse outro –, por serem ingratos, merecem ser esquecidos.

– E se voltarem, afastai-os de vosso lado – insinuou um terceiro.

– Eles perderam todo direito a vossos bens – acrescentou, persuasivo, o quarto.

– Deserdai-os! – disse o quinto.

– Pai – disse o sexto –, eu sei que eles vos difamaram e vituperaram. Deserdai-os, e ainda renegai aquele que roubou parte de vosso patrimônio.

– Eu creio que deveis fazer vosso testamento em nosso favor; para que nada caiba a eles – interveio o sétimo.

Outros mais falaram coisas néscias, até que, por fim, um dos que haviam permanecido em silêncio expressou:

– Pai, eu creio que meu irmão tem razão; fazei vosso testamento, para que eu possa conhecer minha parte e auxiliar, por minha vez,

a meus irmãos extraviados, legando-a a eles, a quem eu ofereceria com isso a oportunidade de reconhecer suas faltas e de amar-vos como eu vos amo; então, eu conseguiria que se arrependessem e venerassem vosso nome.

Vários filhos, acompanhando esse pensamento, assentiram, expressando que fariam o mesmo.

O pai, comovido, respondeu, voltando-se para os primeiros:

– A vocês deixo por herança meus sentimentos de egoísmo, rancor, ira, desprezo e intolerância, que somam grandes emolumentos; para aqueles que se afastaram de mim, deixarei minhas paixões e meus vícios; eles vagarão até perderem tudo quanto têm, até mesmo seus nomes; e para vocês, meus filhos – disse, apontando os últimos –, deixo meu coração cheio de amor e de sentimentos altruístas, e minha mente pura, cheia de sabedoria e justiça. Agora, cada um conhece sua parte. Essa é minha herança.

O rubi

Aconteceu em 1918. Nessa época, um grupo de pessoas hospedava-se num hotel situado entre montanhas, desfrutando animadas férias. Entre os alegres turistas havia um cientista, de origem helvécia, interessado na variedade de minerais e de pedras existentes na região.

Uma noite, enquanto jantavam, anunciou que na manhã seguinte percorreria as pedreiras vizinhas do lugar, à procura de algum rubi que, supunha, ali poderia ser encontrado, como denotavam certas segregações características, cuja natureza se aproximava bastante das que costumam recobrir aquelas pedras preciosas. Os comensais acolheram a notícia com vivo entusiasmo e grandes mostras de prazer, manifestando todos o propósito de percorrer os lugares indicados, à procura de rubis.

No dia seguinte, como era seu costume, o cientista partiu antes de sair o sol e, já na pedreira, deteve-se a examinar cuidadosamente, uma e outra vez, esta e aquela greta, a bater aqui e ali, em vários pontos, até que, finalmente, começou a perfurar com suas picaretas e verrumas os blocos calcários.

Várias horas depois, começaram a chegar os demais participantes da busca, os quais, distribuindo-se a esmo, procuravam quebrar a golpes as pequenas rochas calcárias, desejosos todos de topiar com a reluzente e rubra pedra. Em altas vozes, comentavam sobre tudo quanto haviam imaginado fazer com ela, caso a encontrassem.

Durou aquela empresa vários dias, ao término dos quais o cientista anunciou, com grande júbilo, que havia encontrado o rubi. Exibiu-o ainda recoberto de pequenas camadas calcárias, decoradas com minerais de um tom verde-mar escuro.

Após festejar o que todos chamaram de “a sorte do suíço”, cada um expressou seu pesar por não ter sido o feliz possuidor do precioso mineral.

Alguém, que tinha permanecido observando com atenção a cena, aproximou-se dos circunstantes e lhes disse:

– Esse senhor é um geólogo; a ele, pois, correspondia achar o rubi, em virtude de seus conhecimentos. De posse desses conhecimentos, foi fácil para ele seguir o curso dos veios até achar a pedra cobiçada. Achou-a porque não a procurou ao acaso. A verdade é que tudo tem sua razão de ser, e, devido a isso, as coisas não acontecem por casualidade. Deste modo, para quem possui conhecimentos geológicos, por exemplo, haverá de ser mais fácil descobrir a localização de um mineral do que para quem não os possui.

Como todos escutavam com grande atenção as reflexões do ocasional expositor, este, após breve pausa, prosseguiu:

– O mesmo acontece em todos os domínios do saber. Quem tem um conhecimento pode, por meio dele, descobrir outros conhecimentos, e aquele que os tenha em maior número, pela própria força que emana do saber, atrairá para os domínios de sua capacidade tudo quanto se proponha. No presente caso, o conhecimento geológico fez as vezes de ímã, o qual, aplicado ao objeto da busca, o atraiu sem maior dificuldade. Desse modo, o rubi oculto nas entranhas destas rochas prontamente viu a luz pelas mãos de seu legítimo dono, isto é, daquele que o descobriu por meio do conhecimento.

Mas a coisa não para aí – continuou dizendo –, pois a mente de todos somente concebeu a imagem de um rubi polido e lapidado, reluzindo tons policromáticos, cujos brilhos excitaram a cobiça e cegaram o entendimento de vocês. O geólogo sabia, ao contrário, que haveria de encontrá-lo dissimulado entre escuros envoltórios. E se alguém o tivesse tomado um instante em suas mãos, seria

para jogá-lo fora em seguida, como se faz com tantas outras pedras que, com similar aparência, são abundantes no lugar.



Depreende-se do relato que, quando se vai procurar algo e na sua busca se investe tempo e energia, é preciso o auxílio do conhecimento, para não relegar o intento ao acaso. Tudo obedece a causas e a leis das quais não é possível prescindir, sendo lógico pensar que, a maior conhecimento, maiores probabilidades de êxito haverá em cada empresa. Quem busca às cegas nunca achará o que se propôs a buscar e, se por casualidade tropeça com seu objeto, não percebe a oculta realidade de sua existência ou o afasta de seu lado, ignorando o valor contido em sua aparente fisionomia.

Memórias de um pai

Cabeças veneradas, cabelos encanecidos, sulcos profundos nas frentes: eis aqui três traços característicos das pessoas que vivem muito.

Em seus últimos anos, passam os dias virando as folhas que conseguiram arquivar no arcano de suas recordações. As de sua infância, apagadas e enrugadas, são quase ilegíveis. De vez em quando, a travessura de uma criança, ou alguma frase escutada ao acaso, lhes traz à memória alguma passagem longínqua, e costuma, então, desenhar-se em seus rostos o mesmo sorriso inocente das crianças. Mas as páginas que com maior carinho essas pessoas mantêm junto a seus corações, acariciando-as ternamente, como se quisessem conservar o frescor dos momentos vividos, são as que pertencem a seus filhos e a seus netos.

“Oh, que dias, aqueles”, lembrava um ancião, “de horas aziagas ou de venturosos instantes, em que eu confundia meu pranto ou minhas alegrias com essas crianças que se abraçavam a mim cheias de júbilo, alheias por completo às profundas preocupações de meu espírito, às contrariedades de todo gênero, e aos fortes reveses que o destino me infligia no constante batalhar das lutas diárias, que tive de afrontar e suportar sem outra aspiração que a de assegurar seu porvir, com a doce esperança de evitar-lhes, dentro do possível, os rigores e angústias das situações difíceis que se apresentam no curso da vida!”

Oh! Se a respiração pudesse conter a existência num suspiro piedoso, de doces lembranças!... Mas a Lei te assinala um caminho que deves percorrer sem te deteres. Faz com que os ciclos bons se repitam,

numa sucessão de espirais convergentes, em altas realizações, e verás aparecer, através dos tempos que marcam o ritmo de teus dias, imagens belas, de linhas perfeitas, as quais, quando as interpretares folheando o livro de tuas recordações, te farão sentir o eflúvio das coisas santas, enquanto em tuas têmeoras, marcadas pelo peso dos anos, correrá o elixir dos sonhos de um outro tempo, como faz a brisa perfumada pela fragrância das flores, ao despertar as almas em cada amanhecer.



Eu conheci um desses espíritos, em cujo simples olhar parecia plasmar-se um poema de séculos. Encontrei-o certo dia enquanto narrava passagens de sua vida, precisamente quando acariciava um daqueles episódios que são símbolos do amor paterno.

Veladas pela emoção, as imagens evocadas no relato empalideciam por momentos, para depois tomarem, revestidas de vívidos coloridos e resplandecentes eflúvios, os verdadeiros contornos da realidade, mesmo quando, para favorecer a compreensão do leitor, discretamente se insinuem, ao transcrevê-lo, motivos de inteiro valor ilustrativo.

– “Quantas vezes – balbuciava trêmulo o ancião, velho militar e filósofo – “vi meu filho N lutar intrepidamente contra seu antigo ser! Quantas vezes o contemplei nos momentos em que se estendia sobre seu leito, banhado em pranto, dizendo: ‘Meu pai, me ajude, me ilumine, não permita que eu caia vencido pelo erro!’ E lá ia eu, em espírito, a socorrê-lo, acariciá-lo e ampará-lo, afastando de seu lado a dor que o afligia.”

Recordando seus longínquos dias de militar, quando no comando de fortes contingentes de soldados batera o inimigo, dizia, ao recordar-se de outro dos seus filhos:

– “Muitas vezes tive de admoestar amorosamente meu filho B. Impulsivo e vivaz, queria atropelar o mundo com seu espadim de madeira, cingido ao cinturão de recruta. Era a constante preocupação de seus companheiros, os quais, em mais de uma ocasião, o instaram a conter seus brios. Pouco a pouco, esse filho foi adequando seu ânimo e

temperando o aço de suas convicções, e finalmente, com mais serenidade e certeza, pôde aplicar estocadas à obscura ignorância, essa matrona cruel que pretendia cegá-lo com os artifícios de seu mundo cheio de enganoso.

“Lutou também com grande firmeza e valentia contra os elementos dissolventes que quase se haviam apoderado de seu território humano. Quantas foram as ocasiões em que o vi como que encurralado contra um muro, sangrando e esgotado, fazendo titânicos esforços para não cair abatido por alguma rebelião interna! Dele, como de outros, ouvi o seguinte: Meu pai, salva-me! Não me abandones! E, no mesmo instante, o espadim de madeira tornava-se uma reluzente lâmina de legendária espada. Com que solenidade se apresentava depois ao quartel-general para comunicar sua vitória!

“Recordo que outro de meus filhos veio um dia ver-me, depois de muito tempo de ausência. Parecia um Napoleão, vestindo uma jaqueta de grandes dimensões, presa com alfinetes. Tinha o topete levantado e, amarrados ao peito e às costas com fitinhas de cor uns quantos diplomas e algo assim como condecorações ou, mais propriamente, desenhos de medalhas. ‘Meu pobre filho!’, pensei, condoído. ‘Por quantos lugares terás andado para ostentar esse mostruário de títulos que exhibes como méritos conseguidos no campo de batalha!’

“Esse filho novamente ocupou o lugar que tinha deixado vazio ao partir. Mas trazia certos hábitos tão arraigados, que tive de admoestá-lo em muitas ocasiões, reprimindo seus gestos napoleônicos.

“Certa vez o enviei para render um de seus companheiros de armas que comandava um esquadrão sitiado, embora bem entrincheirado e protegido pela artilharia. Pouco tempo depois, recebi um comunicado, assinado por ele, que dizia assim: ‘O fortim desaba, metralhado pelo inimigo; não há esperanças de salvá-lo do desastre.’ Ante essas palavras, fui ao *front* e, vendo meu bom ‘Napoleão’ em plena Waterloo, quando nem sequer se avistava o inimigo, tirei-lhe a jaqueta e demais roupagens artificiais e lhe dei um velho capote de soldado raso. Suportou com bastante inteireza a prova e se pôs a marcar passo com um fuzil no ombro... feito de um cabo de vassoura!

“Ah, que dias, aqueles! Dias de inocente infância! Dias inesquecíveis da primeira idade!... Quando hoje vejo esse filho convertido num destre capitão, sinto que me corre pelas veias o justo prestígio de minha nobre estirpe.

“Permitam-me”, repetia de vez em quando, enxugando algumas lágrimas que lhe caíam dos olhos, “recordar esses dias benditos, para que se renove na minha mente o pensamento daquelas horas tão gratas para meu espírito.”

Tirando dentre uns velhos papéis uma carta, o narrador continuou seu relato, contando o que outro de seus filhos lhe tinha escrito certa vez:

“Pai!”, dizia o manuscrito, “hoje a vida transcorre plena, intensa, veloz... Anos em dias... Parece que os tempos estão em tuas mãos. Sou consciente de que transpus minha vida anterior. De uma monótona tristeza, passei a uma sublime alegria; de um navegar sem rumo, a uma rota definida; de uma noite escura, a uma de resplandecentes estrelas; de um mentir torturante, a uma piedosa e perene verdade; de um eterno morrer, a um ressuscitar maravilhoso. Sou consciente de que és meu pai. Sei que minha vida de ti provém e a ti eu a devo.”

Recordando-se depois de outro filho de caráter muito divertido, relatou alguns episódios que mostravam o bufão em suas pitorescas situações.

– “Cada vez que me viam sério por causa de alguma das travessuras que com frequência faziam, os demais rapazes o mandavam até mim para que me fizesse rir com suas graças, dizendo-lhe: ‘Está aborrecido; vá lá ver o que está acontecendo.’ Somente quando notavam meu semblante mudado é que se iam aproximando, um após o outro, com umas caras de inocentes que, na verdade, me desarmavam.

“Um dia ele entrou em meu escritório e me disse: ‘Pai, lá fora está um amigo meu que enfiou na cabeça a ideia de querer ver o diabo. Eu o trouxe para ver se tu podes lhe tirar isso da cabeça.’

“Impressionou-me tanto a cara de susto que meu filho trazia”, acrescentou o bom velho, “que concordei em recebê-lo. Tão logo o possesso entrou, comecei a interrogá-lo. Tinha lido tantos livros estranhos que, no fim, por sugestão desses mesmos livros, lhe ocorreu

que precisava ver o diabo; para conseguir isso, fez tudo quanto esses livros indicavam, sem obter resultado algum. Subitamente, enquanto estava falando, interroguei-o energicamente: ‘E para que queres ver o diabo? Não vês que o levas dentro de ti?’ E, pondo-o em frente de um espelho, disse-lhe: ‘Olha que cara tens!’

“Foi tal a impressão que recebeu, que, na verdade, se viu com fisionomia de diabo, e quis fugir; mas meu filho o segurou pelo paletó e o deteve. ‘Espere um pouco’, disse-lhe, ‘como é que você vai saindo assim, sem se despedir?’

“Aquele foi uma cena que faria rir até uma múmia. Tinha pensado tanto aquele homem no diabo, que, ao se ver no espelho, sua imaginação projetou sobre ele a figura obsessiva, de capote vermelho e longo tridente.

“Que coração de pai”, repetia o ancião, “não se enternece ao contar aos próprios filhos os dias da infância?!...” E, após uma longa pausa, durante a qual guardou profundo silêncio, prosseguiu: “Eu tinha um outro filho que era um conjunto de virtudes. De inteligência clara e modalidade tão doce como terna, sentia por seu pai uma adoração e um respeito que comoviam.”

Ao chegar a este ponto, a sonora e penetrante voz daquele homem venerável pareceu extinguir-se num soluço, tal era a emoção que o embargava.

– “Que filho tão bom!”, continuou. Percebia com aguda penetração o que a outros passava inadvertido, e auxiliava sempre seus irmãos, fazendo-os compreender, com palavras firmes e convincentes, o que ele tinha intuído e em que oportunidade. Sempre estava disposto a servir aos demais, e, após cada obra boa que fazia, seu olhar se iluminava, deixando transluzir a felicidade que experimentava, a qual suavizava muitos desses instantes em que a alma o fazia pressentir sua partida. Quantos se chegaram ao seu leito de enfermo, procurando sua palavra boa e prudente para amenizar as agitações de seus espíritos!... O que seus lábios diziam, penso que ainda segue vivendo no coração daqueles que o escutaram. Que teu sono seja benigno, meu filho, enquanto tua cabeça repousa sobre o travesseiro de tuas noites mortais, para que, quando despertares, teus olhos contemplem o céu imortal de um dia sem crepúsculo!

“Um dia”, prosseguiu o venerável ancião, tirando uma folha amarelada de um de seus bolsos, “recebi a carta de um rapaz que me pedia para adotá-lo como filho. Nela ele expressava o seguinte: ‘Senhor, ilumina meu cérebro e enche de bondade meu coração! Implorei muitas vezes e nunca tive resposta. Tenho estado extraviado entre as coisas humanas. Busquei a luz e ninguém soube me explicar por que havia luz no vale.’ Um ano depois que eu o havia tomado sob meus cuidados, entregou-me umas linhas que diziam assim: ‘Um ano! Como o tempo passa! Quem fui ontem? Quem sou hoje? Faz um ano que a mensagem chegou ao meu coração. Senhor, dá-me de teu pão, que é alimento de vida, e de teu vinho, que é de videira. Estou cego, Senhor, dá-me luz! Assim clamei, e tu chegaste e me deste de comer o pão de vida e de beber o vinho de tua videira. Quantas vezes pensei: Quando tu chegares, abrir-se-ão as pétalas das flores que dormem no coração o sono triste de um dia sem sol. Vestirás a túnica branca e atapetarás com flores de acácia o caminho por onde Ele vier, e o receberás como a teu rei e soberano. E tu chegaste e me disseste: Vem para minha mesa procurar o teu lugar. E, desde então, como do teu pão de vida e bebo da tua fonte de água bendita.’

“Inúmeras vezes ele me expressou, em seus momentos de tribulação: ‘Eu sempre estarei contigo! Eu sempre serei teu!’ Cheguei a querer-lhe como a um filho e lhe dispensei toda a minha confiança. Um dia, cego pela soberba e esquecendo suas promessas de outrora, traiu-me e, subtraindo relíquias que eu conservava como lembranças de muitos afetos, foi-se de meu lado, não sem antes ferir os sentimentos de meus bons filhos.

“Ingrato!”, murmurou com voz grave o ancião, após uma breve pausa em que parecia conter uma reprovação. “Levarás sobre tua fronte o estigma fatal dos que não podem inscrever seu nome no livro dos bem-aventurados!”

Assim terminou o venerável narrador desta lenda, enquanto enxugava com um lenço branco a fronte molhada de suor e os olhos umedecidos.



Ah! Se a cinza de tempos extintos, que oculta o lume de passadas gerações, revelasse o segredo da chama ardente que avivou tantas

almas e consumiu tantas existências, você, leitor amigo, inclinar-se-ia reverente para exclamar, profundamente comovido: “Senhor, afasta de meus olhos e de meu entendimento tudo o que eu não seja capaz de ver nem compreender, para que minha razão não se turve e meu coração não sofra os tormentos da alucinação!”

O avaro

Observando de perto o que acontecia numa pequena vila, vi que ela era habitada por seres que viviam a vida tranquila das montanhas.

Somente um deles, o mais rico de todos, era conceituado pelas pessoas como déspota, por causa de seu mau coração. Tinha, para sua desgraça, todos os defeitos imagináveis. Seu deus era o dinheiro, porque lhe dava poder sobre os demais.

Todos os que viviam na região eram afetados direta ou indiretamente por sua ilimitada autoridade. Os prejudicados, que costumavam ajudar-se entre si, pensavam que aquele que mais tinha era sempre o que menos dava.

Tanta era sua avareza, que despojava os demais de seus bens, submetendo-os a seu poder. Punha preço em tudo e, por meio de seu dinheiro, tudo conseguia.

Morava também naquele lugar um moço bom, verdadeira alma de Deus, segundo o povo. Tão bom era, que nada pedia para si; ao contrário, dava até o que não tinha.

Certo dia, o senhor da comarca adoeceu gravemente. Os médicos disseram que, para salvá-lo, era preciso submetê-lo a uma transfusão de sangue. O avaro ordenou, imediatamente, que fossem buscar alguém que, voluntariamente e a qualquer preço, lhe proporcionasse o precioso elemento; mas aconteceu que ninguém lhe quis prestar aquele serviço.

Compreendeu, então, que essa era a única coisa que não tinha podido comprar com seu dinheiro. O infeliz não havia pensado que,

em vez de pedir com orgulho a venda do sangue, devia ter implorado essa ajuda, primeiramente a Deus, e depois aos homens.

Ao inteirar-se daquele incidente, o bom moço apressou-se a oferecer seu sangue para auxiliar o doente. O gesto piedoso de seu providencial salvador comoveu, em tão aflitivo transe, o endinheirado, que o mandou buscar em sua melhor carruagem. Mas o jovem já tinha empreendido a pé a caminhada para o castelo, e no trajeto foi picado por uma cobra venenosa.

Ao chegar ao destino, contou o que lhe havia acontecido aos médicos que assistiam o paciente, os quais imediatamente se apressaram em extirpar-lhe o mal. Terminada a operação, cheios de pena, exclamaram que era impossível salvar a vida do enfermo, porque o sangue do rapaz estava envenenado.

O avaro morreu, mas o piedoso jovem, após um delicado tratamento, teve salva a própria vida.

Termina assim esta passagem, que oferece um sugestivo e profundo ensinamento.

O valente

Existiu em certo país, faz muito tempo, um homem que despertava a admiração geral por sua indiscutível valentia. Nada nem ninguém o detinha ante o perigo, qualquer que fosse. Sempre transpunha os obstáculos – homens ou feras – que se opunham ao avanço de seus pés invictos. Era respeitado e, ao mesmo tempo, temido.

Não obstante sua admirável condição, numa oportunidade, para o espanto de todos, foi visto abatido e triste. Nesse dia, alguém que costumava conversar com ele lhe perguntou com incontida e angustiante curiosidade:

– Meu amigo, você pode me dizer o que lhe aconteceu? Não é possível supor que...

O valente, elevando com firmeza o olhar para dar mais vigor a suas palavras, interrompendo-o, respondeu-lhe num tom de amargura:

– Tenho lutado e vencido sempre. Jamais conheci o temor, você bem sabe, nem fui detido por perigo algum. Mas hoje conheci alguém a quem temo: o único homem que realmente me inspirou medo.

– Mas quem é esse homem que pôde infundir inquietação em você, o maior de todos os valentes?

O grande batalhador, baixando a cabeça, respondeu com pesar:

– Eu mesmo.



Eis uma realidade que sempre fez e fará mais de uma criatura humana refletir, a partir do instante em que resolve ter em mãos as rédeas de suas próprias reações inferiores.

O apressado

Entre os milhares de matizes pitorescos que contornam a psicologia humana, nenhum é tão curioso e extravagante como a impaciência, quando se manifesta com o perfil da pressa.

A memória dos fatos observados faz recordar um personagem que vivia em constante agitação. Tomava o café da manhã apressadamente, pondo-se intolerável se num instante não fosse servido satisfatoriamente, embora depois demorasse duas horas lendo o jornal. Saía de casa com invariável pressa, irritando-se com qualquer demora ou contratempo que o impedisse de chegar rapidamente ao seu serviço habitual. Mas não levava em conta o tempo que tardava para começar a trabalhar.

Andava pelas ruas como quem cumpre urgentes diligências, e, cada vez que encaminhava um assunto qualquer, sempre se referia à escassez de seu tempo, protestando com ira quando alguém demorava um minuto para atendê-lo.

Dava a impressão de sempre estar ocupado com assuntos importantes, embora nada lhe impusesse urgência para ter tais pressas; ao contrário, muitas vezes era visto perdendo lamentavelmente o tempo em coisas pueris ou em conversas intranscendentes.

Durante sua juventude, começou uma e mais vezes diferentes carreiras universitárias, sem conseguir nunca formar-se em nenhuma delas, pois que, tão logo começava seus estudos, apoderava-se dele uma voraz ansiedade por concluí-los quanto antes, de tal forma que, não podendo conter seu apressamento, decepçionava-se, deixando

truncado seu propósito. De igual modo atuava, enfim, com tudo o mais, sendo sua vida, por causa dessa deficiência, uma constante sucessão de desventuras.

Alguém, certo dia, fez com que ele notasse sua lamentável falha, e com tanta clareza, tino e acerto, que, ante a visão mental do desafortunado personagem, rodou integralmente o filme monótono de sua vida, fugazmente vivida, penosamente desaproveitada, na qual sobressaíam projetos malogrados, lacunas sem preencher, anelos e esperanças sem satisfazer, ansiedade indefinida por coisas que jamais puderam ser concretizadas.

O pranto começou, então, a correr pelas linhas de sua face sombria. Mas a voz amiga convidou-o a contemplar o quanto ainda ele tinha por viver, e, ao lhe indicar a forma de administrar seu tempo vindouro para recuperar o que jazia no passado, incitou-o a praticar durante alguns meses um novo método de vida e a forjar uma nova concepção da existência: “Deves começar por estimá-la e valorizá-la como algo transcendente”, disse-lhe; “como uma oportunidade que terás de aproveitar até o último suspiro, procurando enriquecê-la a cada dia com mais amplos e valiosos conhecimentos. Isso te proporcionará muitos momentos felizes, tonificará tuas energias com novos e fecundos entusiasmos, com estímulos precursores de férteis esforços que te aproximarão cada vez mais das fontes inesgotáveis da Vida Universal.”

Com essas reflexões, cuja extensão e profundo conteúdo contrastavam claramente com sua vida estéril e agitada, cheia de urgências vãs e carente de realizações concretas, o infeliz personagem, compreendendo seu erro, decidiu-se a frear seus arranques impulsivos e a começar uma vida nova, mais consciente, mais sensata, mais positiva.

Anos mais tarde, o ex-apressado comentava com verdadeiro prazer o episódio narrado, confessando que a mudança de compreensão sobre a vida, operada nele, fazia-o experimentar a sensação de estar aproveitando inteligentemente não só o tempo de toda uma vida, senão o de várias ao mesmo tempo.

Conto árabe

Conta-se que lá pelos tempos de Abad el Kabir havia um príncipe que era a personificação da soberba, do orgulho, da vaidade e do egoísmo. Certo dia, montou a cavalo e, diferentemente de outros dias, não permitiu que o acompanhassem. Tinha ouvido dizer que, num bosque não longe dali, existiam lugares onde quem não fosse muito experiente se perderia sem poder mais encontrar a saída. Não obstante isso, encaminhou seu corcel para o bosque e nele penetrou decididamente. Seu grande amor-próprio não permitia conceber que houvesse inteligência que superasse a sua, e assim foi como disse a si mesmo: “Para que preciso de ajuda, se eu posso conhecer melhor do que todo o mundo os labirintos do bosque, e dele sair quando me aprouver!”

Uma vez no coração mesmo daquelas frondosas florestas virgens, deteve seu corcel para contemplar extasiado as maravilhosas paisagens que se ofereciam à sua vista.

Pouco a pouco, indo e voltando de um ponto a outro segundo o permitia a densidade do bosque, foi se afastando do caminho por onde tinha penetrado.

De repente, disse consigo: “É hora de voltar”, e esporeou seu cavalo, lançando-o a galope.

Muitas vezes teve de mudar de rumo, retroceder e prosseguir a marcha, ao perceber que tinha errado o caminho.

Anoitecia. Já fatigado, sedento e debilitado por tantas horas passadas sem provar alimento, pensou alarmado: “Se a noite me surpreende aqui, morrerei de medo.”

Logo sua mente começou a ofuscá-lo, e, em tal estado, ora clamava, ora reprovava a própria torpeza. O cavalo, que nada sabia de tudo quanto acontecia a seu dono, ao sentir que as rédeas estavam descuidadas, prosseguiu a marcha levado por seu instinto.

– “Oh!, se Deus me salvar, pedirei ao Rei, meu pai, que conceda a primeira coisa que me for pedida!” – e, assim dizendo, começou a chorar amargamente.

Enquanto isso, o cavalo, que já tinha encontrado a trilha perdida, relinchou satisfeito. Isso produziu um forte sobressalto no príncipe, que, vendo o animal cheio de alegria, acariciou-o, dizendo-lhe:

– Se me salvares, eu te cobrirei com minhas vestes e te cumularei de atenções.

Pouco depois, ouviu ruídos, vozes e exclamações de júbilo: havia chegado ao lugar de saída, onde todos o esperavam cheios de ansiedade e angústia.

O Rei o recebeu em seus braços e o beijou.

– Meu filho, como você é inteligente! – disse –; já sabíamos que não se perderia.

– Não, pai, inteligente foi meu cavalo – respondeu o príncipe, indicando-o –, e eu lhe prometi que, se ele me salvasse, o vestiria com minha indumentária.

– Cumpra-o! – replicou o Rei, cheio de satisfação ao ver seu filho com tão humildes pensamentos.

Os cavaleiros levaram o animal até o estábulo, adornado com a casaca, o gorro, o cinturão e a espada do príncipe.

Conta-se que, desde esse dia, o príncipe foi cordial, bom e altruísta, recomendando a todos que fossem humildes e não desestimassem nunca os conselhos de seus maiores, ainda que viessem daqueles de mais singela aparência ou condição.

Dentro em pouco, e em memória desta lenda, os camponeses passaram a vestir seus cavalos com arreios e adornos os mais vistosos, cuidando deles mais que de suas próprias vestimentas.

O drama do sapo

Num entardecer, encontrava-se um sapo comendo todo inseto que achava em seu caminho, quando, de repente, ao observar um grande e robusto que andava por ali, pensou: “Está para mim! Vou me servir um lauto banquete!”

E, dando dois ou três saltos, cumprindo sua intenção, quis engoli-lo inteiro; entretanto, como o bicho era maior que sua garganta, engasgou. Em vão fez esforços para tragá-lo, pois o inseto, que tinha um bom ferrão e patas de serra, começou com toda a fúria a espetar-lhe a língua e a machucar-lhe o céu da boca. Mas o sapo, obstinado, não quis largar sua presa e, depois de um desesperado esforço, acabou por engoli-lo. Quase no mesmo instante, viu-se que ele se pôs a fazer movimentos que lhe eram pouco habituais: dava saltos, caía de costas, retorcia-se e revirava os olhos, denotando um sofrimento atroz. Enquanto isso, o bicho continuava ferroando-o por dentro... até que, finalmente, em violentas contorções, o sapo preferiu fazê-lo voltar por onde havia entrado.

O inseto estava intacto e, tão logo se sentiu livre, subiu sobre uma pequena pedra para se secar. Dolorido e mal-humorado, o sapo o olhava com rancor, até que decidiu regressar à sua cova e ficar quieto.



Isso é o que acontece aos que dão cabida em suas mentes a algum pensamento estranho. Depois, custa-lhes livrar-se dele, e, se o conseguem, não deixam por isso de sofrer as consequências de suas terríveis e venenosas alfinetadas.

O país dos sonhos

De época em época, de idade em idade, vinha-se falando por todas as partes sobre um país que ninguém conhecia, mas que, segundo referências dos antepassados, existia em certo lugar; daí que fosse chamado de País dos Sonhos, como bem poderia ser, também, o que foi denominado a Mansão dos Deuses, o Paraíso, o Céu, etc.

Muitos foram os que anelaram descobrir a localização de tão sonhado país.

Surgiu, então, uma quantidade de filósofos em cada um dos povoados, dizendo que o conheciam e que podiam guiar os homens até ele. Traçaram uma série de rotas, deram uma lista de nomes a cada uma dessas rotas e, a pedido, muita gente se alistou para segui-los; entretanto, numa infinidade de vezes, quando estavam por empreender a marcha, e mesmo estando já a caminho, aconteceu que aquele que tinha assegurado que poderia ser o guia, de repente se apercebia de que a empresa era muito arriscada e que o itinerário traçado talvez não servisse mais do que para extraviar a ele mesmo. Assim foi como esses filósofos, em sua maioria, assustados com as próprias invenções, e depois de fazerem com que aqueles que os seguiam estudassem o idioma que supunham fosse falado nesse país, diziam-lhes que, com ele, cada um tratasse de encontrá-lo por si mesmo.

Não obstante, de um ponto a outro de cada continente corriam as sedutoras teorias desses seres; o famoso país, porém, jamais foi encontrado.

Mas as pessoas seguiram pensando em sua existência, a tal ponto que a mistura de todas essas versões que, desde antiquíssimas idades, vinham rodando pelo mundo, fez com que a mente humana forjasse a imagem desse país da maneira mais absurda e extravagante possível.

PRIMEIRA IMAGEM

Um lugar qualquer, povoado de gente. Um mar imenso.

Dentre a multidão aparece um homem animado por uma firme resolução: a de lançar-se ao mar em busca do país sonhado.

Solitário, incógnito, encaminha-se para as margens do mar; contempla a imensidão incomensurável e medita sobre o que resolveu fazer. O povo não repara nele, e o homem volta e se mistura de novo com a multidão.

Pergunta a um e a outro o que sabe sobre esse país, e cada um lhe relata, de acordo com o que acredita saber, quanto supõe a respeito dele.

Também lhe contam o ocorrido àqueles que se aventuraram na empresa de ir rumo a ele e que, depois de empreenderem a viagem, não regressaram jamais.

– Um deles – dizem-lhe – quis cruzar o oceano; levou consigo uns quantos ilusos e, depois, não se soube mais dele nem dos que o acompanhavam. Um outro chegou a reunir muitíssima gente, mas, pouco tempo depois de terem partido, voltaram trazendo um baú de desilusões, isto é, regressaram completamente decepcionados, dizendo que não haviam encontrado nada.

O homem foi então perguntar aos doutores o que eles sabiam acerca desse país; e os doutores, vendo-o humilde, lhe disseram:

– Esse país não existe; é uma fantasia. Mas é preciso manter essa fantasia, a fim de que o povo viva de algo.

E era assim que, para uns, o país existia, e, para outros, não existia.

Em vista dessa diversidade de pareceres, e não havendo encontrado um só que lhe desse uma explicação clara, o homem se afastou

da multidão e foi em busca dos elementos necessários para pôr em execução seus projetos.

Subiu a um monte, cortou árvores, serrou as madeiras e as deixou empilhadas. Em seguida, proveu-se de pregos e ferramentas, assim como de outros apetrechos, e foi pondo tudo junto às madeiras.

As pessoas que passavam pelo lugar olhavam espantadas o que ele fazia, e murmuravam:

– Este homem está louco.

Sem se preocupar com isso, e depois de adquirir o que lhe faltava, inclusive um martelo, o homem começou a construir uma barca, trabalhando tranquilamente, sem interromper seu labor nem de dia nem de noite.

Estava entretido, martelando tábuas, quando um dos que por ali passavam lhe disse:

– Escuta, bom homem, por que não perguntas ao senhor Diego como se faz uma barca? Ele te ensinará a fazê-la bem.

O homem levantou a cabeça, escutou, e depois seguiu trabalhando.

Passou um outro e lhe disse:

– Fazendo uma barca? Mas se existem estaleiros que fazem encouraçados!...

– Alguma vez já fizeste uma barca? – perguntaram outros.

Todo o mundo se achava no direito de aconselhá-lo, de opinar e de lhe indicar como deveria fazer a barca; porém ele, tranquilo, continuava martelando.

Tão logo concluiu a base, começaram a dizer:

– Mas ele a fez ao contrário! Este homem está louco!

E todos que por ali passavam diziam a mesma coisa; mas ele seguia empenhado em seu labor.

Quando terminou a parte que fica debaixo d'água, fechou-a e começou a fazer a parte superior. Fez depois a barca deslizar até a água, e, vendo que flutuava, as pessoas se perguntavam:

– Será possível que este homem tenha podido fazer uma barca, e que ela já esteja flutuando?

E, enquanto os demais seguiam fazendo conjecturas, ele prosseguia seu trabalho, empenhado em terminá-la.

Não faltavam os que ainda continuavam lhe dando conselhos.

Quando estava por terminá-la, esses mesmos foram perguntar-lhe como a tinha feito, e o homem, para não perder tempo em explicações, respondeu-lhes:

– Eu a fiz com os conselhos de vocês.

Desse modo, todos saíram tranquilos.

– Viram só? – repetiam. – Se não fosse por nós, ele não a teria feito.

Mas, como sabiam que seus conselhos careciam de valor, consigo mesmos eles diziam: “É um verdadeiro mistério: a barca flutua!”

E começaram a formar grupos e a murmurar entre si:

– Mas eu lhe indiquei de outra maneira! Eu não lhe disse que a fizesse assim!

E dessa forma passavam o tempo.

O homem, enquanto isso, continuava seu trabalho tranquilamente.

Depois, ao verem a barca já concluída, quiseram fazer uma travessura, pintando garatuja nela; mas aconteceu que a tinta não se aderiu a ela. Estava revestida com uma pasta inalterável!...

Voltaram, então, a murmurar, perguntando-se como era possível que um ignorante tivesse feito semelhante barca. Um deles propôs:

– Vamos pedir a ele que nos deixe subir?

Assim o fizeram, e o homem lhes respondeu:

– Está bem; podem subir, mas somente até o convés. Não poderão passar para a parte de baixo, porque lá estão os motores.

– Tem motores!... – exclamaram, pálidos de assombro e com certo temor. – E como fizeste para colocá-los?

O homem não respondeu.

Quando subiram à barca, confirmaram que ela era sólida e formosa. Começaram, logo em seguida, os mexericos e os comentários sobre o motor.

O homem, que a tudo isso observava, foi deixando que cochilhassem entre si.

No dia seguinte, voltaram para ver se ele lhes mostrava o motor.

– Como vocês têm medo, não será possível – respondeu-lhes.

Mas, com medo e tudo, a curiosidade foi mais forte, e subiram.

– Se és bondoso e nada tens a ocultar – disseram-lhe –, mostra-nos o motor.

Enquanto estavam nisso, o homem acionou um mecanismo e a barca se pôs em movimento, afastando-se da costa.

– Volta para terra!... – gritaram, desesperados.

O homem acionou outro comando e a barca encostou de novo na margem.

Como reação em cadeia ou mexerico de mentecaptos, correu a notícia desse fato entre os habitantes do lugar, e ninguém mais quis se aproximar da barca, pensando que era obra de um louco.

Entretanto, ela estava bem construída.

Vendo que ninguém se aproximava, o homem internou-se novamente na multidão e começou a dizer:

– Perguntei a todos sobre a localização de um país que desde milênios se diz que existe; de um país chamado Paraíso, Céu, etc., e ninguém soube me dizer como é nem onde está.

Enquanto isso dizia, todos o escutaram com atenção, mas depois se puseram a rir quando ele acrescentou:

– Eu conheço esse país, e quem quiser conhecê-lo venha comigo.

– Muitos já disseram a mesma coisa! – alguns responderam, com incredulidade.

– E esses que disseram a mesma coisa – perguntou ele –, de que forma pretendiam guiá-los até ele?

– Um alugou um magnífico vapor e nos disse: “Subam, eu conduzirei vocês a esse país, pois conheço a rota e me será fácil chegar a ele.”

– Outro alugou uma carroça.

– Pois eu não alugarei nada nem comprarei nada; quem vier comigo será levado numa barca de minha propriedade. É de minha própria invenção e especialmente construída para tal fim.

Todos reconheceram que esse homem tinha algo de diferente em relação aos demais, mas temiam ir com ele, porque pensavam que lhes podia suceder o que a outros sucedera. Contudo, entre comentários

e gestos de dúvida, subiram à barca uns sete ou oito. Os restantes, somente dispostos a subir se lhes fosse revelado, para estarem mais seguros, certos segredos da maquinaria, abstiveram-se.

O homem perguntou pela última vez se alguém mais queria acompanhá-lo, mas ninguém aceitou. A barca desfraldou então suas velas majestosas e logo começou a sumir de vista.

SEGUNDA IMAGEM

Sentado no convés do navio, o homem contemplava o firmamento.

Os que o acompanhavam, vendo que se afastavam da costa, vieram até ele e lhe perguntaram:

– Estaremos seguros? Chegaremos a esse país?

– Não entendo, não compreendo – respondeu ele.

– Mas, como!... – exclamaram, assustados. – Não falavas agora mesmo como nós?

– Não entendo, não compreendo – voltou a responder.

Um tremendo pânico se apoderou de todos.

– Mas diz uma coisa: não falavas como nós?

– Não entendo, não compreendo.

Ao pânico uniu-se o desespero.

– Não há nada que fazer – diziam entre si, amargamente. – Tinham razão os que afirmavam que ele era um louco.

Vendo-os nesse estado, o homem levantou-se e lhes disse:

– Falarei ainda três minutos no idioma de vocês. Como temos que ir a um país onde se fala uma linguagem completamente diferente da que estão acostumados a falar, é necessário que vocês esqueçam a que usam e se disponham desde agora a aprender a outra linguagem, acostumando-se a falá-la. Para tanto, nada melhor que guardar silêncio por algum tempo; enquanto isso, eu lhes vou ensinando a conhecê-la.

Todos respiraram aliviados.

Depois desse incidente, deram-se conta de que havia muita segurança no que dizia e fazia aquele homem misterioso.

Chegou a noite, e quando a tripulação ia se deitar, ouviu-se o toque

de uma grande sirene. Imediatamente pensaram que a barca estava afundando, e acorreram com grande diligência à coberta. Apareceu então o homem, que lhes manifestou:

– Quero vê-los sempre assim: ágeis, dispostos em todo momento a trabalhar. É necessário ir desde agora se acostumando às modalidades do país ao qual nos dirigimos.

E começou a dar-lhes ensinamentos; mas, ao fim de duas horas, todos se achavam cansados e muitos dormiam.

O homem que tudo isso fazia, e que era o Capitão da barca, aconselhou-os a estar sempre o mais despertos possível; que se acostumassem a ter o sono leve, porque havia perigo de que a barca naufragasse.

Ante o temor desse perigo, os tripulantes concordaram em seguir o conselho.

Enquanto isso, o homem continuou instruindo-os, a tal ponto que cada um logo soube por si mesmo suas obrigações.

Assim, chegaram ao primeiro porto, e nele a barca atracou.

As pessoas, curiosas, em seguida foram vê-la, atraídas por seu aspecto estranho, pois as velas pareciam estar ao revés, a âncora para cima e tudo o mais ao contrário.

E também ali começaram os murmúrios.

O homem, reunindo os tripulantes, lhes disse:

– Vocês têm licença para descer. Podem informar aos habitantes desta cidade que vamos de viagem em direção a esse país do qual tanto se tem falado.

Os novos marinheiros desceram a terra e todas as pessoas os rodearam, desejosas de saber quem eram e para onde se dirigiam, explicando-lhes eles que iam de viagem ao País dos Sonhos. Os seres que os escutavam se olhavam uns aos outros e, tomando-os por loucos, zombaram deles.

Alguns, desmoralizados, voltaram à barca dizendo que estavam enganados, e que as pessoas lhes haviam feito compreender que seria uma loucura aventurar-se numa viagem como a que estavam fazendo.

O homem lhes manifestou, então, que aqueles que quisessem ficar em terra poderiam fazê-lo, e que os demais voltassem à cidade, pois

podia ser que houvesse quem quisesse acompanhá-los na viagem.

E, quando se ausentaram, o dono da barca desceu a terra.

Os curiosos que, admirados, se haviam detido para olhar a estranha barca, começaram a lhe fazer perguntas. O Capitão lhes deu algumas explicações e, ao final, comunicou-lhes que partiria no dia seguinte, e que não havia inconveniente em levá-los, se quisessem acompanhá-lo.

Alistaram-se por volta de uns trinta. O Capitão fê-los passar a um salão sobre o convés e recomendou-lhes permanecer ali até que a barca partisse.

Aqueles que tinham ido à cidade em busca de mais pessoas regressaram completamente desmoralizados, dizendo que não haviam encontrado um só ser disposto a segui-los.

– Não importa – disse-lhes o homem. – Desatem os cabos; vamos partir. Há na barca umas trinta pessoas que me vieram pedir que as deixasse subir.

A admiração dos marinheiros não teve limites. Eles, que tinham falado a tanta gente, não puderam conseguir ninguém para embarcar e, contrariamente, ele, sem se mover do porto, tinha feito trinta pessoas subir à barca!

Posta a barca a navegar, o Capitão ordenou que deviam mudar de idioma, para falar somente o que estavam aprendendo; dessa maneira, os novos tripulantes não entendiam nada e, para comunicar-se com eles, foi necessário usar sinais. Assim foi como começaram a falar por sinais.

O tempo ia passando, e, como acontecesse que nada lhes era dito a respeito da comida, os últimos embarcados se consultavam uns aos outros, expressando:

– Parece que aqui não se come.

Entretanto, bem depressa compreenderam que para comer deviam trabalhar.

Paulatinamente, primeiro por meio de sinais e depois por palavras, foram se familiarizando com a nova linguagem.

O Capitão, que sempre os observava, foi notando que havia em suas mentes uma quantidade de falsas imagens acerca do país rumo ao qual

estavam indo. Quantas vezes, escutando suas conversas, ouviu-os dizer que os seres de lá tinham asas ou formas de peixes, de pássaros e de outras mil coisas que lhes ocorriam, ou que tinham ouvido antes de subir para a barca.

À medida que a tripulação ia sentindo maior confiança, o homem elaborava imagens mentais para que todos se familiarizassem com elas, ao mesmo tempo que lhes fazia algumas indicações sobre o funcionamento de certos maquinismos que se achavam na nave.

Alguns, com ânsia de conhecer mais, queriam que ele lhes ensinasse tudo: desde o manejo dos motores até o da barca. O Capitão, vendo que seus pensamentos não carregavam outra intenção que a de conhecer o segredo da construção da nave com mesquinhos propósitos, respondeu-lhes que não havia inconveniente em ensinar-lhes o que pediam, e ainda de lhes entregar o manejo da embarcação; e, nesse mesmo dia, deixou um deles no comando.

Mas, casualmente, nessa noite desencadeou uma grande tormenta. O pânico se propagou rapidamente entre os tripulantes, e o naufrágio parecia inevitável. Muito aflito, o novo timoneiro chegou até o Capitão e lhe disse:

– Capitão, o timão se estragou.

Sorrindo, este lhe respondeu que aquele era um timão falso, e que o verdadeiro estava com ele. O pretense timoneiro zangou-se, e pensou em trancar o Capitão numa cabina e se apoderar da barca; mas lembrou-se que não conhecia a rota e deixou seus propósitos para outra oportunidade.

Antes de chegarem a um novo porto, voltou a desencadear outra grande tormenta. Desde então, os marinheiros não abandonaram o salva-vidas. Vestiam-se, comiam e faziam a limpeza com ele.

Mas, antes de entrar no porto, o Capitão abriu uma das grandes tubulações da barca e o convés ficou completamente inundado. O susto e alvoroço que se produziu entre os tripulantes foi muito grande e, na realidade, não era para menos.

Pensando que o fim havia chegado, baixaram a pequena lancha salva-vidas e se lançaram ao mar.

Vendo depois que a barca não afundava, quiseram voltar; mas o bote virou e foi necessário salvá-los um a um.

Tão logo a barca atracou, vários disseram:

– Nós não vamos prosseguir; o Capitão que viaje sozinho.

E, quando tocou a sirene de partida, dos trinta e seis ou trinta e sete que se achavam a bordo, só ficaram quatorze ou quinze.

A barca seguiu navegando, e chegaram a um país onde havia gente que parecia compreender, embora não muito, a linguagem que os viajantes falavam.

Muitos escutaram com atenção os estranhos marinheiros que tinham descido a terra e, quando chegou o momento de voltar à barca, uns duzentos do lugar quiseram alistar-se. Então os tripulantes foram até o Capitão e lhe disseram:

– Capitão, há mais ou menos duzentas pessoas que querem nos acompanhar, mas na barca não há lugar para tantos.

– Esperem até amanhã e venham com eles – respondeu-lhes.

Os tripulantes foram passar a noite na cidade e, na manhã seguinte, quando regressaram acompanhados pelos duzentos que queriam embarcar – oh! coisa assombrosa!... – a barca tinha-se ampliado e transformado a tal ponto que quase não a reconheceram!

O homem, de pé no convés, sorria para eles, chamando-os e dizendo-lhes que reparassem que a nave tinha capacidade não só para duzentas pessoas, senão também para quinhentas.

Uma vez todos a bordo, não tardou a barca em soltar as amarras e fazer-se ao mar.

– Como será que ele fez para ampliar a barca? – pensavam os marinheiros, enquanto se afastavam da costa. – E numa só noite!...

Porém, não se animavam a perguntar ao Capitão; mas ele, que conhecia seus pensamentos, lhes manifestou:

– Não é somente perguntando que se chega a saber das coisas; também é necessário estudar o que se quer saber. Nada deve preocupá-los; o essencial é que vocês estão na barca, que ela é grande e que navegamos tranquilos.

A bordo havia trabalho para todos, mas nem todos queriam trabalhar. Alguns pensavam que estavam fazendo uma viagem de recreio, esquecendo que era lógico que se organizassem as tarefas, porque a conservação da barca dependia do trabalho de seus tripulantes.

Custou muito ao Capitão convencer os que o acompanhavam de que deviam esquecer os costumes do país que tinham deixado e adaptar-se às novas exigências, já que iam a um lugar onde eles não poderiam entrar se não estivessem em condições.

TERCEIRA IMAGEM

A barca navegava em alto-mar quando, ao longe, foram divisados três ou quatro navios piratas. O pânico entre os tripulantes então não teve limites.

Começaram os canhões e, aos primeiros disparos, quase todos se esconderam em suas cabines.

Depois de muito trabalho, o Capitão conseguiu convencê-los de que tinham de lutar contra aquela gente, pois do contrário seriam mortos.

Finalmente convencidos, começaram a fazer-se presentes no convés.

Não demorou muito e um pequeno bote corsário, com quatro ou cinco piratas, aproximou-se da embarcação para abordá-la. As botas de cano longo, as calças berrantes e os gorros vermelhos pintados com a conhecida insígnia da caveira e com os ossos em cruz lhes davam uma aparência terrível; a simples presença deles bastava para assustar os da barca, os quais não podiam convencer-se de que ainda estavam vivos.

Depois de muitos esforços, o Capitão conseguiu fazê-los compreender que ainda viviam, e foi dessa forma que puderam começar a defender-se. Lutaram até quando pareceu suficiente ao dono da barca, o qual, apertando certos dispositivos, imprimiu à embarcação uma velocidade tal que os piratas se perderam de vista.

E assim a barca continuou navegando; porém, depois de tantas peripécias, algumas mentes haviam ficado turbadas entre os tripulantes; daí que tenham voltado a perguntar:

– Capitão, nós vamos chegar? Existe ou não existe esse país?

E outra vez se propagou a inquietude e o desespero a bordo.

Enquanto isso, iam chegando a outro porto. Quando já atracado, o Capitão lhes disse:

– Vão e alistem pessoas, pois ainda há muito lugar na barca.

Os tripulantes saíram e, ao voltar, trouxeram consigo mais quatrocentas pessoas; entretanto, umas cento e oitenta das que vinham fazendo a viagem ficaram em terra e não puderam mais ser encontradas.

Ao partir novamente, a barca levava a bordo cerca de quatrocentos e cinquenta tripulantes, entre os quais se achavam os sete ou oito embarcados no primeiro porto e uma parte dos embarcados no segundo, que tinham permanecido fiéis a seu anelo de chegar ao país rumo ao qual se dirigiam.

No transcurso da viagem aconteceram muitas peripécias análogas às anteriores.

Estando em alto-mar, começaram a falhar os motores e, novamente, despertaram-se as dúvidas a respeito do Capitão, estourando outra tormenta mental.

– Ele não dizia que era engenheiro? – murmuravam.

Apesar de tudo, chegaram a outro porto.

O curioso era que, em cada porto onde atracavam, as pessoas que ali viviam, comparadas às que haviam encontrado nos portos anteriores, conheciam e falavam melhor o idioma que o dono da barca tinha ensinado aos tripulantes.

QUARTA IMAGEM

Uma vez amarrada a nave, desceu a terra uma quantidade de tripulantes e outra ficou a bordo. Entre os que ficaram estavam muitos dos que tinham embarcado antes.

Aqueles que desceram a terra, e que já haviam ido outras vezes buscar pessoas para se alistar, notaram que cada vez eram entendidos com maior facilidade. E foi assim que puderam voltar com mais seiscientos; porém, somente havia capacidade para quinhentos.

O Capitão, vendo isto, desceu a terra e, por meio de misteriosas palavras, ampliou novamente a barca, voltando depois a subir.

Houve, então, capacidade para mais de mil tripulantes. Todos ficaram assombrados.

– Se ele sabe fazer isso – afirmavam entre si –, não há nada mais a dizer: é um grande Capitão.

– Quando o barco pequeno é elástico, o grande também o é – expressou o Capitão.

E estavam todos a bordo, e para todos havia trabalho.

Na primeira manhã, foi necessário ir despertar os últimos que haviam chegado. Pouco depois, apresentaram-se elegantemente vestidos e pediram o desjejum.

O Capitão lhes disse que, mais adiante, seriam servidos como pediam, mas que, por enquanto, era necessário que cada um cumprisse com a tarefa que lhe correspondia, de acordo com a organização que existia a bordo.

Já era por volta do final do sexto ano que a barca navegava, e havia nela mais de mil pessoas.

A um dos tripulantes, que parecia o mais obediente, o Capitão ensinou algumas manobras do timão e sobre certas partes dos motores, e, quando estavam para chegar a uma ilha, entregou-lhe o timão e lhe disse:

– Ficarei nesta ilha, mas alcançarei vocês mar adentro.

E a outro recomendou o cuidado dos motores.

O Capitão desceu na ilha e a barca continuou a viagem.

Já em alto-mar, o novo timoneiro não demorou em pensar que ele era tudo a bordo e que, portanto, lhe correspondia o comando. Assim foi que começou a dizer à tripulação que ele era suficientemente capaz para conduzi-los.

Não demoraram a produzir-se distúrbios. Ninguém mais quis fazer os trabalhos de marinheiro.

O homem ficou na ilha, num dos tantos pontos em que tinha instalado certos aparelhos de seu uso e, dali, foi seguindo a barca com uma grande luneta. Viu que por instantes as ondas a levantavam a

grande altura, como se quisessem fazê-la tocar o céu, e que os tripulantes, longe de ser tais, tinham-se convertido em grandes senhores e discutiam continuamente acerca de seus particulares méritos. Cada um fazia alarde do quanto havia trabalhado, do que tinha posto de si, e até dos conselhos que havia dado para a construção da famosa barca, chegando dessa maneira a se convencer de que os donos da nave eram eles.

Vendo para onde os levariam esses pensamentos, o Capitão apressou a construção de um submarino e com ele pôde chegar a bordo justamente no momento de estourar uma conspiração.

– Por que vieste? Por que não nos avisaste? – gritavam contrariados os conspiradores.

Mas o certo é que o homem estava no tombadilho.

– Nós podíamos ir sozinhos!... Já conhecemos o caminho!...

– Bem – respondeu-lhes o Capitão, – como eu não me incomodo, ficarei por aqui.

E quatro dias se passaram, e depois vinte, e começaram a duvidar se realmente conheciam a rota.

– Não será por este outro lado? – perguntava um.

– Não será preciso corrigir o rumo? – dizia outro.

E alastrou-se a dúvida. No fim, convenceram-se de que o melhor era entregar o timão ao proprietário da nave.

Foram então oferecer-lhe o comando, e ele lhes disse que não havia inconveniente em aceitá-lo, mas como suas mentes se tinham transtornado tanto, desde o momento em que ele deixara a barca e esta se afastara da costa, era necessário voltar a tomar a rota da qual se haviam desviado.

Tomou ele, então, o comando, mas as mentes já estavam perturbadas pelas dúvidas que continuamente as assaltavam.

O verdadeiro Capitão, vendo que havia muitos tripulantes que não queriam trabalhar, e que o pouco que faziam era de má vontade, constituindo-se, por conseguinte, num peso, certo dia, com o objetivo de lhes dar uma nova lição, apertou uns botões e a nave começou a encher-se outra vez de água.

– A barca está afundando! Está afundando!... – gritaram.

Apesar disso, chegaram ainda a outro porto, e muitos desceram.

Também ali houve aqueles que, ouvindo-os falar, lhes disseram que eram uns loucos, que o tal país não existia, e que o Capitão era um visionário vulgar.

Quando regressaram à barca, outra vez começaram os protestos.

Não obstante, depois de levarem para bordo as provisões necessárias, a embarcação se pôs novamente a navegar rumo a outro ponto, no exato dia fixado para a partida.

Já em alto-mar, voltaram a aparecer vários barcos piratas. Um dos tripulantes, turbado pelo temor e pelo receio, disse aos outros:

– Por que não nos fazemos piratas?

O pensamento foi bem acolhido por alguns, que fizeram o propósito de bandear para os barcos piratas na primeira oportunidade, para se aliarem a eles e atacar a barca em que até então tinham viajado.

Seguida muito de perto pelos piratas, a nave chegou até as proximidades de um porto, onde o Capitão tinha alguns amigos. Fez vários sinais, e do porto saíram uns quantos barcos que, silenciosamente, seguiram os buques piratas. Quando estes tentaram fazer fogo contra a barca do Capitão, receberam uma descarga proveniente daqueles barcos que os seguiam, travando-se uma luta entre ambos, até que os atacantes, derrotados, se puseram em fuga.

Assim foi como, apesar de todos esses contratempos, chegaram ao sétimo ano.

QUINTA IMAGEM

Deliberadamente, e para não fatigar o leitor, deixamos de dizer que, no percurso da viagem, a barca se deteve em várias ilhas, além da mencionada no relato, todas elas de exuberante vegetação e habitadas por tribos de diversas características, em cada uma das quais o Capitão recolheu um bom carregamento de madeira e objetos raros.

A tripulação se maravilhava ao ver que as tribos que habitavam as ilhas por onde passavam recebiam o Capitão com grandes exclamações de júbilo e depois o cumulavam de presentes.

Na última ilha em que aportaram, aconteceu um episódio que, de tão interessante, é digno de ser relatado.

Pouco antes de chegar ali, dois dos tripulantes a quem o dono da barca havia dispensado maior confiança, nomeando-os oficiais, começaram a tramar um complô contra o grande navegante, que tão generosamente os havia acolhido em sua nave.

Incitados pela cobiça, com desejos incontidos de se apoderar dos tesouros que o Capitão levava a bordo, e até da própria barca, começaram por sublevar grande parte da tripulação, dedicando-se a isso com tanto empenho que até esqueceram o propósito pelo qual haviam embarcado, que era o de conhecer o País dos Sonhos.

Quando o Capitão desceu a terra na nova ilha, só uns poucos quiseram acompanhá-lo; os demais pretextaram ter receio dos nativos. Durante o tempo que ele ali permaneceu, os dois traidores convenceram a tripulação de que tudo quanto havia na barca era deles e não do Capitão, e decidiram constituir um tribunal para julgá-lo, pois sua conduta, que imaginaram de todos os coloridos, tinha de ser castigada. Depois, repartiriam os tesouros e seriam admirados quando voltassem a suas terras.

Resolvido isto, confeccionaram grosseiramente um escrito e nele consignaram quanta estupidez lhes ocorreu, com o objetivo de atemorizar o Capitão com as acusações que ali lhe eram feitas e dar-lhe a impressão de um motim que poderia pôr em perigo sua vida.

Enquanto isso, o bom navegante, a quem já haviam chegado notícias da sublevação, fazendo como quem de nada sabia, chegou à barca e, aproveitando que os traidores fingiam obedecer como antes, chamou-os e lhes disse que fizessem descer toda a tripulação, a fim de levar para bordo os preciosos tesouros que os nativos haviam deixado a pouca distância, indicando-lhes, ao mesmo tempo, o lugar onde se achavam.

Os dois conspiradores, ávidos por reunir maior riqueza, não titubearam em aceder, visto que, uma vez embarcados e já sentenciado o Capitão, fariam que ele descesse e seguiriam com tudo. Assim foi como, um a um, desceram da barca e se encaminharam ao lugar indicado.

O Capitão, entrementes, levantou âncora, deixando-lhes um pequeno bote, no qual cabiam somente quatro pessoas, e uma tabuleta com a seguinte inscrição: “Se tudo lhes pertence e o Capitão é tão mau, mais vale que façam vocês algo melhor. Julguem-me, pois, enquanto eu prossigo com minha barca; não posso perder tempo escutando suas necessidades”.

Mas, tão logo começaram os motores a funcionar, os que ainda não tinham se distanciado ouviram o barulho e, temerosos de ficar na ilha, voltaram correndo. Compadecido, o Capitão fez subir vários destes, os quais, em seguida, lhe narraram o acontecido durante sua ausência.

Também os outros regressaram com grande pressa, pressentindo que o dono da nave, inteirado da sublevação, os deixaria ali; mas, quando chegaram, a barca já se havia afastado o suficiente para evitar qualquer tentativa de abordagem. Os traidores gritavam, cheios de fúria:

– Nos enganaste, miserável!...

E proferiam toda classe de insultos.

O Capitão, sem se perturbar, respondeu-lhes:

– É verdade; *mi-ser-habla** e diz que vocês se enganaram. Julguem agora; já têm um motivo. Se eu voltar alguma vez, vocês me darão a conhecer o que resolveram sobre minha pessoa. Enquanto isso, eu prosseguirei a viagem para onde me propus, pois para isso construí esta barca, mentecaptos!

Os amotinados ficaram como que enlouquecidos, vociferando furiosamente contra o Capitão; mas, vendo que anoitecia, viram-se na necessidade de se ocuparem de si mesmos, fazendo refúgios para se protegerem dos nativos e procurando todo tipo de recursos para se defenderem.

– Ele nos enganou!.... – repetiam uns e outros. – Para que subimos nessa barca! O pior é que, agora, se conseguirmos voltar para nossas terras, todo o mundo vai rir de nós.

* NT: *Mi-ser-habla* (em português, “meu ser fala”): jogo com a palavra espanhola *miserable* (“miserável”)

A nave, que se havia feito ao mar, embicou sua proa para um novo rumo.

Durante a viagem, o Capitão foi explicando aos que com ele ficaram o simbolismo de cada um dos episódios vividos, instruindo-os no conhecimento das rotas que tinha seguido, a fim de que se tornassem destros navegantes.

Passaram por numerosas ilhas, nas quais se detiveram para explorar e conhecer as diferentes espécies de árvores, seus usos e propriedades, e a fauna com sua extraordinária diversidade de exemplares raros. Também lhes ensinou sobre lugares entre as montanhas, onde havia uma infinidade de minerais preciosos, indicando-lhes, ao mesmo tempo, como deviam ser utilizados.

Cada ilha lhes oferecia as maravilhas de sua natureza, o que os enchia de admiração e alegria, e de cada coisa o Capitão fazia uma boa provisão, para depositá-la nos porões da embarcação.

Assim passaram muitos dias e meses, até que, num amanhecer, o Capitão surpreendeu os tripulantes com esta notícia:

– Chegamos!...

A tripulação inteira tomou-se de emoção, pensando achar-se diante do ansiado País dos Sonhos, país de lendas e esperanças; mas qual não foi a impressão recebida por todos quando, ao subirem à coberta, constataram que a barca atracava num dos portos dos quais havia zarpado ao empreender a viagem.

– Como!... – exclamaram, cheios de assombro. – Já estamos de volta? E o País dos Sonhos?

– Ah!... – disse o Capitão, sem se alterar. – Esse país já não é uma lenda para vocês. Com o que agora sabem, o mundo e as coisas deixaram de ser o que antes foram para o entendimento de cada um. Eu os guiei até as portas mesmas do país que buscavam. Internem-se, agora, em si mesmos, de modo igual a como nos internamos em cada ilha, e verão quantas coisas vão achar, que encantarão vocês ainda mais do que as que viram. Aproveitem minhas lições; não se deixem levar pela confusão do mundo, e cada um será um súdito fiel desse País dos Sonhos que, desde agora, chamarão

de Criação, cujo Imperador Supremo é Deus, autor e dono absoluto de tudo quanto existe.

Maravilhados ante o que ouviam, com os corações cheios de gratidão, pediram ao bom Capitão que lhes permitisse não abandonar aquela barca e acompanhá-lo sempre em suas viagens.

Haviam compreendido que, antes de pretenderem conhecer um mundo acerca do qual sempre se teceram tantas lendas, deviam se esforçar por conhecer aquele que habitavam, em suas duas magníficas criações: a externa, que abarca continentes inteiros, e a interna, que se estende até limites insuspeitados para o conhecimento.



Os dias marcham em rigorosa formação, como soldados de um incontável exército.

A barca sulca as águas, mostrando suas majestosas velas como asas de anjos que se elevam até as regiões do encantamento.

O Capitão e seus fiéis marinheiros celebram o achado. O País dos Sonhos é, desde aquele dia, uma realidade.

As almas despertaram do letargo profano e vivem longe das sombras que envolvem o mundo, admirando as belezas com que o conhecimento obsequia seus olhos limpos de nuvens e temores.

E aqui termina esta narração, que os leitores tomarão por sonho ou por lenda.

A volta do justo

“Eu o conheci”, dizia o ancião que nos relatou esta história. “Faz muito tempo que viveu entre nós. Costumávamos nos reunir em torno dele para escutá-lo. Para todos tinha uma palavra conveniente que apaziguava o espírito, tão atribulado pelas inquietudes da época. Era justo, bondoso, e possuía uma paciência inesgotável. Sempre se achava disposto a ajudar a quantos iam até ele em busca do amparo de sua sabedoria. Vivia uma vida simples e recolhida, que era toda ela um ensinamento. Para ele não contavam as horas do dia ou da noite; enquanto havia um a seu lado, não cessava de ensinar.

“Quantas vezes nos disse aquele homem bom e sábio: ‘Aproveitem agora, enquanto estou entre vocês; não percam, por descuido, o que com tanto amor lhes estou dando.’

“Certo dia, a perfídia de pessoas envilecidas pelos maus costumes fez com que aquele justo fosse embora, não sem antes nos prodigar conselhos muito úteis e oportunos. Nós o vimos partir. Em seu semblante se estampava uma tristeza indefinida. Sua mirada era profunda; olhava além de nós, talvez em nossas almas, em nossas vidas, em nosso futuro...

“Outro homem sábio, de grandes qualidades, ocupou seu lugar. Porém, não nos reunia, como aquele, em amena e íntima tertúlia. Seus ensinamentos nos pareciam mais severos, e neles abundavam recomendações para que fôssemos diligentes. Comparava a preguiça e a folgança com as nuvens que escureciam o firmamento. Enquanto aquelas impediam que resplandecesse nossa vontade, estas

ocultavam a luz do sol. E assim como muitos dias podiam transcorrer nublados, sem a luz fecundante, o homem também podia passar seus melhores dias sem o benefício da luz, por ausência da energia capaz de projetá-la.

“Nada, pois, podíamos objetar a suas mil observações e conselhos. Era impecável em seus juízos, mas nos mantinha a distância, fazendo-nos observar turnos bem definidos. Ah!, quanta saudade sentíamos daquele que se fora!... Quão gratos eram aqueles instantes inesquecíveis em que compartilhávamos, como criancinhas felizes, a alegria que nos proporcionavam suas sábias narrações e suas diáfanas explicações, ante as quais permanecíamos tomados de admiração!

“Certo dia, ao entardecer”, continuou o ancião, “achava-me enismado em meus pensamentos, quando ouvi que me chamavam. Era a voz do homem bom; e tão parecida era essa voz com a daquele que agora estava em seu lugar, que senti um vago temor, como se algo de estranho fosse me acontecer. Com efeito, olhando bem, pude perceber que os dois sábios eram uma mesma pessoa, só que, naquele instante, eu voltava a vê-lo como meus olhos o viram na primeira vez. Ocorreria a mesma coisa com aqueles que, como eu, o conheceram e escutaram então?”



Esta lenda nos traz à memória a transfiguração do Senhor, para mostrar-nos como podem produzir-se, talvez em aspectos diferentes, as mutações que as grandes almas costumam experimentar.

O grande burguês

Refletia um milionário – cujas riquezas, de tantas que eram, ele jamais pôde conhecer – sobre a inutilidade de sua vida e sobre quão desgraçado ele mesmo se considerava ao viver cheio de temores e desassossegos. “De que me servem tantas riquezas”, pensava, “se estou enfastiado de tudo e não consigo me livrar da angústia que corrói minha alma?”

Preocupado com essa ideia, decidiu finalmente consultar um renomado sábio, para pedir-lhe que o tirasse de tal atoleiro.

– Quer dizer – perguntou-lhe este – que não podes, com todas as tuas riquezas, ser feliz?

– Não – respondeu-lhe o magnata da fortuna. – Tenho tudo que me apetece; não me falta nada, a não ser a paz de meu espírito e a felicidade.

– Pois nada te falta, então – replicou o sábio –; a menos que atribuas algum valor ao que disseste por último.

– Valor... valor... – murmurou ele, pensativo; e, como se de repente entendesse a insinuação, afirmou: – De fato, não havendo paz em meu espírito, não faço mais que me consumir numa eterna desdita. Mas, como poderia fazer para me sentir feliz? Diz-me.

– Olha: daqui mesmo parte um caminho. É longo, embora não tanto que não possa ser percorrido em toda a sua extensão. No final dele, descobrirás umas chaves que, tão logo sejam tuas, farão de ti o homem mais feliz da terra. Poderás até centuplicar tua fortuna, se quiseres, mas sob a condição de que com ela faças o bem e contribuas

para a felicidade dos demais, sem que isso signifique, como é natural, que devas prescindir do que anelas para ti.

O milionário olhou fixamente para o sábio e, depois de pensar por um breve instante, resolveu:

– Parece-me muito bom o que dizes; vou enviar hoje mesmo meus secretários para que me tragam essas chaves. Obrigado, pois, pelo teu conselho.

Os secretários partiram, e, enquanto os dias e os meses passavam, o grande burguês continuava com seus tédios e inquietudes, que cada vez o atormentavam mais. Tendo em vista que eles não voltavam, mandou outros com a mesma missão, mas tampouco estes regressaram. Como os anos passavam e não lhe chegava notícia alguma, tomado pelo desespero foi ele um dia em busca do sábio, a quem informou das gestões por ele adotadas, inquirindo-lhe com estranheza sobre as causas que poderiam ter motivado a tão prolongada ausência de seus emissários.

– A felicidade, meu bom homem – respondeu-lhe o sábio –, deve cada um buscá-la por si mesmo; sua conquista é absolutamente pessoal. Eu te orientei para que fosses à procura das chaves, e tu, para te livrares de incômodos, enviaste teus secretários para buscá-las. Aconteceu, assim, que, enquanto estes, de posse das chaves, são felizes, os próprios deveres dessa felicidade os impedem de voltar à tua procura e perder o tempo, que eles ocupam em ensinar outros, mais bem dispostos, a encontrá-las. A prova de que isto é uma verdade, tu a tens no fato de que, se eles nada tivessem encontrado, já estariam de volta para continuar sendo teus servidores.

Impressionado o grande burguês pelo acontecido, e já sendo velho, pois longos anos haviam transcorrido na espera daqueles, perguntou com ansiedade:

– Diz-me: terei ainda tempo de ir eu mesmo? Encontrarei também essas chaves e serei feliz?

– Podes fazê-lo, se quiseres. Ninguém te impedirá. Mas a vida que perdeste de maneira estéril, essa não voltará para ti. Quiseste ser feliz; sentiste essa necessidade quando ainda eras jovem e forte; no

entanto, preferiste, como bom burguês, que outros fizessem as coisas por ti, enquanto tua vida ia se consumindo no ócio, no fastio, nos temores e nas angústias da infelicidade. Vai, pois, e procura-as por ti mesmo, se tens forças para alcançar a meta.

O milionário, já ancião, partiu, pensando que ainda lhe poderiam restar muitos anos de vida, mas bem depressa o cansaço o venceu, por causa da idade e da falta de adestramento para andar. Não obstante, avançou alguns trechos, e caiu desfalecido, para não mais se levantar.



Pensamos que se pode extrair de nosso relato a seguinte moral: Não se deve delegar a outros o que concerne ao próprio conhecimento. A felicidade, cuja conquista é exclusivamente individual, não pode ser encomendada a terceiros.

Monarca indiscutível

Certo dia, vários representantes do reino animal estavam celebrando um grande congresso, para deliberar sobre a posição que cada um ocuparia dentro do Estado e decidir, ao mesmo tempo, quem deveria substituir o rei, no caso de este abandonar o trono.

Entre os assistentes, figurava em primeiro lugar o senhor Papagaio, que, empoleirado no ponto mais alto – a copa de uma árvore –, discutia acaloradamente com a senhora Cacatua sobre a conveniência de ser ele o primeiro a fazer uso da palavra, a fim de expor, com sábia oratória e expressiva mímica, sua reivindicação. Segundo sua opinião, ninguém mais que ele devia ser consagrado rei, e, esquecendo-se da senhora Cacatua, sustentava irritado ser ele o único representante do reino animal que estava dotado, como o homem – nada menos que o homem! –, do dom da palavra, argumentando, também, que tudo quanto sabia tinha aprendido com ele.

Mais abaixo estava o Macaco Sábio com sua prole, muito cheio de si; sorria lá com os seus, satisfeito de ser ele o mais parecido com o homem, lamentando-se, unicamente, de ter rabo e não poder falar como o Papagaio; não obstante, estava convencido de que a ele pertencia o reino da espécie animal.

Algo mais distantes estavam o Elefante, o Hipopótamo e o Rinoceronte, confabulando sobre a conveniência de propor fosse eleito como rei o de maior peso, pois que, conforme certo ditado, eles valiam quanto pesavam, e, portanto, ninguém valia mais do que eles. Com

essa finalidade, cada um dos três havia nesse dia comido desmesuradamente; tanto, que mal podiam se mover.

Num outro lado estava o Pavão Real, que, com suma presunção, fazia alarde da beleza de sua cauda, que ele exibia muito cheio de si, vociferando que era ele o animal mais formoso.

A Girafa, também presunçosa, em cujo pescoço um Macaquinho havia feito uma rede em que se balançava muito ufano, disse, numa roda em que estavam a Zebra, o Búfalo, o Camelo, o Dromedário, o Boi e o Guanaco, e também a Lhama, o Avestruz, o Lobo, a Vicunha e outros:

– Eu deveria ser consagrada como rei, porque sou o mais alto de todos os animais.

Ao ouvir isto, zurrou o Burro numa estrondosa gargalhada.

A Girafa, indignada, perguntou-lhe com altivez:

– Está rindo de mim?

– Não – respondeu-lhe o Burro, com uma risada velhaca –; estou rindo porque, ao ver que você deixava a comida de lado, não compreendi o porquê e a comi. Agora vejo que não comeu para manter-se ereta; e eu me rio satisfeito de me ter fartado com sua parte.

A Vaca discutia com o Cavalo, o Cachorro, o Galo, o Gato e a Ovelha, concordando todos eles que, fosse qual fosse o animal consagrado como rei, eles continuariam servindo ao homem, pois este lhes dava alimentos e cuidados.

– Insensatos! – gritou com eles um Sapo-Boi que tinha escutado a última parte. – Não veem que o homem faz isso porque obtém benefícios à custa de vocês, e que a senhora, Dona Vaca, a senhora, Dona Ovelha, e o senhor, Seu Galinho, são seus melhores manjares? E que, além de comer os ovos de suas esposas, de beber o leite da Dona Vaca e de se abrigar com a lã da Dona Ovelha, também faz comida de todos vocês?

– E agora até de mim – protestou, muito cauteloso e comovido, o Cavalo.

– E também de mim – insinuou dengosamente o Gato –, pois me confundem com essa estúpida lebre.

– Au! Au!... – gritou o Cachorro. – Não devemos prejudicar tanto, e sim obedecer a nosso amo! E não se esqueçam que eu sou o guardião

dele. Além do mais, participo do festim, e, embora de vocês eu só coma os ossos, se não fosse isso não teria forças para assustar os ladrões com meu latido característico.

O Sapo, que nesses momentos dançava com a senhora Rã, também fez seu aparte:

– Agora, até de nós eles arrancam o couro!...

Sobre uma arvorezinha em flor, estava a senhorita Borboleta conversando com o Caracol.

– Qual sua opinião sobre este congresso? – perguntou-lhe ela.

A isso, o famoso dono da espiral respondeu docemente:

– Vamos ver quem o preside.

Nesse instante, saiu do bosque um Tigre enfurecido e asperamente repreendeu os congressistas:

– Quem ousa desconhecer minha autoridade como rei?

Todos calaram, estremecendo, e voltaram rapidamente a seus lugares, enquanto uma majestosa Águia voava lentamente, atraindo-lhes a atenção. De repente, pousando na copa de uma árvore, disse ao Tigre:

– Eu o desconheço como tal; para mim, você não é mais que um “gato grande”, com unhas longas e fortes! No entanto, nada pode fazer contra mim, porquanto nunca poderá alcançar meu voo nas grandes alturas onde eu vivo, nem poderá me surpreender, ocultando-se na folhagem, porque minha visão abarca grandes distâncias, e, antes de pousar sobre o solo, sempre pouso em cima das árvores, para me prevenir de inesperados perigos.

O Tigre rugiu, envergonhado de sua impotência contra a ave, e a ameaçou rosnando. Não obstante, recuperando sua energia, dirigiu-se aos congressistas e lhes comunicou que ele presidiria à assembleia, com o que muitos consentiram, mais por temor do que por gosto.

Começou dizendo o Tigre:

– Eu sou o rei de todos os animais, porque comigo ninguém pode e porque sou o mais poderoso, ágil e destro. A prova vocês a têm – acrescentou – no fato de que o Leão não ousou chegar até aqui, porque sabia que eu estaria presente e ia desafiá-lo. O mesmo faço com essa aguiazinha vaidosa – adicionou, apontando enfurecido

para ela –; agora mesmo eu a convido a lutar comigo, para que sinta o poder de minhas garras.

Ao chegarmos a este ponto, convém saber que o Tigre, antes de se fazer presente, tinha-se encontrado com um dos servidores do senhor Leão, o qual lhe assegurou que seu amo não compareceria à assembleia, por ser rei e senhor de todos os animais, e, como ele não precisava discutir isso com ninguém, se alguém tinha sobre o particular alguma dúvida, que fosse a seu palácio para dizê-lo.

Pronunciou então o Papagaio um extenso e brioso discurso, que impressionou por sua eloquência, sustentando ao final que ele deveria ser consagrado rei, por ser – como dizia – o único animal dotado de voz similar à humana.

– Isso não pode ser – protestou o Macaco Sábio, firme na sua demanda –, porque eu sou o mais parecido com o homem, e a mim cabe o trono!

E, assim que todos espuseram seus pontos de vista, ia o Tigre replicar, furioso por carecer de atributos semelhantes, quando uma voz estrondosa ressoou nos âmbitos do bosque.

Quem era? Que poder tinha essa voz, para que num instante desaparecessem todos os congressistas, inclusive o Tigre?

É fácil supor. Todos reconheceram a voz do Leão, que tantas vezes já os tinha feito tremer.

Majestosamente, e como se nada soubesse de semelhante congresso, chegou ao lugar da reunião. A Águia então baixou, relatando a ele sua polêmica com o Tigre e tudo quanto este lhe tinha manifestado. O Leão sorriu satisfeito, e a águia, rendendo-lhe homenagem, cantou três vezes o Hino ao Sol e remontou o voo para o infinito.



Quantas vezes isso acontece na vida dos homens, até que, finalmente, chega aquele que põe as coisas em seus devidos lugares.

A gravata do grande senhor

Contemplava extasiada uma criança
a esplêndida gravata que um grande senhor possuía,
e pensou: “Que bom seria se eu tivesse uma igual!”
E, depois que os anos passaram, já homem, seguiu pensando
em ter uma gravata formosa para ser um grande senhor.
Um dia, quis o acaso que, numa vitrine,
ele visse uma gravata como a que havia sonhado
e, reunindo economias, comprou-a de imediato.
Sem demora, pôs-se a ostentar a peça, e seus amigos,
parentes e vizinhos, rindo à vontade, lhe diziam:
– Como lhe caiu mal essa gravata, fofinho!
Você mais parece um macaco fantasiado!



Isto acontece àqueles que creem que vestir uma
ou, se se quer, várias roupas que deslumbrem,
supre com folga o fato de não ter as outras
que ornem a moral do homem.

Covardia curada

Às vésperas de uma grande batalha, um valoroso general do exército espartano achava-se revistando suas tropas.

Ao finalizar a revista, o general chamou um de seus ajudantes e lhe disse:

– Oficial, vá separando das fileiras os soldados que eu for nomeando.

Depois que o oficial cumpriu a ordem, o general expressou:

– Tenho observado que estes soldados estão possuídos do temor, e um exército como o nosso não pode incluir em suas fileiras nenhum pusilânime. Forme com eles um batalhão, atravesse a linha e ofereça-os em meu nome ao inimigo.

– Muito bem, general – disse o oficial, que partiu imediatamente com o pequeno batalhão.

– Para onde nos leva? – ousou perguntar um dos soldados, vendo que chegavam à linha de frente.

– O general mandou oferecê-los ao inimigo, pois observou que existe temor em vocês.

Os soldados, presas do pânico, prorromperam em exclamações de lealdade, prometendo que combateriam na primeira fila se voltassem para junto dos outros.

O oficial concordou e, quando retornou, contou o acontecido ao general, que, chamando-os, assim lhes falou:

– Como observei que vocês eram medrosos e débeis, preferi oferecê-los ao adversário, pois assim passaria seu temor, visto que

estariam mais seguros...

– Oh, não, general! – replicaram quase em coro.

E um deles, interpretando o sentir dos demais, adicionou:

– A menos que o senhor tenha querido dizer que estaríamos mais certos de morrer, e, em tal caso, agora lutaremos valentemente, já que compreendemos ser esse o nosso dever.

Finalizada a luta, o mesmo soldado que antes havia tomado a palavra aproximou-se do general e, perfilando-se ante ele, expressou-lhe:

– General, sua lição foi genial, pois os soldados covardes do exército inimigo foram os causadores de sua derrota. Ganhamos uma das batalhas mais importantes.

– Agora vocês já sabem – respondeu o general, sorrindo com satisfação –, quando um “botão” está frouxo, se não é ajustado, pode levar o melhor guerreiro a perder a batalha. Nenhum detalhe deve ser descuidado quando nisso vai a honra e a vida.

Intervenção oportuna

No interior de um bonde repleto de passageiros, de repente começou uma acalorada discussão. Cresciam os insultos e as palavras grosseiras.

Nesse momento, adentrou o veículo um moço, espanhol pelo sotaque, o qual, aproximando-se aos empurrões, perguntou o que se passava. Inteirado finalmente da origem do conflito, exclamou, surpreso, em voz bem alta:

– Ora, ora... Vejam só! Vocês mal se conhecem e já estão se odiando. Vamos, homens!... Que forma de conhecer-se é essa?

Foi tão engraçada e oportuna a intervenção, que até nos rostos em que já começava a manifestar-se um pensamento de homicídio se esboçou um sorriso pacifista.



Isto prova, uma vez mais, a força do pensamento. Emita-o quem o emitir, será sempre a oportunidade a que fará vibrar seu conteúdo.

Remotas recordações

Referindo-se aos começos de sua vida, quando dele se aproximaram os primeiros para ouvi-lo, um ilustre filósofo transmitia a seus amigos, com emotiva e serena palavra, as evocações daqueles inesquecíveis dias:

– Animava-me – dizia-lhes –, ao falar àqueles seres, o grande anelo de transmitir-lhes os conhecimentos que eu possuía, e que tanto haveriam de beneficiá-los. Para cumprir tal propósito, contava eu com uma mente como a de todos vocês, com minha palavra e com meus pensamentos. Comecei por ordenar estes últimos, mas, vendo que eram muitos, reuni um dia todos os que eram meus discípulos e, tomando-os como secretários, a eles encomendei a tarefa de ordená-los e de anotar, ao mesmo tempo, os que daí em diante fossem conhecendo.

“Depois de um determinado tempo, vi que me rodeavam muitos outros discípulos, e que aqueles aos quais havia encomendado ordenar meus pensamentos se achavam ainda nos começos. Então, reuni em torno de mim muitos mais, tantos que somavam milhares e milhares; mas acontecia que sempre estavam no começo. ‘Será difícil’, pensei, ‘que cheguem a ordenar tudo quanto minha vida promove em ensinamentos, fatos e coisas, apesar de eu ajudar a conhecê-los e classificá-los, a fim de que cada um possa, desde o princípio, ordená-los em sua mente.’

“Por outra parte, também pensava: ‘Se são tantos os pensamentos que possuo, e se não é possível coordená-los, haverá contradição em minhas palavras.’ E não deixava de ter em conta que ainda deveria acrescentar muitas outras às já pronunciadas, para poder continuar ensinando aos que me rodeavam. Mas percebi que cada uma de minhas

palavras respondia automaticamente a um pensamento determinado, e que elas saíam de minha mente em ordem e sem se contradizerem, devido a uma precaução minha que consistia em fazer com que cada palavra, antes de ser pronunciada, fizesse com que sua origem fosse conhecida por minha razão, que devia lhe outorgar permissão para manifestar-se. Após esse rigoroso controle, eu conseguia que todas elas – fosse sobre o tema que fosse –, em lugar de se contradizerem, se completassem, o que, naturalmente, facilitava a compreensão para as mentes que me escutavam; por sua vez, minha palavra era clara, simples, e estava isenta de argumentos, de per si inúteis.

“Dessa maneira continuei meu labor, silenciosamente, sobre muitos seres, discípulos e não-discípulos. Minha obra foi se estendendo por muitas partes, apesar das tempestades que aqueles que me caluniavam e agrediam costumavam promover, os quais conseguiam de vez em quando desprender algum tijolo do edifício que eu ia construindo. Com paciência, recolhia esse tijolo e voltava a pô-lo em seu lugar, prosseguindo minha tarefa sem esmorecimento, firme, com entusiasmo sereno, sem impulsos, e com uma confiança em minhas próprias forças e conhecimentos que não tinha limite. E isso assim acontecia porque, quando interrogava a Mente Cósmica, eu lhe expressava também meus anelos de que corrigisse meus passos, se estivessem equivocados, e modelasse e aperfeiçoasse meus pensamentos, se algo faltasse a eles que os impedisse de serem íntegros; desse modo, quando dava um novo passo, percebia de imediato o sinal que me anunciava se ele estava ou não bem dado.

“Em todos os momentos, e muito mais nos instantes de alegria, recordava a Deus: Aquele que todos esquecem em suas horas de expansão, e só recordam nas de dor. Eu sempre o tinha presente, e a cada instante comungava com seu pensamento, porque me sentia identificado com Ele; porque sentia sua força permanente, que me interpenetrava, como interpenetra a todos os seres humanos, embora estes o neguem e sejam indiferentes a tais eflúvios divinos, que mantêm o homem de pé, pois sem eles se veria na precisão de se arrastar, para novamente voltar, desde a espécie animal, a erguer-se como ser humano.

“É por isso, por esse esquecimento, que a humanidade veio

sofrendo tantos desastres. Quando o homem se crê suficiente e capaz para tudo, negando a seu Criador, a confusão lhe sobrevém à mente, e o caos ao mundo. Se pensasse em quem dá o ímpeto aos ventos e levanta, gigantescas, as ondas do mar, mantendo-o depois em calma, inofensivo, não incorreria jamais em semelhante desvio. Se reparasse no sem-número de sinais que testemunham a existência de Deus, quão diferente haveria de ser sua conduta; seria mais generoso, mais tolerante, mais compreensivo, e cuidaria de não ensombrecer sua inteligência renegando sua própria razão e sua própria consciência.

“Respondendo aos muitos que pediam meu conselho, que consideravam sábio e prudente, eu lhes dizia: ‘Aquele que vive num lugar estreito mal pode se mover dentro dele; se o amplia, seus movimentos serão mais amplos também; se o amplia mais e mais, poderá ainda oferecer a outros um lugar dentro dessa expansão. Eu tenho ampliado minha vida, muito; tanto, que a todos vocês e a todos os que me conhecem ofereço um lugar dentro dela. Não sou egoísta, não faço privilégios; a todos tenho acolhido em meu coração; a todos dou meu ensinamento; a todos quero como devo querer, para que sejam o que devem ser. Ninguém me incomoda, porque sou tolerante. Advirto, corrijo, mas eis que às vezes devo fazê-lo com certo rigor, e é então, por meio das reações que se promovem, que vejo melhor o discípulo, o amigo, o companheiro, o que está unido a mim. Se a reação de sua mente é injusta, obriga-me a diminuir a porção de ensinamento que lhe proporcionará alegria, até que compreenda seu erro.’

“Vocês também encontrarão o exemplo de minha atividade incessante. Meu descanso, poderia dizer, consigo-o trabalhando. Constantemente abro em minha vida uma nova via para dirigir-me a um ou outro ponto, e, assim, não passará muito tempo sem que vocês se surpreendam, admirados ante a obra que estou cumprindo em silêncio, sem dizê-lo a ninguém.”



Aqui termina esta lenda, singela e repleta de sugestões que convidam à meditação e servem de estímulo ao bom entendimento.

O rei sábio

Antigamente, era de rigor que os reis fossem instruídos nas altas verdades da Sabedoria. A missão estava a cargo do saber e da experiência de ilustres preceptores. Recebiam esse nome os seres que tinham dado concludentes mostras de possuir grande número de conhecimentos alheios à inteligência e ao saber comuns.

Naquelas inesquecíveis épocas, destacava-se um rei que tinha conseguido incorporar, ao patrimônio de seus valores internos, muitíssimos conhecimentos de imponderável utilidade. Com aguda percepção e noção clara da realidade, tinha-se rodeado de um séquito de sábios, a fim de continuar ampliando ainda mais sua já vasta capacidade. Um dia, estimulado por seu anelo constante de superação, encomendou a cada um deles a missão de percorrer os principais lugares do mundo conhecido, em busca daqueles seres, grandes ou pequenos, ignorantes ou instruídos, que soubessem algo mais do que eles ou do que ele sabia, recomendando-lhes que os trouxessem imediatamente à sua presença.

Cumpriram os sábios com presteza e acerto a grata missão. E, assim, cada um deles regressou trazendo uma quantidade de seres de todas as idades e de todas as condições, os quais, levados ante o rei, iam expondo, com ordem e disciplina, a parte de conhecimento que tinham adquirido e que ele não possuía. Todos foram retidos na corte pelo soberano, até que fosse assimilado o último dos conhecimentos que traziam, sendo depois cumulados com fartos presentes, facilidades e atenções correspondentes ao valor e à transcendência de cada colaboração.

Valendo-se desse método, o rei começou primeiro a superar seus próprios preceptores, de cujas importantes contribuições obteve seus primeiros conhecimentos, e depois a saber como devia governar seu povo, descobrindo que este poderia se converter em um fertilíssimo campo experimental, se soubesse conduzi-lo. Teve em boa conta as iniciativas de seus súditos, fazendo-os responsáveis, ao mesmo tempo, por tudo aquilo que cada qual se considerava capaz de fazer.

Aquele monarca esclarecido realizou, assim, um dos governos mais memoráveis de que se recorda na história da humanidade.

Os projetos de blá-blá-blá

Lamentavam-se, certa vez, um pernetá e um maneta. Dizia o primeiro que, se tivesse as duas pernas, seria o melhor corredor do mundo; o segundo, por sua vez, faria muitas coisas se tivesse os dois braços.

Ouvindo-os, um terceiro propôs a cada um fazer o que o outro pensava.

O pernetá, depois de tê-lo escutado, disse, dirigindo-se ao maneta:

– Você quer fazer muitas coisas com as duas mãos; tantas, que nem mesmo aqueles que as têm as fizeram, e muito menos eu.

O maneta respondeu também, dizendo ao pernetá:

– Penso que tampouco eu poderia correr a tanta velocidade como você diz. Além do mais, para que me serviria!, se os próprios que têm pernas muito poucas vezes fazem isso, pois pareceriam uns doidos se todos se pusessem a correr.

O terceiro, concluindo que as reflexões eram boas, observou:

– Vejo que os dois estão perdendo tempo ao pensar no que não poderiam fazer, mesmo que nada lhes faltasse; por outro lado, esquecem que possuem uma mente, a qual podem cultivar e, por esse meio, fazer depois uma boa colheita em obras de inteligência.

– É verdade – responderam os que estiveram se queixando de seus males –, a mente pode suprir nossas deficiências físicas.

– Está bem, mas tu não corras muito com a imaginação, porque tropeçarás amiúde – replicou o terceiro ao perneta. – E tu – disse, dirigindo-se ao maneta – não pretendas tocar muitas coisas com teu entendimento, porque estarás exposto a perder o tato. Fazer com moderação e prudência o que cada um se propuser, eis a melhor forma de manter-se erguido, sem que o peso dos erros encurve o corpo e as coisas se tornem difíceis de conseguir.



É costume, no sentir comum das pessoas, pensar no que fariam com aquilo que lhes falta, deixando de fazer muitas coisas com o que realmente têm.

Os dois amores

Faz muito tempo, num certo vilarejo afastado de uma grande cidade, vivia um jovem cujo espírito retraído e estudioso o fazia credor do melhor conceito. Era de expressões sóbrias e modos cultos. A singularidade de seu caráter, diferente do comumente mostrado pelos jovens de seu tempo, atraía a atenção dos que habitavam aquele lugar, os quais a miúdo o consultavam e lhe pediam conselhos, que ele prodigamente lhes dava.

Em sua fisionomia notava-se o arraigamento de seus pensamentos, e em seus olhos observava-se todo o encanto de sua beleza interior, confirmada em cada oportunidade por sua voz suave e serena. Certo dia, um de seus bons amigos perguntou-lhe em tom de confiança:

– Diga-me, que conceito você formou da vida? Nunca pensou em amar uma mulher que venha a ser sua esposa e a mãe de seus filhos? Muitas vezes você já me falou do amor que transcende nossos sentidos, amor virtuoso por excelência, mas sempre se esqueceu de incluir em seus pensamentos o amor humano, familiar a nossos sentimentos e a nossos pensamentos, o qual está, certamente, mais ao alcance de nossas possibilidades e esforços, humanos também. Por acaso não é esse o amor que santifica a mulher no momento de ser mãe? Não é esse o que fecunda e dá a vida? Não é esse o amor que permite às almas evoluir através das gerações rumo à suprema felicidade? Não é o gérmen genético o que dá nascimento ao filho, que é a imagem mais perfeita do amor, por representar o sublime vínculo de sangue que dois corações estabelecem num terceiro, em

cujas sagradas cavidades os dois afetos se identificam, dando lugar, assim, a que se manifestem nele as características inconfundíveis de seus pais, expressadas na palavra herança? Você mesmo não é isto, um filho? Já vê como o um se divide em dois e forma o número três; mas este volta a se transformar em um. O amor à esposa é o dois e o quatro ao mesmo tempo, que manifesta novamente o terceiro aspecto da unidade na encarnação do filho no momento de dar à luz. Responda-me, pois, se esta verdade de que lhe estou falando não inquietou alguma vez seu coração.

Seguiu-se um profundo silêncio, durante o qual o olhar do amigo parecia querer perscrutar o semblante melancólico do jovem pensador. Finalmente, após uma prolongada meditação, este começou a responder às perguntas que aquele formulara:

– É verdade tudo quanto você disse, efetivamente. Mas a causa que constitui essa verdade encerra todo um mistério; o que você percebe é tão só o reflexo ou a imagem de verdades superiores. Mas o amor real, do qual já lhe falei superficialmente em algumas ocasiões, não é, como você pensa, o único que reside em meu coração; minha humana natureza, ao exigir-me que albergue nele o amor à humanidade, me obriga, para não descer ao plano do reino inferior ao homem, buscar o incentivo do espírito e amar o verdadeiro, a fim de não me ver subjugado pela matéria e evitar que meu coração se endureça com o egoísmo das paixões humanas. Amar uma mulher como meu coração me exige – prosseguiu – constitui para meu espírito a consumação de seus mais ansiados ideais. Uma mulher que compreenda a silenciosa linguagem do meu coração; que seja como eu sou; que me acompanhe no longo caminho da evolução e que se irmane com minha alma, para que um dia cheguemos os dois aos sublimes degraus da perfeição. Uma mulher em cujos olhos possa ler, em meus momentos de íntima meditação, todo um poema de amor, iniciado já em épocas passadas; uma mulher que reúna em si todos os encantos da Natureza; uma mulher, enfim, que seja o oásis de todas as minhas inquietudes.

– Compreendo sua linguagem, meu bom amigo – respondeu seu interlocutor. – E o compreendo porque eu também pensei um dia num ideal assim; mas a realidade da vida, à qual não podemos estar alheios, me fez ver, no devido tempo, a impossibilidade de realizar um sonho tão quimérico. Tive um amor ao qual meus delicados sentimentos tributaram a maior devoção; amor em que acreditei ver, embora palidamente, refletido aquele. Mas as necessidades físicas, com suas inseparáveis companheiras de adversidade, me fizeram descuidar o rumo que eu traçara para meus pensamentos; pouco depois, a realidade do ambiente criado foi apagando a imagem do ideal forjado, aparecendo em seu lugar a fisionomia daquele que ri de nossas desventuras. Apesar disso, não posso me queixar, porque agora compreendo que exigia uma prenda que, muito possivelmente, não me pertencia. Por outro lado, minhas imperfeições me falam da impossibilidade de conciliar a fantasia com a realidade.

– Encanta-me a sensatez com que você se expressa – observou o jovem pensador –, e o advirto que me causa intensa alegria comprovar que nossos sentimentos se harmonizam de forma tão cordial e eloquente. Está vendo, agora, o porquê de meu retraimento, que implica para mim um contínuo padecer, ao não encontrar a mulher que seja a expressão dessa imagem que lhe esbocei? Recordo que uma vez tive um sonho durante o qual alguém parecia me dizer: “Um dia destes, talvez não distante, acharás acidentalmente, em certo lugar, a mulher que constitui teu ideal; mas te previno que a encontrarás muito diferente de como a idealizaste. Só de ti depende e em tuas mãos estará modelar sua imagem à semelhança da que teus pensamentos delinearam em teu coração.” Compreendi, ao escutar essas palavras, que, assim como somos capazes de esboçar em nossa mente o desenho de esculturas tão perfeitas, deveríamos também ser capazes de realizá-las no humano coração da mulher. Sim, meu bom amigo; assim é o homem... Pretende sempre, nisto como em tudo, adquirir as coisas feitas; feitas conforme as exigências de sua néscia pretensão. Mas não pensa que são suas próprias mãos as que devem empunhar o martelo e o buril para modelar essa

escultura humana, pois tão só elas podem executá-la com perfeição, porque seu coração e sua mente são os únicos órgãos capazes de conceber o segredo dessa imagem íntima e profunda que contém as sublimes belezas do original.

– Sensatas palavras as suas – respondeu o amigo –, mas para que o homem empunhe o martelo da tenacidade, que simboliza o trabalho do operário infatigável, e o buril da constância, que significa a não-interrupção desse trabalho, a continuidade no esforço até completar a obra deve antes pôr-se em condições e, para isso, deve adquiri-las, já que a maioria carece em absoluto de conhecimentos tão profundos.

– É verdade o que você expressa, e a falta desses conhecimentos é, justamente, o que submerge o gênero humano na infelicidade, que é a incompreensão das coisas verdadeiras e eternas. Assim é como a maioria dos lares são verdadeiros cárceres humanos, onde o amor, ao se afastar dos corações dos cônjuges, por desaparecer o ideal que cada um forjara intimamente, sente que o frio da realidade apaga pouco a pouco as chamas de sua ilusão. E tudo por quê?... Porque tanto o homem como a mulher jamais pensam, ao se casarem, que é este um dos atos de mais sagrada transcendência para a vida de seu espírito, por encerrar de per si um dos mistérios da Criação. Se você dirige seus olhos para a maioria dos lares, contemplará a mesma dolorosa realidade: parecem verdadeiras tumbas do amor humano, cobertas de flores murchas e desfolhadas. E os filhos, essas inocentes criaturas que assistem perplexas ao drama triste e sensível de seus próprios pais, não lhe sugerem a ideia de meditar sobre tudo quanto lhe estou dizendo?

– Sim; compreendo, sem lugar a dúvidas, que nada deve ser feito fora de hora, e muito menos sem meditar nas conseqüências. Também compreendo, agora, no brilhante reflexo de suas palavras, a diferença que existe entre o amor comum e o amor verdadeiro. O primeiro é feroso, impulsivo, cheio de violência. Tão logo desperta, giram os instintos; surge o desejo de posse, atormentando o coração e fazendo-o padecer o sofrimento de uma constante amargura. Os

ciúmes, o egoísmo e as exigências perturbam constantemente a ação mental, e pouco a pouco a vontade se inverte; rompe-se o equilíbrio polar, e uma nova adversária surge no cenário interno: a ansiedade, que priva do sono. Sobrevém o casamento, e, ao se restabelecer o equilíbrio pela prodigalidade com que são tratados os elementos inferiores, desaparecem as ternuras do sentimento. Ao contrário, o outro amor, o verdadeiro... Ah, sim!... Agora compreendo melhor. É aquele que não ofusca a mente. É aquele que, sem nos defraudar nunca, oferece a possibilidade de alcançarmos a felicidade.

– Detenha-se, meu bom amigo – interrompeu o jovem estudioso –; vejo que você já sabe o suficiente sobre esse ponto tão delicado, e me alegra sobremaneira que, de ângulos quase opostos, tenhamos coincidido em nosso sentir e pensar.

– De fato – ratificou o amigo.

E, depois de uma pausa, na qual o ambiente formado por tão elevados pensamentos parecia envolver os dois jovens num mesmo sentir, continuou:

– O verdadeiro amor não se expressa com palavras ocas, cheias de sonoridade para impressionar e cativar, mas sim com a eloquência do silêncio, que é música de anjos, canto de virgens. Esse amor jamais se expressa com palavras, em fingidas expressões de doçura, e sim vive no coração, sem contaminar-se com a atmosfera externa.

– O verdadeiro amor – explicou, por seu turno, o jovem pensador, tomando-lhe a expressão – é aquele que vive sempre em seu mundo, trabalhando em silêncio para o bem, pelo bem mesmo. É um artista incansável, que cria e modela imagens que extasiam e cativam depois o sentir dos homens. Sem ele não seria possível conceber as belezas e encantos de tão sublimes manifestações do sentir humano. Isso nos faz apreciar, sem equívocos, que o amor verdadeiro é mais humano que aquele que comumente é denominado assim, e que o mal chamado amor humano não é outra coisa que a expressão de sentimentos externos ao coração; amor que num instante pode se transformar em ódio, ao mero desencanto das presunções egoístas desse mesmo sentimento exterior.

Tenho-lhe falado até aqui – continuou dizendo, após breve pausa – das duas classes de amor que pode o coração de um homem conter. Vejamos agora o que ocorre no coração da mulher. Também ela forja em seu coração a imagem do homem que quer para si: cheio de belas qualidades, vigoroso, culto, sincero... Com essa imagem sonha, cheia de ilusão, pensando ter um dia a dita de encontrá-lo. Chega, por fim, esse instante, e seu coração começa a sentir afeto por um homem no qual crê ver refletido seu ideal. Avança o entusiasmo nas horas que se seguem, avivando as chamas desse amor nascido espontaneamente; e, mais adiante, chega o momento: esse momento supremo, o casamento, em que o homem e a mulher se apresentam um diante do outro tais quais são.

Deteve-se o jovem uns instantes, quiçá repassando em sua mente as reflexões que acabava de expressar. Em seguida, acrescentou:

– Sabemos que, quando Deus criou o homem e o consagrou rei da Criação, notou que algo faltava para completar a obra; esse algo era, precisamente, a mulher, o encanto da mulher, que, com sua sensibilidade, simboliza o aspecto divino da existência do homem. Ela lhe foi apresentada como companheira e colaboradora da obra que ele devia erigir sobre a terra: a família humana e o mundo. Foi-lhe apresentada, também, para que visse refletidos nela todos os encantos da Natureza, e para que compreendesse que ela devia ser para ele o reflexo de sua própria alma, feminina também; vale dizer, para que sempre tivesse presente que essa imagem, posta diante dele, não tinha por finalidade satisfazer, simplesmente, as prementes exigências do instinto, senão para adquirir aquilo que, nela manifesto, está igualmente dentro de seu próprio ser. É, pois, a mulher a expressão manifesta do espírito do homem, como é o homem a expressão manifesta do espírito da mulher. Nada há que possua mais encantos – prosseguiu – que a pureza de uma mulher, manifestada em seu coração de esposa e de mãe; pureza que fala a ela mesma da missão insubstituível de sua existência. Se Deus concedeu ao homem a força para manejar o martelo e o buril, também concedeu à mulher a graça para ser modelada. Está no

homem, então, tanto como na mulher, o supremo direito de alcançar a perfeição. Se o primeiro oferece a força de sua inteligência para manejar o buril com suprema destreza, ela deve oferecer a força de sua espiritualidade para facilitar a obra e convertê-la em realidade.

Assim finalizou o jovem sua profunda exposição, separando-se mais tarde, ambos os amigos, satisfeitos com as conclusões a que chegaram depois de tão interessante e proveitosa conversa.

A rocha, o tempo e o tesouro

Numa época não distante, em que a humanidade se debatia oprimida por grandes agitações mentais, existiu um homem de fina clarividência que ensinava e predicava verdades até então ignoradas por toda a gente. Certo dia, ante a incredulidade de muitos dos que se aproximavam para conhecê-lo e escutar suas sábias exposições, que tanto cativavam os que sobre ele relatavam as mais variadas e misteriosas histórias, o bondoso e nobre senhor lhes disse:

– Observem essa imensa rocha que está ante seus olhos. Se eu lhes assegurasse que a uns cinquenta passos de sua extremidade posterior se oculta um tesouro incalculável, e os convidasse a pegar picaretas, cunhas e pás com a finalidade de perfurá-la, por acaso não tentariam fazê-lo, sabendo de antemão que o tesouro efetivamente está ali? Estou plenamente seguro de que ninguém esperaria novo convite. Entretanto, que aconteceria depois de algum tempo? Uns por cansaço, outros por impaciência, outros por decepção, e outros por mil razões diferentes, jogariam fora suas ferramentas e retomariam a busca de novos caminhos, ou sairiam ao encontro de novas ilusões, esquecendo esse episódio ou recordando-o, quiçá, com injustas prevenções. No entanto, desde o preciso instante em que se dá o primeiro golpe sobre a rocha, até a culminação do esforço que põe o tesouro a descoberto, medeia um tempo que, calculado com folga, poderia representar, digamos, um período de três anos. Se ao cabo de uns golpes se abandona o trabalho, o tempo transcorrerá do mesmo modo, e o prazo estabelecido se cumprirá, porém com a

diferença de que a rocha permanecerá intacta ou, no máximo, com algumas perfurações, guardando o tesouro em suas entranhas. Eis aí, pois, uma realidade indubitável. Muito bem; que é que se depreende de tudo o que acabo de lhes dizer? Simplesmente isto: conforme seja aproveitado o tempo, é possível calcular o benefício que dele se obtenha. Devem vocês saber que os prazos dos tempos se cumprem em função de uma lei inexorável.

Depois de outras reflexões, prosseguiu imperturbável aquele experiente conhecedor da alma humana:

– Vocês podem representar a ignorância como uma rocha granítica que, à semelhança do que ocorre com as rochas da Natureza, requer grande empenho, vontade e decisão para soltar suas partes mais duras. Em seu espírito, assim como em sua vida, o homem encerra profundos mistérios que é preciso descobrir; mas nada se consegue sem um esforço firme, sem um labor continuado e tenaz. Desaparecem os seres, uns depois dos outros, todos ricos em potencial e pobres de entendimento. Por tal causa, a rocha da ignorância continua ocultando obstinadamente os tesouros que se deixam pressagiar, e que talvez estejam a uma escassa distância dos afãs e das possibilidades humanas.

E desse modo o sábio, que exortava a quantos o rodeavam a empunhar a picareta e iniciar a obra, concluiu seu eloquente relato, aludindo, com evidente ironia, aos que prodigalizam seu tempo e suas energias usando a ferramenta da tagarelice para desperdiçá-los externamente, em vez de cavar bem fundo dentro de si mesmos.

Uma mensagem especial

Conversava Deus numa amável tertúlia com os grandes gênios de sua Criação, quando, de repente, decidiu provar o grau de receptividade mental de seus filhos da Terra. Enviou em seguida diversos pensamentos que, qual etéreos mensageiros, deveriam penetrar nas mentes dos homens.

Mas aconteceu que estes, ocupados febrilmente em seus afazeres habituais, não perceberam o advento de semelhante embaixada. Um deles, não obstante, somente um, os recebeu em sua moradia interna, como se visitantes de tão sublime origem tivessem sido enviados expressamente para ele. Sua alegria foi tão grande quanto a magnitude do presente, sobretudo ao ver refletido na mensagem todo o amor do Criador e a suprema graça que concedia ao gênero humano, ao permitir-lhe estabelecer, como possibilidade suprema da raça, e acima de todas as espécies existentes, um meio de comunicação tão insuperável. Tampouco escapou à sua aguda percepção a importância que representava para sua vida um recado de tamanha elevação.

Observando os pensamentos que integravam a mensagem, pôde apreciar com clareza como atuam e como estão capacitados para cumprir missões de qualquer índole, inclusive as mais elevadas, esses incógnitos moradores do plano mental, descendentes todos das mentes que lhes deram vida.

Compreendeu aquele homem singular a enorme transcendência desse episódio inesquecível – uma mera visão para uma mente

desavisada – e interpretou, com boas razões, as prerrogativas que uma comunicação tão eloquente e significativa implicava.

Foi assim que, seguindo com fidelidade as indicações contidas naquela especial mensagem e excluindo de si mesmo todo vestígio de egoísmo, vaidade e altivez, começou a movimentar os pensamentos que haveriam de iluminar os obscuros espaços mentais das criaturas humanas.

Pesado labor aquele, no qual incontável número de vezes foram postas à prova sua paciência, sua temperança e seu grande e inalterável amor pelos semelhantes, a quem cumulava, em gigantesco esforço, dos mais inestimáveis bens.



Mostra esta lenda que as mentes cultivadas segundo os conhecimentos superiores, ou seja, de alta sabedoria, podem, como a daquele homem, constituir-se em depositárias das riquezas que o Pensamento Criador põe à nossa disposição.

Os amigos

Numa roda de amigos se encontrava um homem honrado e querido em seu povoado. Alguém que fazia tempo o observava, aproximou-se dele e perguntou:

– Como você faz para ter tantos amigos?

– Se você não se importa – respondeu o interpelado –, narrarei um episódio da minha vida do qual será fácil extrair, depois de pensar um pouco, a resposta que vai acalmar sua preocupação.

Percebendo um vivo gesto afirmativo por parte de seu interlocutor, aquele homem deu começo a seu relato:

“Certa vez, e isso faz muito tempo, encontrei em determinado lugar uma enorme pedra, a qual, segundo me haviam dito, ocultava um tesouro.

“Detive-me a pensar, então, como faria para levadá-la, decidindo, finalmente, a socavá-la para desenterrar o tesouro.

“Realizei a operação e, quando, depois de muito esforço, consegui introduzir-me totalmente debaixo da pedra, comprovei com desalento que o tesouro não se achava ali. Pensei, não obstante, serenando-me: ‘As coisas boas sempre estão em cima’. Dispus-me, então, a abandonar o fosso. Ao me levantar para sair, bati com força minha distraída cabeça contra a base da pedra. Suportei a dor estoicamente e, enquanto com singular entusiasmo esfregava a parte dolorida, disse para mim mesmo: ‘Este golpe, sem dúvida, tem um significado’. Olhei para cima, e imaginei você minha surpresa ao ver escrita na base da pedra uma fórmula secreta. Ela continha um verdadeiro tesouro!

“Desde então, pondo em prática o conteúdo dessa fórmula, comecei a rodear-me de amigos em grande quantidade, e, para conservar sempre um alto número deles, conquistava continuamente afetos novos. Por conseguinte, se dez amigos deixavam de sê-lo, cem novos ocupavam seu lugar no espaço de minha vida consagrado à amizade.

“Eis aí, pois, o segredo de meus tantos amigos”.

Remédio eficaz

Num terreno de sua propriedade, vivia um camponês rude e desbocado. Casou-se e teve vários filhos. Estes começaram a crescer, frequentaram a escolinha rural e, continuando seus estudos, passaram por diversos estabelecimentos de ensino, dos quais receberam uma boa educação. Como era de se esperar, envergonhavam-se cada dia mais das palavras grosseiras do pai.

O inculto camponês, torturado por sua própria deficiência psicológica, começou a experimentar, com crescente intensidade, o sabor da amargura. Os filhos começavam a afastar-se dele.

Uma ideia feliz iluminou, de repente, seu semblante sombrio: “De hoje em diante”, disse consigo, “para cada palavrão que sair de minha boca eu vou rezar um pai-nosso.”

Pensamento e ação selaram, desde então, a inquebrantável aliança. A reza seguia sempre, sem falta, após cada expressão inculta. Isso acontecia a cada dois minutos.

Passou algum tempo, mas, como era incontável o número de vezes em que o pai-nosso desfilava inutilmente por seus lábios, o infeliz acabou por convencer-se de que seu expediente não avançava um passo. Sua dolorosa preocupação levou-o a conceber um novo pensamento: “Mas que diabo! Já que o pai-nosso é ineficaz para o meu caso, para cada grosseria que eu disser eu vou pensar o seguinte: ‘Esta é para mim’”.

E, com a nova fórmula, muito depressa encontrou sua cura.



O remédio é aplicável a todos, de acordo com a seguinte prescrição: Para cada reação negativa do temperamento comum, rezar um pai-nosso. Se o mal não desaparecer, aplicar o unguento “Isto é para mim”, seguindo o mesmo método.

A atração do jugo

Quantas vezes as pessoas já se perguntaram por que os bois, quando desatados de suas cangas, em vez de preferir a liberdade, procuram voltar a elas e não se afastar de seu lado.

Ocorre que esses animais se habituem tanto ao peso da canga sobre a cabeça que, quando ela lhes é retirada, experimentam a sensação de ficar sem ela, motivo pelo qual buscam instintivamente carregar sempre o jugo, para sentirem a cabeça.

A muitas pessoas acontece a mesma coisa. Quando lhes é retirado o jugo de suas preocupações e contrariedades, experimentam a sensação de terem ficado sem mente e procuram voltar a elas, para não perderem o costume de lamentar sua “má sorte” e sofrer resignadamente as situações que eles mesmos criam para si.

Uma alfinetada exemplar

Achava-se um cortesão na casa de um grande senhor, a quem prodigava, até o ridículo, toda classe de atenções. Tal atitude contrariava visivelmente o dono do palácio, que em mais de uma ocasião se havia referido com desagrado às exageradas formas de adulação que seu hóspede exibia.

Num dia de grande festa, encontravam-se reunidos nos aposentos superiores do palácio vários amigos do ilustre senhor, entre os quais se podia ver o cortesão. Este, solícito por força do hábito, aproveitava todas as circunstâncias propícias para granjear para si – de conformidade com seu extraviado entendimento – a simpatia e a confiança do poderoso. Levando invariavelmente a conversa para as qualidades e traços que o distinguiam, disse com entusiasmo àqueles que o escutavam:

– É tão grande a fé cega que este amigo inspira à minha alma que, se me dissesse: “Jogue-se daquela janela”, eu não vacilaria em fazê-lo. Só assim posso dar a vocês uma ideia de como é incondicional aquilo que sinto por ele.

O dono de casa, já esgotado com esta nova mostra de insensata adulação, resolveu experimentar um corretivo. A oportunidade apareceu no preciso instante em que o cortesão se inclinou reverente ante uma dama. Provido de um pequeno alfinete de ouro, aplicou-lhe uma magnífica picada nos fundilhos.

A reação foi instantânea, sendo aumentada não só pela comichão que a escolha da parte ferida promoveu, mas sobretudo pelas

ruidosas mostras de aprovação com que todos festejaram a brincadeira. O cortesão, refeito da súbita contorção involuntária, e com a mão direita aplicada como cataplasma sobre a zona afetada, virou-se com gesto agressivo.

Impassível, mas num tom muito sugestivo, o grande senhor lhe disse, apaziguando-o:

– Mas por que essa zanga, meu amigo? Porventura a alfinetada não representa menos dor do que aquela que você teria sofrido se tivesse se atirado por aquela janela? Não se queixe, então.



A sensatez deve presidir todos os atos da vida do homem. Jamais busque alguém vantagens com a adulação exagerada, pensando que com isso compromete o lisonjeado em seu favor.

O palhaço

A um palhaço que se achava gravemente enfermo, seu filho pedia que o fizesse rir. Como sua mãe lhe objetasse que ele não podia se mover, o pequeno insistiu:

– Então, pinte a cara dele.

O palhaço, penalizado, atendeu ao capricho do filho, morrendo com o rosto todo pintado.



Essa é a triste verdade de quem utiliza outra fisionomia para ganhar o pão. A ironia do destino o leva, finalmente, a terminar seus dias com a cara pintada.

A discrição do artífice

Um escultor tinha por costume quebrar blocos de mármore e de pedra, até reduzi-los a pequenos pedaços. Às pessoas que, de passagem, perguntavam o que fazia, ele invariavelmente respondia:

– Quebro estas pedras porque nada me entretém tanto como parti-las e contar os fragmentos que ficam.

Ouvindo isso, encolhiam os ombros e continuavam seu caminho, entretidas com risinhos comentários. A constante repetição do fato conduziu-as primeiro ao silêncio, e depois à indiferença.

Passado algum tempo, o artífice surpreendeu a todos descerrando o véu de uma grande e formosa estátua. Ante as cândidas perguntas que o insólito acontecimento inspirava aos olhos assombrados, respondeu o escultor muito satisfeito:

– Se tivesse anunciado que me propunha a fazer a estátua, vocês me teriam importunado continuamente com milhares de conselhos dispersivos, e até teriam achado, no final das contas, uma forma de eu não terminá-la. Por meio do arдил sobre as pedras, pude, ao contrário, com pouco esforço e pouco tempo, livrar-me de suas fatais interferências, realizando minha obra e consagrando à humanidade um monumento permanente.



Surge deste relato a necessidade de envolver com o véu da discrição todo projeto valioso, a fim de não expô-lo às importunações alheias. Por outra parte, e em resguardo de sua dignidade, é preferível mostrar com fatos, e não por anúncios, a fecundidade do pensamento e o alcance das próprias inspirações.

Uma passagem da história divina

Era uma vez um Pai. Um Pai que tinha muitos filhos. Esse Pai havia criado o Universo.

Certo dia, um de seus filhos lhe disse:

– Pai, eu queria conhecer todos esses mundos que criaste.

O Pai o fitou e, cheio de compaixão, respondeu-lhe:

– Meu filho, todos esses mundos estão cheios de dores e misérias, porque mal começam a se formar. Não pretendas tal coisa.

– Não importa, Pai – respondeu-lhe o filho –; eu quero conhecê-los.

E, tão logo este filho partiu, outro, ao vê-lo ir-se, movido por igual sentimento, também pediu ao Pai para deixá-lo conhecer os mundos. O Pai respondeu como da primeira vez, mas, como aquele, este filho se foi.

Assim seguiram o terceiro, o quarto, o quinto e muitos outros, até que ficaram somente doze filhos junto ao Pai.

Os filhos que haviam partido foram chegando aos diferentes mundos e, ali, cada um deles teve muitos filhos. Por sua vez, esses filhos foram dizendo a seus pais que queriam conhecer os diferentes continentes do mundo que habitavam. E cada pai, depois de lhes fazer algumas advertências, deixou-os partir.

Quando todos os filhos se afastaram, cada pai conheceu então a dor de seu Pai e quis, sem conseguir, voltar para seu lado. E assim aconteceu com todos os filhos do primeiro Pai. E todos os filhos dos filhos sofriam as dores do mundo, e nunca puderam compreender por que sofriam.

Um dia, o Pai Divino estava muito triste, e um dos doze filhos, vendo-o assim, perguntou por que estava triste. O Pai lhe respondeu:

– Estou triste porque meus outros filhos foram para tão longe que custará muito poder encontrá-los.

Então outro filho perguntou ao Pai:

– Pai, como vai custar encontrá-los, se Tu conheces onde eles estão?

E o Pai respondeu:

– É verdade, mas eu não posso ir à procura deles. Por isso custará muito encontrá-los. E, não sendo eu, somente vós devereis ir em busca deles.

Um dos filhos disse:

– Pai, eles quiseram ir. Deixa-os, até que eles mesmos reconheçam que devem voltar.

E disse outro:

– Pai, não é justo que nós, que gozamos de tanto bem-estar, desçamos a esses mundos para sofrer por culpa deles.

E outro também disse:

– Pai, eu sinto que será um labor superior a nossas forças querer reunir a todos, porque vamos demorar muito em encontrá-los.

Houve quem expusesse ainda outras causas, até que um dos filhos, que não tinha falado ainda, disse ao Pai:

– Pai, Tu deste a cada um de nós uma parte de luz, uma parte de verdade, uma parte de espaço e uma parte de tempo. Eu quisera dividir minha parte entre todos, para que com minha luz, com meu tempo, com meu espaço, com minha verdade, possam novamente vir para o teu lado.

E o Pai disse a este filho, que era o menor:

– Tu és o maior de meus filhos. Seja então tua parte a maior de todas, e que essa luz, essa verdade, esse tempo e esse espaço sejam tão grandes como a parte que corresponderia a cada um no seu total. Vai, pois, salvar meus filhos. Tu serás o Pai para eles, porque serás para eles o que eu tenho sido para vós.

Ouvindo-o, este filho chorou amargamente. E o Pai lhe perguntou:

– Por que choras, se te concedi o pedido que me fizeste, e além do mais te conferi tão grandes dons? Demonstraste ser o mais bondoso dos meus filhos; maior prova de grandeza, de amor, não poderias ter dado. Então, por que choras?

E o filho respondeu ao Pai:

– Choro, Pai, porque penso que este meu gesto de compaixão diminuiu a luz de meus irmãos – e apontou para os onze irmãos que rodeavam o Pai.

O Pai comprovou, ao escutá-lo, que o filho era já tão Pai como Ele, pois na angústia por ele sentida, ao perceber que a parte maior de luz com que havia sido dotado diminuía a luz de seus irmãos, havia-lhe dado mais uma prova de que exercia com verdadeiro domínio o conhecimento do amor universal.

Então disse o Pai aos filhos cuja luz havia sido diminuída:

– O que pensais do que diz vosso irmão?

E os onze filhos responderam:

– Pai, se Ele é maior que nós e tem agora tanta luz, diz-lhe para que nos ajude a ser como Ele.

E o Pai falou:

– Segui seu exemplo.

E desceu o Filho aos mundos convertido em Pai, porque por meio d’Ele o Pai se manifestava. Mas sofreu grande dor, porque, à medida que foi encontrando os seus, pôde ver quanto tinham se afastado do Pai que lhes deu a vida. Eles já não O conheciam; tinham se adaptado tanto às modalidades do mundo, tinham se materializado tanto, que a voz do Pai lhes era completamente desconhecida.

Então o Pai falou a cada um no idioma do mundo; cobriu-se de matéria e chegou quase até a última encosta para buscar os filhos perdidos.

E vendo que estes não o conheciam, pronunciou pela primeira vez seu nome. E seu nome vibrou e foi ouvido pelas almas; e as almas falaram ao ouvido dos homens. E os que escutaram a palavra de seu nome, esses começaram a buscá-lo; e logo muitos deles estiveram reunidos a seu redor. A eles foi ensinado como deviam fazer para voltar.

E sempre o Pai ficava em cada mundo a metade de dois tempos e um tempo de metade. E, para aqueles que não o haviam conhecido, deixava muitos ensinamentos, a fim de que se preparassem e estivessem reunidos quando de seu regresso.

E, assim, de vez em quando, este Pai voltava a Seu Reino, e eram muitos os que puderam acompanhá-lo. E os que haviam voltado perguntaram ao Pai que os fora buscar:

– Pai, é este o Reino de Deus? É este o vosso Reino?

E o Pai respondeu:

– Meu Reino é o Universo; é toda a Criação. E como cada um de vós deixou muitos filhos nesses mundos, e vossos filhos muitos filhos também, voltastes sem uma parte de vosso ser. Ide, pois, recolher vossa parte.

E esses filhos perguntaram ao Pai:

– E como faremos, já que eles se dispersaram tanto?

– Do mesmo modo como eu fiz; do mesmo modo como eu vos chamei. Assim como escutastes meu nome, eles escutarão os vossos.

E cada um dos filhos viu que tinha deixado no mundo muitos corações, e compreendeu como os corações, embora estejam em corpos diferentes, podem estar unidos pelo mesmo sangue. E assim os filhos foram reunir seus próprios corações, e o Pai desceu com eles e os ajudou.

Quando tudo foi feito, já não havia metades de tempo nem tempos de metade, porque não havia mais corações separados. Todos estavam unidos no mesmo Grande Coração.

E todos foram felizes. E não houve mais dor nos mundos. E os mundos vibraram de alegria, e a alegria vibrou no coração do Pai.

O mistério das botas

Em épocas passadas, existiu um homem iluminado que ensinava o caminho da Sabedoria. Como muitos se aproximaram dele, desejosos de percorrer esse caminho, mandou buscar uma quantidade de pares de botas equivalente ao número de solicitantes, em cujo interior haviam sido incrustadas muitas pedrinhas e vidros. Dando-as a cada um, disse-lhes:

– Calcem estas botas e tratem de ir se acostumando a usá-las, procurando dar a cada dia um passo a mais. Os que puderem caminhar com elas, eu os conduzirei até os umbrais da Eterna Verdade.

Dito isso, o homem se afastou.

Quando, depois de algum tempo, ele voltou, ocultou-se para presenciar o que acontecia.

Uma grande quantidade de botas haviam sido abandonadas pelo caminho por aqueles que fugiram acovardados. Mas houve também aqueles que, mais animados, continuavam fazendo esforços para adaptar seus pés às incômodas botas, enquanto outros, uns poucos, já caminhavam sem o menor incômodo. O homem se aproximou destes últimos e lhes perguntou como tinham conseguido isso. Um deles respondeu:

– No começo, as botas eram insuportáveis, dolorosas; machucavam, fazendo-nos sangrar. Com muita força de vontade, tratamos de dar os primeiros passos. Depois nos propusemos a ver qual era o que dava mais passos sem se deter; tanto ensaiamos isso, que, inesperadamente, fomos envolvidos por uma força estranha, que nos

impulsionava a dar a cada dia maior número de passos, até que a própria alegria que sentíamos, ao comprovarmos nossa resistência, anulava a dor que nos causavam as pedrinhas e vidros das botas. Desse modo, sem nos darmos conta, vimos e comprovamos, com grande emoção, tudo o que havíamos caminhado sem que as pedras que encontrávamos no caminho nos machucassem, sendo-nos possível, assim, chegar até aqui.

O guia, sorrindo ternamente, respondeu:

– Vocês triunfaram. Isso prova que, vencidas as pequenas dificuldades, podem ser adquiridas forças e conhecimentos que depois permitem vencer dificuldades maiores.

O kukuru

O cacique Tupanco certo dia quis saber onde estava a mente, que eles chamavam de “kukuru”, e, fazendo vir até ele o gran botija Queveré, espécie de feiticeiro da tribo, ordenou-lhe:

– Olhe, Queveré, se você não me mostrar onde tenho o kukuru, mandarei queimá-lo.

O pobre feiticeiro ficou atônito ante semelhante pedido, que continha tão funesta sentença, e, pesaroso, começou a coçar a cabeça.

Qual não foi seu espanto quando, de repente, Tupanco gritou cheio de júbilo:

– Bravo, Queveré, era nisso mesmo que eu acreditava! Que estava na cabeça, e não nos pés, como me haviam dito.



Isso é o que acontece muito frequentemente com aqueles que, em alguma circunstância difícil, acertam alguma coisa e somente se dão conta quando outros o fazem notar.

Sinal inconfundível

Por que será que todos os relatos que têm o sabor da ancianidade cativam logo a atenção de crianças e adultos? Simplesmente porque não são do nosso tempo, senão que datam de longínquas épocas; de idades de sonho e de mistério já desaparecidas do mundo, como desaparecem do homem e da mulher os doces e ternos sonhos da infância.

Que poderíamos contar de nossa atualidade, e em que país deveríamos localizar o acontecido, se já ninguém acredita nos personagens que a fantasia um dia criou para exaltar o amor à beleza, à virtude e ao bem?

Nossa lenda pertence a esse gênero de narrações que acendem, secretamente, os adoráveis fogos que em labaredas de luz iluminam a rota extraviada de nossos destinos, fazendo-nos ascender, nas asas da imaginação, às sublimes regiões da recordação.

Naqueles tempos, quando ainda existia a candura nas pessoas, o aroma nas flores e a paz nos campos, havia um velho sábio a quem os homens recorriam para pedir conselho. Um dia, quando à sua volta muitos se achavam reunidos, ansiosos para ouvi-lo, o sábio, em cujo profundo olhar se viam os sinais inequívocos de sua abnegação e sacrifício, começou a falar desta maneira:

– “Má companhia é a ignorância, meus amigos. Se atenderem ao conselho dela, vocês encontrarão apenas espinhos no caminho e desventuras por toda a parte. Afugentem essa bruxa maledicente de seu lado, projetando sobre ela a luz do conhecimento. Verão que ela

desaparece, tal como desaparecem as sombras da noite ao tingir-se o firmamento com os primeiros alvares do dia. Mas recordem que vocês devem cuidar de seus pensamentos, suas palavras e seus atos, para que eles não os liguem fortemente ao passado. Se isso acontecer, muito lhes custará avançar na vida, porque se verão como que imantados por uma força que paralisará seus melhores desejos e decisões. Somente uma grande vontade poderia livrá-los de tão terrível sortilégio. Convém, portanto, que seus atos, palavras e pensamentos deixem por onde vocês passarem um sinal indelével, que lhes seja fácil descobrir cada vez que voltarem pelo mesmo lugar. Que esse sinal seja limpo como suas intenções e que nunca sirva para que a justiça os persiga. Para que isso não ocorra, seja cada um de vocês o juiz que julgue seus próprios atos. Não seria nada improvável que encontrassem, dentro de si mesmos, o promotor de desordens, aquele que, sem a participação de sua vontade, faz com que vocês cometam mais de um ato impróprio de seu sadio juízo.

“Sigam meu conselho e acendam a chama de seus espíritos, mantendo-a sempre viva, para que ilumine todos os seus dias e vocês possam viver uma existência feliz.”

Recorde estas palavras...

Um pai velava o doce sono de seu filho, de tenra idade, e, inspirado no amor que lhe professava, escreveu para ele estes conselhos:

“Alimente-se. Nutra seu corpo; que ele seja vigoroso e flexível. Todo o seu organismo deve vitalizar-se dia após dia.

Brinque. Em suas brincadeiras surgirá em cena um mundo em miniatura, que obedecerá a todos os seus desejos.

Seja ordenado. Depois de brincar, não deixe esse minúsculo mundo jogado por aí, para que outros, seus pais ou irmãos, tomem conta dele e o entreguem a você no dia seguinte para sua diversão.

De noite, quando for dormir, leve alguma dessas coisas que você toma como personagens de seu mundo: aquela de que mais goste e que lhe seja mais simpática. Segure-a junto de si até dormir. Ela o guiará em seus sonhos e será sua intérprete.

Seja esmerado no vestir e asseado em tudo.

Nunca se apegue demais a seus trajes, mas conserve-os sempre em bom estado. Quando ficarem pequenos ou se desgastarem, eles lhe serão substituídos.

Obedeça a seus pais e não reclame mais que o necessário. Quando lhe disserem que você não tem razão, ceda e acalme-se. Algumas vezes você a terá, e outras não.

Antes de dormir, faça suas orações. Se não lhe ensinaram nenhuma, fique uns momentos em silêncio, com as mãos juntas, como se tivesse aprisionado uma borboleta: é sua alma que, ao você abrir as mãozinhas e adormecer, se sentirá livre.”



“Acrescente ao que foi dito mais o seguinte:

Estude. Seu espírito necessita do alimento com que se há de nutrir. Sua mente também necessita nutrir-se. Não se prive desse alimento tão indispensável para completar seu desenvolvimento físico e psicológico.

Seja dócil a tudo quanto lhe for indicado para seu bem.

Obedeça ao professor que lhe ensina, e cumpra com todos os seus deveres.

Mesmo quando você for obrigado a interromper suas brincadeiras preferidas, conserve sempre o bom humor e a paciência.

Cuide que a inocência de seus primeiros anos não sofra mudanças bruscas.

Afaste seus olhos daquilo que fira sua sensibilidade infantil e não dê ouvidos a palavras néscias ou torpes.

Selecione seus amiguinhos. Procure as boas companhias.

Pergunte a seus pais, ou aos que cuidem de sua instrução, tudo quanto você queira saber, mas não seja curioso distraindo sua atenção com coisas que não interessam.

Seja cuidadoso com seus livros e anote tudo aquilo que aprender. Você evitará, assim, muitos esquecimentos.

Acostume sua mente a não mentir, embora você deva sofrer por isso muitas injustiças. Quando você for maior, ensinarei como deve se defender dos que mentem para prejudicá-lo.

Refreie quanto puder seus impulsos. Seja enérgico sem ser violento. Seja justo sem ser exigente. Seja tolerante com as faltas dos outros e reprima as suas com rigor.”

A verdade do Yamaly

Muito longe da data em que vivemos, existia uma ordem sagrada, verdadeira dinastia de iniciados nos grandes conhecimentos da Ciência Universal.

Os de mais alto posto, hierofantes já consagrados e depositários do segredo por força do qual se abriam inteiramente as portas que davam acesso aos arcanos da excelsa sabedoria, chamavam-se Yamalys, que, traduzido para o nosso idioma, quer dizer “guias”, palavra esta que em seu sentido superior assume a mais elevada categoria.

De quando em vez, um dos Yamalys, depois de preparar muitos dos que aspiravam a superar-se e ilustrar-se no conhecimento da Ciência Universal, empreendia uma longa viagem em direção, precisamente, ao Templo da Sabedoria.

Os que anelavam chegar a tão ansiada meta caminhavam, a princípio, animados e cheios de entusiasmo, mas, à medida que se internavam nas profundidades do conhecimento, as diversas situações pelas quais deviam passar, cada vez mais frequentes e difíceis, faziam com que fraquejassem. Aos arroubos e encantamentos dos primeiros tempos, juntamente com as mil juras de fidelidade, gratidão e consagração ao supremo incentivo do saber, sucediam-se momentos de vacilação e pessimismo, durante os quais a dúvida invadia todas as regiões do espírito.

Enquanto estes e muitos outros estados psicológicos se faziam presentes e visíveis em cada ser, o Yamaly continuava imperturbável

sua obra, e era fácil vê-lo dando ensinamentos aos que se achavam a apenas cem metros do ponto de partida, ao mesmo tempo que o fazia com os que se achavam a quinhentos, mil, dez mil metros,* e ainda a distâncias maiores.

Acontecia que, do crescido número de seres que acompanhavam o guia, alguns desde certa altura do caminho, outros desde outra, instigados por pensamentos que não tinham sabido vencer, voltavam à sua antiga vida, protestando por terem perdido seu tempo, quando, segundo eles, teriam podido empregá-lo em muitas outras coisas. Não pensavam esses insensatos que, se não foram capazes de fazê-lo antes de se dedicarem à construtiva tarefa de cultivar o espírito, menos o teriam feito se permanecessem na mesma condição de ignorância da qual foram retirados. O mais curioso era que muitos deles, ao empreenderem, depois de se afastarem, tarefas que antes não podiam desempenhar, viam com admiração quão fácil lhes era agora realizá-las, e ainda as vantagens que obtinham em ocupações e empreendimentos que jamais tinham conseguido encarar. Que mudança tinha ocorrido neles para que o difícil se tornasse fácil? Em vão procuravam desconhecê-la com temerária needade: o que se plasma na realidade dos fatos nada nem ninguém pode apagar. Não obstante, bem depressa a porção de luminosidade mental adquirida se apagava, fazendo com que cada um dos que tinham especulado voltasse a seu anterior estado mental, do mesmo modo que o músculo perde sua agilidade e volta à sua habitual dureza ao se privá-lo de treinamento.

Apesar dessas circunstâncias, o Yamaly, como fonte inesgotável de saber, não cessava um instante em seu altruístico labor de ensinar a Verdade, cujo conhecimento ele possuía. Ensinava infatigavelmente a todos por igual. Sabia que as chaves do conhecimento universal estão esperando a mão digna que há de empunhá-las. Todos podem alcançá-las, mas cada um é árbitro de sua vontade. Quem recuse o bem a que aspirou ficará onde está, à expensas de sua incipiente preparação.

* Foi tomada a figura da metragem para expressar o grau de adiantamento de uns e de outros, a fim de projetar com maior clareza a imagem do fato que se relata.

Os impacientes se afastavam de seu lado, outros permaneciam com ele por mais tempo; porém, enquanto muitos ficavam para trás, havia aqueles que seguiam o Yamaly, e, cumpridas as jornadas que a realização interna de superação demandava, havia para eles portas que se abriam e riquíssimas regiões para explorar na vasta imensidão da Criação.

Enganavam-se com lamentável ingenuidade aqueles que pretendiam, após estarem um tempo a seu lado, assemelhar-se a ele ou bastar-se a si mesmos para seguir avançando. Logo apareciam uma quantidade de detalhes que revelavam a impostura, e muito rapidamente eles sucumbiam nos desvarios da demência. É que a verdade do Yamaly estava encarnada em sua própria existência, a qual continha uma vida ampla e exemplar. Para assemelhar-se a ele, era necessário viver muito da vida que ele viveu e saber muitas das coisas que ele sabia.

Castigo merecido

De seu Trono Divino, o Pai Eterno dirigia a palavra a todos os seres cuja descida à Terra se ia aproximando. Como não poderia acompanhá-los, disse-lhes que confeccionassem seus próprios livros e neles anotassem, diariamente, o que cada qual fizesse no curso de sua vida.

E eles prometeram isso. À medida que iam regressando, cada um, conforme o combinado, entregava seu livro. Entretanto, não faltou um desmemoriado que, lembrando-se subitamente do compromisso assumido, começou, com angustiosa pressa e na maior desordem, a estampar nas páginas de seu livro em branco os fatos de sua vida. Quando entregou ao Pai Eterno seu confuso texto, Deus sentenciou:

– Condeno-te, por toda a eternidade, a decifrares tu mesmo o conteúdo de teus escritos.



Coisa semelhante é o que acontece àqueles que jamais cumprem o que prometem. No final das contas, devem enfrentar sérias dificuldades para safar-se da situação criada.

Odisseia de duas almas

Quando a alma humana decide entrar pelos pórticos do mundo, encontra ante sua vista duas árvores de idades milenárias. Uma, situada à esquerda de um amplo caminho, é a Árvore da Ignorância; muito encorpada, de pequena altura, seus frutos podem ser apanhados sem dificuldade. Outra, gigantesca, situada à direita, é a Árvore da Sabedoria. Para alcançar seus frutos, postos nas extremidades de longos e finos galhos, é necessário subir nela e, com vigorosos esforços, segurar-se fortemente ao seu empinado tronco para não cair. A maioria prefere apanhar os frutos da árvore mais baixa, porque oferece menos dificuldades e nenhum perigo.

Eu conheci duas almas que chegaram juntas ante as portas do mundo.

– Olhe que árvore formosa, e que difícil de subir! – disse uma.

– Por outro lado – acrescentou a alma que a acompanhava –, veja aquela outra, que frondosa, e quão repleta de frutos está!

– É verdade – assentiu a primeira, após um profundo suspiro –, mas não se esqueça de que nos foi dito o seguinte: “Se não quiseres desfalecer na metade deste caminho, não apanhes a fruta que te esteja ao fácil alcance da mão, mas sim aquela que, muito alta, exija de ti um esforço consciente; que, ao tomá-la, possuidora quiçá de um elixir, seja a fruta imperecível e não se estrague, e que de seu suco sempre resultem novas forças, mais alento e alegria. Da fruta inesgotável receberás esse bem.”

– Que palavras inspiradas! – disse com risonho gesto e cortante ironia a segunda alma. – Pois eu vou ao positivo, e encherei meus alforjes com os frutos dessa generosa árvore.

E, apontando-a com ar de satisfação, encaminhou-se decididamente para a Árvore da Ignorância.

– Que dúvida horrível penetrou em mim depois do que escutei!... – exclamou a primeira alma, ao ficar sozinha. – Será que estou equivocada? Não terei compreendido mal a advertência do senhor Destino? Se os frutos daquela árvore são melhores, por que, então, ela é tão inacessível, e por que nos arriscamos, ao querer alcançá-los, a perder tempo e até mesmo a levar grandes tombos ao menor descuido ou à menor vacilação? Já a outra, também carregada de frutos, nada exige, e basta apanhar quantos a gente desejar para prosseguir a caminhada sem perda de tempo.

Enquanto fazia estas cavilações, sua companheira se afastava, depois de se abastecer bem.

Muitas almas mais foram passando junto a essa primeira alma e, depois de se proverem e de comerem alguns frutos da árvore da esquerda, empreendiam novamente a caminhada.

– Que dúvida, que incerteza tão cruel!... – repetia para si a alma ao se ver sozinha, até que, finalmente, vencendo a resistência que lhe opunham tais pensamentos, dirigiu-se para a Árvore da Sabedoria, que se encontrava à direita.

Tentou várias vezes subir nela, mas sem resultado.

– Apesar de tudo – dizia consigo –, parece que outras já subiram antes de mim. Mas seu tronco é tão grosso e tão liso que me será difícil levar adiante meu propósito. Vou esperar até amanhã; não seria prudente tentar de novo subir a estas horas, quando as estrelas parecem vigiar-me.

E assim se passou um dia, e outro, e muitos mais, e ela escorregando toda vez que conseguia chegar mais alto que sua própria estatura.

Enquanto isso, continuava passando a seu lado uma multidão de almas, as quais, arrancando as frutas da outra árvore, olhavam depreciativamente para aquela alma e, sem se deterem, afastavam-se de

sua vista. A luta de seus pensamentos era cada vez mais atroz. Tinha diante de si a Árvore da Ignorância, tentando-a; a seu lado, a da Sabedoria, que, imutável e severa, parecia rechaçá-la. Suas forças estavam a ponto de esgotar. A alma implorou, num soluço de íntima pena, um raio de luz para seu atribulado espírito, e, como uma graça do céu, caiu no seu colo uma fruta, na qual estavam escritas estas palavras: “Coma e reconforte seu espírito”.

Assim que a alma saboreou a fruta, sentiu que suas forças se multiplicavam.

– Oh, que maravilha!... – repetia comovida. – Agora, sim, poderei subir na árvore!

Mas aconteceu que voltou a se sentir quase imersa num abatimento desesperador. Humilde e aflita, interrogou:

– Por que não posso, oh, árvore maravilhosa!, recolher frutos de ti?
O gigante permaneceu em silêncio.

Chegou a noite, e a alma, fatigada pelo cansaço, adormeceu. Dentro em pouco começou a sonhar que subia na árvore sem nenhuma dificuldade e jogava no chão muitas frutas, as quais se abriam ao cair, derramando parte de seu suco. As almas que passavam por ali as recolhiam e, ufanas, corriam a avisar às outras que no chão havia muita fruta caída. Desse modo, misturaram em seus ventres os frutos das duas árvores, surgindo assim a casta dos medíocres, dos presunçosos, dos soberbos, dos que, considerando-se sábios, estão condenados a viver na ignorância, e dos que, sendo ignorantes, devem sofrer o tormento de se expor ao ridículo, aparentando um conhecimento que não possuem.

– Veja só, oh alma, o que você fez!... – murmurou com dor a árvore, indicando com um de seus galhos as almas que haviam comido o fruto sem notar a diferença. – Desça! – ordenou-lhe. – Recolha a fruta caída que não tenha sido manuseada e, se sobrar das que você puder levar, poste-se na entrada e, àquelas almas que você perceber serem boas, ofereça-lhes uma e diga-lhes que não comam as da outra árvore. Se me pedirem humildemente as que tenho, eu as deixarei cair, mas advirta-lhes que seus anelos têm que ser limpos, para que o suco de

minha fruta não lhes tinja o rosto com a cor dos falsos, dos traidores e dos apóstatas.

A alma despertou ao amanhecer e foi a primeira a receber, ante a menor insinuação de seu pensamento, o valioso obséquio. A árvore, sacudindo-se bruscamente, deixou cair a seus pés um monte de frutas, e ela, compreendendo sua missão, dispôs-se a cumpri-la.

A muitas ela ajudou, mas nem todas as almas ajudadas foram sensatas, nem manifestaram gratidão. Houve algumas que, tomadas de certa presunção, escarneceram da alma que tão generosamente as havia feito compartilhar sua preciosa merenda. Mas nem por isso ela se alterou e, quando chegou o momento, começou a trilhar o longo caminho da vida.

Depois de andar um pouco, encontrou várias almas discutindo acerca do valor das frutas que tinham comido. Uma disse:

– Já voltamos quatro vezes à procura de mais fruta e, ao ficarmos discutindo, estamos sempre no mesmo lugar.

Pelo caminho, à medida que avançava, encontrou algumas almas estendidas no chão, quase sem alento, e outras que lhe pediam mais fruta, porque a sua havia acabado. Consolou umas, recriminou outras; mas a todas ajudou.

De repente, ouviu uma voz que lhe pareceu conhecida:

– Socorra-me, por favor!... – gritava.

Era a segunda alma, que implorava lhe desse de sua fruta para comer.

– Viu? – inquiriu a alma boa, enquanto a fortificava com o suco do único fruto que tinha utilizado. – Você pensou que comendo da Árvore da Ignorância, cujos frutos são tão fáceis de apanhar, logo chegaria à meta. Eu lhe posso dar somente aquela parte que corresponderia a todas por igual, caso me fosse reclamada, mas com ela você somente poderá tornar mais longa sua agonia, se tentar prosseguir. Em vez disso, volte, com as forças que recuperar, até o ponto de partida; faça o que eu fiz e não vai se arrepender.

– Não! – replicou a segunda alma. – Não poderei consentir que você passe na minha frente, sendo que eu iniciei primeiro a caminhada!

E, dizendo isso, encaminhou seus passos para a frente, sem atender aos conselhos da primeira alma.

Pouco depois, aquela alma obstinada era retirada do caminho, para que não atrapalhasse a passagem das demais.

Quando a primeira alma passou, de fora da estrada ela lhe gritou ameaçadoramente:

– Você vai me pagar, alma egoísta, por não ter me dado a metade de sua merenda!...

Alguém replicou-lhe:

– Essa alma te deu mais do que tu precisavas para poder ter tanto quanto ela, mas não quiseste escutá-la e confiaste em tuas próprias forças, desdenhando a verdade que obtiveste de sua fruta. De que te queixas agora? Voltaste a teu mundo. Quando tentares percorrer novamente este caminho, toma cuidado para não voltares a encher teus alforjes com o fruto da árvore da esquerda, e escolhe aquele que, por não te haveres dado o trabalho de levantar os olhos, não viste que está por cima de todas as tuas pretensões, de tua vaidade e de tua indiferença.

Muitos podem mais do que um

Certa vez, faz muitos anos, um homem rude caminhava subindo uma montanha.

De repente, encontrou uma pedra muito grande, a qual, segundo pressentiu, ocultava um tesouro. Pôs-se então a empurrá-la, cada vez com mais força, mas a pedra não se movia.

Passaram-se os anos e, já velho, quase exausto, continuava com todo o empenho empurrando a pedra, com o mesmo resultado.

Um dia passou por ali um homem mais inteligente do que ele e, vendo a dimensão da pedra e o que ele fazia, perguntou-lhe sobre o motivo de tão obstinada atitude.

Assim que ficou sabendo, procurou outros homens para que ajudassem o esgotado ancião a remover a imensa pedra, a qual ocultava a entrada de uma caverna que, como se supunha, guardava um tesouro. Mas, quando eles chegaram, o velho já havia morrido.

Todos então empurraram a pedra, que rolou para o abismo, pondo a descoberto o tesouro.

O que o primeiro não pôde fazer com seu esforço solitário, o segundo fez com o concurso dos demais.



Para derrubar a enorme massa representada pela ignorância humana, é necessário o concurso de muitos; e, quando isso ocorrer, a pedra será removida e o tesouro do saber e da felicidade será encontrado para o bem de toda a humanidade.

O cão de guarda

Sabemos que o cachorro é um animal simpático, dócil, obediente e fiel, qualidades estas que ninguém desconhece, por ser o irracional que se mantém mais perto do homem, servindo-lhe de companhia, distração e ajuda. Porém, se o vemos na função de guarda ou vigilante da casa, outro conceito ele então merece.

Em tal função, o animal costuma ser mais antipático para as pessoas estranhas. Orgulhoso de sua dentadura, mostra-a com o maior atrevimento, num gesto que, embora não possa ser apreciado de perto, faz compreender num instante que não se deve confiar muito em sua paciência. É ao mesmo tempo bravo e teimoso, pois é difícil, quando se indispõe contra alguém, fazê-lo mudar de “opinião”, ou seja, de atitude.

Sua fidelidade chega ao auge quando mantém firme a ordem que recebeu do dono, a ponto de negar a este toda autoridade para modificá-la. E vai ainda mais longe: chega a colocar sua condição de guarda acima da de seu dono, proibindo a entrada na casa de toda visita que, embora grata ao amo, não o seja a ele, ao extremo de, muitas vezes, ser necessário acorrentá-lo e ameaçá-lo com severos gritos para fazê-lo ceder em sua atitude agressiva. Tudo nele, então, é desobediência, mau humor e uma gana ardente de sacudir nos dentes a quem viola a ordem recebida. Os fundilhos das calças constituem a obsessão dos cães amarrados à corrente.

Muitos executivos, empregados ou pessoas que ocupam cargos que, de certo modo, servem de ponte entre seus superiores e os

demais, assemelham-se, nesse aspecto, aos cães de guarda, pois – como frequentemente se vê – não deixam passar nem os que são chamados por seus próprios patrões. Até parece que foram colocados ali de propósito, para deter e ainda impedir que alguém chegue até seus gabinetes, salvo algumas exceções, para as quais o guarda se desfaz em “lambidas” e “abanos de rabo”. Costumam também, numa ou noutra ocasião, transgredir a ordem, segundo a veneta desse dia, mas estes casos são muito raros: sua atitude é sempre obstinada e altaneira. Por isso deve ser que muitas vezes, referindo-se a este tipo de seres, é comum dizer que eles se “obstinam” em não entender razões, e isso quando não são rotundamente qualificados de “cães”.

Fizemos referência, nessa comparação, ao cão preso por coleira, que encontra na corrente a justificativa de sua irreductibilidade.

Quantas pessoas há que resistem a modificar condutas e temperamentos estabelecidos por seus superiores, os quais, de sua parte, não veem nenhum inconveniente em retificá-los. Isso ocorre pelo fato de confundirem as funções circunstanciais que desempenham, bem como a autoridade de que foram investidos, com o poder que tem a autoridade que lhes concedeu essa posição.

O homem que buscava a Deus

Um dia de outono, quando o silêncio dos ruídos humanos deixava ouvir os ecos da Natureza, tive oportunidade de presenciar uma cena original, simbólica.

Sentado à beira do caminho, observava atentamente, enquanto o sol empalidecia, o aloucado rolar de folhas secas que o vento fazia desfilarem ante meus olhos; pareciam diminutos gnomos dançando ao redor de um círculo traçado por um obstinado redemoinho. Outra procissão de folhas presidia a marcha forçada de um peregrino que se aproximava num passo lento. Mais à frente, esperava-o uma fada que reunia em si os sublimes encantos de uma perfeita beleza.

Minha presença ali deve ter chamado muito pouco a atenção dos personagens que eu via, pois que, sem repararem em mim, como se eu fosse invisível ou algo que não existisse, iniciaram o seguinte diálogo:

FADA: – Aonde vais, bom homem?

PEREGRINO: – Ao infinito; busco a Deus.

FADA: – Pobre caminhante, andaste já um longo trecho?

PEREGRINO: – Sim, muito longo; estou fatigado...

FADA: – Quem és tu?

PEREGRINO: – Saberei quando encontrar a Deus.

FADA: – Onde vives?

PEREGRINO: – Não tenho abrigo; vivo ao sabor das intempéries.

FADA: – Acreditas em Deus?

PEREGRINO: – Sim; uma só vez o vi em sonhos, e desde então o busco.

FADA: – Em sonhos? E acreditas neles?

PEREGRINO: – Sim, acredito. Desde então sonho acordado, para poder acordar nos sonhos...

FADA: – Que iluso! Por acaso as alucinações transtornaram teu cérebro?

PEREGRINO: – Como te atreves a falar-me assim? Acaso não é nos sonhos onde estamos mais perto da verdade?

FADA: – De fato; mas não te esqueças de que tão prontamente podes aproximar-te dela como afastar-te, sem que notes a mudança.

PEREGRINO: – Por isso procuro a Deus, para que me dê a compreensão dos câmbios, das distâncias e do valor real das coisas que existem.

FADA: – E onde acreditas encontrar a Deus?

PEREGRINO: – Não sei; mas sei que existe, porque, quando o chamo, treme a terra sob meus pés, e até há vezes em que me parece ouvir sua voz.

FADA: – E que conceito tens formado sobre Deus?

PEREGRINO: – Nenhum. Não há mente humana capaz de conceber a infinita expressão de sua divindade.

FADA: – Então, para que vieste a este mundo cheio de dores e misérias?

PEREGRINO: – Justamente para isso, para buscar a Deus. Já vim tantas vezes!... E quando ao regressar me perguntam se o achei, e eu lhes digo que não, novamente me obrigam a partir para a Terra em sua busca.

FADA: – Pobre peregrino! Vejo que assoma uma lágrima em teus olhos. Porventura sabes chorar?

PEREGRINO: – E quem não aprende a chorar aqui? Acaso não é com o pranto que aprendemos a viver?

FADA: – Ah, sim!; muitas vezes o pranto te recorda que tens coração e, assim, te lembras do coração de Cristo.

PEREGRINO: – Isso é verdade, e o pior é que, recordando-o, esquecemos o grandioso significado de sua dor.

FADA: – Diz-me tu, que buscas a Deus: confessas ter esquecido a lição de Cristo?

PEREGRINO: – Sim; muitas vezes recordei e muitas vezes esqueci seus ensinamentos, como também muitos outros, e é por isso que peregrinamos...

FADA: – E por acaso o cansaço de tais peregrinações te sugeriram a ideia de tomar esse caminho?

PEREGRINO: – Sim, mas a simples ideia de morrer como Ele me aterroriza, me causa espanto.

FADA: – Morrer? Por acaso morreste alguma vez?

PEREGRINO (recordando): – Morrer, morrer alguma vez... Oh, fada misteriosa! Tuas palavras vibraram em minha alma! Tu me despertaste de um sonho horrível... Eu me havia extraviado nas trevas da noite e buscava a Deus na escuridão, sem outra tocha senão a débil luz de meu entendimento. Tu me ensinaste, num só instante, o que em minha longa peregrinação não pude aprender. Fui um néscio como tantos outros que só creem no que seus olhos veem, e que negam o que está oculto aos olhos físicos, mas não assim aos da alma, os únicos em realidade capazes de ver. Confesso que fui um néscio e que, apesar de em tão árduas jornadas eu sempre aprender algo mais sobre aquilo que um dia me ensinaram, sempre duvidei, e foi assim que esqueci o essencial: a virtude de pensar e meditar sobre o que tinha aprendido, não podendo jamais conceber o infinito significado do expressado em tuas últimas palavras, aquelas que produziram em mim o efeito sublime da ressurreição.

FADA (afastando-se): – Até breve, peregrino; já não tardarás a encontrar a morada d'Aquele que já não buscas, porque Ele mesmo te chama de dentro. Até breve; finalmente aprendeste a lição.

Conto egípcio

Achava-se certa vez Hermes atendendo a numerosos discípulos que haviam iniciado com ele uma obra de arte, símbolo da perfeição humana, quando um deles, que amassava uma pasta e trabalhava mais horas que os demais, incomodado por ver que outros tinham trabalhos menos rudes e que demandavam menos tempo, inquiriu-lhe:

– Dizei-me, oh, Hermes! Como é que, sendo tão justo, permitis tais diferenças? Por acaso não tenho eu igual direito a manejar o buril e deixar o serviço às mesmas horas que eles?

– Tens razão – respondeu-lhe Hermes –; a partir de amanhã começarás o labor que pedes; mas te advirto que, para cada milímetro equivocado que precise ocupar o tempo de outro para repará-lo, te aumentarei uma hora de trabalho.

O discípulo ficou pensativo e, por fim, replicou:

– Então, por que não me ensinais a não me equivocar?

– Era isso, precisamente, o que eu estava fazendo. Porém, como tu queres fazer um trabalho diferente do que te foi atribuído, acedo com gosto, mas advertindo, ao mesmo tempo, que a obra não poderá ser atrasada um só minuto por tua causa. Se desejas trabalhar como fazem os discípulos que perfilam imagens e modelam belas peças de arte, prepara-te como eles, estuda, cumpre tua obrigação, e não percas o tempo ocupando tua mente com mesquinhos pensamentos de ciúme ou inveja. Eles amassaram a pasta antes de ti, e, enquanto o faziam, meditavam sobre os ensinamentos que diariamente dou

a todos para que, progressivamente, possam fazer trabalhos mais delicados, de maior durabilidade e mais aperfeiçoados. Assim, cada pequena parte da obra será feita pelos que estão encarregados desse labor, tantas vezes quantas forem necessárias para sua perfeita realização.

Compreendendo, o imprudente manifestou ao sábio seus desejos de continuar amassando, até conseguir manejar o buril com maior segurança e eficácia.

O surdo-mudo e o cego

Em certo lugar apropriado para as esmolas, achavam-se dois homens. Um ostentava o cartaz de “Cego”; outro, o de “Surdo-mudo”. O primeiro suplicava misericórdia e ajuda; o segundo, com seus gestos, inspirava compaixão. Quando os bolsos estavam cheios, cada qual regressava à sua moradia.

Um dia, alguém jogou para o surdo-mudo uma moeda que, rolando, chegou aos pés do cego. Este a recolheu com presteza e, da mesma forma, a pôs no bolso.

– Ah, canalha! – gritou-lhe o mudo –, então você vê melhor do que eu, não é?

– Admiro seu cinismo, hipócrita! – refutou o cego. – Como se atreve a falar exibindo esse cartaz?



De forma semelhante procedem os que levam em seus lábios o rótulo do Amor: com frequência, esquecendo que este é mudo, expõem com vigor todo o ódio que guardam por trás do cartaz de sua falsa ostentação.

A consulta

Existiu na terra dos homens um mestre que realizava, naqueles remotos tempos, uma obra de vastas projeções universais. Já quase na metade da monumental criação de seu pensamento, aconteceu – segundo narra a história de sua vida – que certa vez ele quis consultar a Deus para ter a certeza de seus acertos, ou conhecer seus erros, caso existissem.

Foi assim que, um dia, internou-se entre altas montanhas para invocar a Quem devia pronunciar-se e julgar sobre tudo quanto tinha realizado. Conhecia muito bem a forma em que se expressa a linguagem da sensibilidade universal que manifesta o pensamento de Deus, e podia perceber com toda a nitidez, por sinais inequívocos, quando esse pensamento confirma ou não o que se submete a tão elevado juízo.

Narra a dita história que, enquanto ele avançava por estreitos caminhos e tortuosas passagens, guiava-o unicamente o pensamento que inspirava sua evocação. Sabia que haveria de experimentar sensações muito fortes, de tal sorte que tinha quase a certeza de tudo quanto ocorreria, e até lhe parecia conhecer com exatidão o ponto preciso onde culminaria sua invocação.

Descreve, também, que era tal sua concentração, tal o propósito que animava seu espírito e a pureza de seu pensamento, que lhe pareceu mesmo ter perdido a noção física de tudo quanto o rodeava. Com esse estado espiritual, chegou à beira de um abismo, diante do qual se deteve por alguns instantes para pronunciar as seguintes palavras:

– Se tudo que tenho realizado não merece a aprovação do pensamento universal que anima minha existência, devo cair; devo rolar por este abismo que se abre a meus pés. Se assim for, deverá sobrevir-me um desfalecimento tal que eu não possa sequer socorrer a mim mesmo. Mas, se minha obra tem merecido aprovação tão excelsa, não cairei, e viverei reconfortado e fortalecido por tão poderoso estímulo.

Ao confirmar-se este último caso, pela súbita aparição de um estado de paz, de forças e felicidade internas, voltou os olhos para pousá-los na imensidão e agradecer ao Doador de sua existência aquela aprovação.

Mais e melhor se confirma o transe descrito pelo fato de saber que o ilustre protagonista deste relato, enquanto descia por entre penhascos e barrancos de volta de sua excursão, pensava que, sendo tão frágil a parte psicológica do ser humano, teria sido natural que lhe sobreviesse uma vertigem que tivesse provocado sua queda ao precipício. Nada mais lógico, pois, que isso acontecesse, uma vez que, para dar lugar a que o sinal fosse inequívoco, ele se havia colocado junto do abismo num estado de espírito tal, que eliminou de sua vontade todo intento de conservação ou de defesa.

Pelo fato de toda vida superior ser um alto expoente de abnegação e sacrifício, aquele espírito seletivo se entregou, na referida circunstância, ao grande pensamento que animara e inspirara sua existência. Assim foi como teve por certas e seguras as manifestações que confirmaram a augusta aprovação.



Esta lenda, que pareceria conter fatos históricos, mostra o exemplo de humildade das grandes almas que iluminaram, de época em época, o caminho tortuoso e incerto dos homens.

A onça “doméstica”

Passeava certa vez um ilustre filósofo em companhia de um jovem estudante, a quem instruía com singular empenho sobre o valor das defesas mentais, prevenindo-o sobre os diferentes disfarces que os pensamentos utilizam para ocultar suas intenções à boa-fé do homem. Com imagens claras, demonstrava-lhe quais são as características predominantes em muitos deles e o cuidado que é necessário ter para não se ver surpreendido com frequência por suas inesperadas patadas. Dizendo isso, observou que, apesar da clareza de suas palavras, não havia sido compreendido por seu interlocutor, ou que alguma dúvida existia na interpretação que ele havia dado a elas.

Em tais circunstâncias, e por uma daquelas coincidências que poucas vezes costumam acontecer, chegaram à casa de um amigo, comerciante de pássaros e de outros animais de diversos tipos, tais como gatos, cachorros, coelhos, raposas, onças, etc. Entraram no estabelecimento e, depois de trocar algumas palavras com o dono, este os levou a percorrer seu pequeno zoológico. O fato de terem visto pássaros de todas as cores e preços, e toda uma coleção de pequenos animais, não é o que interessa; o importante no caso foi que, num dos pátios da loja, amarrada com uma forte corrente ao tronco de uma comprida e delgada palmeira, dava voltas uma onça parda de não menos que um metro de comprimento.

Ela havia chegado à loja fazia uns meses; era, então, um filhotinho inofensivo e formoso, que foi preciso criar na mamadeira. O dono do estabelecimento tomou por ele um tal carinho, que repetidas vezes

recusou as ofertas dos compradores. Ele o mimava, acariciando-o com muita frequência, e se alguém sentia temor dele, dizia-lhe num tom confiado:

– Não tenha medo; é um filhotinho.

Na verdade, parecia não ter notado quanto o animal havia crescido.

Nesse dia, a onça tinha caçado uma ratazana e a tinha devorado.

– É a primeira vez que faz isso – e, como se quisesse dar maior garantia a respeito da falta de ferocidade do animal, acrescentou: – Já é uma onça doméstica.

Os visitantes olhavam a onça de uma prudente distância, notando que, cada vez que ela passava diante deles, tentava aplicar uma patada na direção de seus pés, continuando depois com suas monótonas voltas em torno da palmeira.

Não transcorreu muito tempo, e seu dono, que fora buscar uma gaiola, passando próximo dela sentiu nas suas costas as garras da fera rasgando-lhe as roupas. Paletó, camisa e demais peças íntimas foram arrancadas como que por arte de magia.

Com a cara pálida, quase sem fôlego, conseguiu dizer:

– Valha-me Deus!... Não se pode confiar nesses “bichos” sanguinários!... Amanhã mesmo vou fazê-la sumir de minha casa! – e repetia o juramento de não querer ter mais feras em seu estabelecimento, mesmo que ostentassem, quando filhotes, a cara mais inofensiva.

– Você viu? – perguntou o filósofo a seu acompanhante, depois de transcorrida a cena. – Aí está uma imagem viva do que são certos pensamentos que, com grande solicitude, vão sendo amamentados na mente desde quando só têm força para existir. As consequências da imprevisão ou da imprudência de quem, como no caso da onça, lhes dá acolhida, os alimenta e lhes prodiga um afeto e uma confiança que podem lavar sua própria desgraça, terão depois de ser lamentadas.

Será necessário explicar aqui, para melhor ilustração do leitor, quais são esses pensamentos que se parecem com a onça de nosso relato? Pois bem; que seja satisfeita a inquietude.

Tais pensamentos são aqueles que se introduzem na mente aparentando ser inofensivos. Um pensamento de jogo, alimentado com certo calor, termina arrastando seu dono à mesa da perdição. Quando já foi acariciado com veemência, quando já tomou corpo, sobrevém a patada que chamam de acaso, e que não é outra coisa senão aquele mesmo pensamento aplicando seu golpe traidor ao confiado e crédulo amo. Como este, existem muitos outros pensamentos que o leitor poderá descobrir, tão logo percorra o rol de todos aqueles de índole mais ou menos similar ao que tomamos como exemplo.

Fica, agora, como moral da história, que não se deve dar cabida na mente a nenhum pensamento cuja natureza seja diferente ou alheia ao verdadeiro sentir, à razão e à sensatez, para não se ver mais tarde no perigo de ser agredido por semelhantes hóspedes mentais.

O ingrato

Conta-se que certa vez alguém pediu a Deus para lhe conceder um bem, e que, como gratidão, faria seus irmãos e amigos participarem desse bem.

– Seja cumprido teu desejo – disse-lhe Deus –, mas não te esqueças de tua promessa.

Depois de certo tempo, observou o Criador que, enquanto o beneficiado gozava do bem recebido, esquecia de dar cumprimento às suas palavras. Então, sentenciou:

– O que é produto do desejo não dura.

E assim, pouco a pouco, o que tinha o ingrato obtido foi se dissipando à sua vista.

Aflito com a perda, acercou-se a Deus implorando para que lhe restituísse, com sua proteção, o bem perdido. Escutou, então, o seguinte:

– Não pudeste conservar o bem que te dei, porque não cumpriste tua promessa. Resgata-o, agora; recupera-o com teu próprio esforço, e assim se irá gravando em tua memória; e verás que, quando o tiveres alcançado novamente, compreenderás, como pensaste antes de ele te ser concedido, que não deves desfrutar egoisticamente esse bem.

O Éden dos meninos bons

Num lugar circundado de montanhas, entre vales férteis e formosos, bordejado de rios e córregos cristalinos, situa-se um grandioso palácio de cristal. O palácio dos sonhos juvenis... castelo soberbo, de lendárias épocas, que guarda zelosamente em seu interior a lembrança inapagável dos episódios mais preciosos da vida do homem.

Rodeiam o palácio encantadores parques e jardins com as mais variadas espécies de plantas, cobertas de frutos que chegam à madurez e não se estragam; de flores que abrem suas corolas e suas suaves pétalas, de primorosas cores, exalando sua fresca fragrância sem jamais murcharem.

Animais de todas as espécies habitam o lugar sem nada destruir; animais que não envelhecem, que pastam, repousam ou brincam entre si, gozando as delícias do Éden.

Pássaros... pássaros de todas as formas, variedades e cores abundam por ali sem morrer nunca. Pássaros ensinados, que voam de uma planta a outra, alegres e contentes, cantando e trinando com singular energia, enchem o ambiente de ternas e cálidas recordações.

Porém, o que mais chama a atenção nesse mundo de maravilhas são os passarinhos guardiães. De cor azul, com um sinal branco no pequeno peito, eles são os únicos que podem aninhar nos beirais do castelo; os únicos que conhecem todos os rincões do suntuoso edifício; e os únicos, também, encarregados de cuidar para que ninguém maltrate o que a Natureza expôs ali para delícia e prazer de seus moradores.

Os passarinhos azuis têm ainda uma outra missão: a de ir em busca daquelas crianças que se portaram bem. Como são dotados de muita inteligência, logo conhecem quais são as crianças boas; então, surgindo-lhes diante dos olhos, eles cantam, e seu gorjeio é tão terno e doce que as deixa maravilhadas. Depois, falam-lhes ao ouvido e lhes dizem que de noite voltarão para buscá-las.

E assim acontece... E quando as crianças se entregam ao repouso, eles lhes aparecem novamente em sonhos.

Certa noite, um dos passarinhos foi até o leito de um menino a quem tinha que premiar; emprestou-lhe duas pequenas asas que havia levado consigo e juntos voaram para o Éden.

– Oh! Quantas maravilhas! – exclamava extasiado o menino à medida que se aproximavam por entre os prados. – Que flores preciosas! Quantas borboletas! E o castelo... Oh! que divino! Todo de cristal!...

Os reflexos da lua, sorridente e tranquila, davam ao Éden uma luz pálida, de um tom celeste prateado.

Chegaram então à região dourada dos meninos-príncipes, deleite insubstituível dos primeiros anos da existência.

Próximo do castelo, um bando de passarinhos azuis cumprimentou-os cantando, e continuou seu voo.

– Para onde vão? – perguntou timidamente o menino.

– Vão em busca de outros pequenos que, como você, se portaram bem. Cada um de nós tem a seu cuidado um menino, e é seu fiel companheiro.

Ao vê-los chegar, assomaram à porta do palácio muitos passarinhos azuis e muitas crianças, que batiam jubilosamente as mãozinhas e, plenas de contentamento, riam por terem outro irmãozinho entre elas. Ali Ninim – assim se chamava o menino deste conto – reconheceu alguns de seus amiguinhos, aqueles que se haviam comportado bem como ele. Que alegria era brincar juntos em lugares tão lindos!

Um cisne, muito elegante e vistoso, convidou-os a passar a um grande salão. Havia nele um grande cenário, onde apareciam paisagens formosíssimas.

– Está vendo? – disse o cisne a Ninim, após um momento. – Tudo isto representa a Sabedoria; é um conjunto de conhecimentos que explica cada uma das coisas que existem no Éden e no Universo. Mas você já precisa voltar; porque chegou a hora em que acaba sua permissão para estar aqui. Se quiser conhecer e possuir muitos tesouros espirituais, comporte-se bem. Dessa forma, vai continuar vindo, e cada vez estará aqui um pouquinho mais, até que possa permanecer para sempre, se assim você quiser.

– Obrigado, cisne! – disse o menino, que partiu com seu passarinho.

A seu lado, muitas outras crianças, acompanhadas dos respectivos passarinhos azuis, voavam em direção a suas casas, ditos por haverem realizado essa viagem e propondo-se a repeti-la muitas vezes.

No dia seguinte, soube-se que todas as crianças que se haviam portado bem sonharam com os passarinhos azuis e foram ao Éden dos meninos de Deus.

Os dois exemplos

Os fatos se repetem no curso dos séculos para iluminar o entendimento dos homens. Por isso, dá no mesmo situar as imagens de nosso relato numa ou noutra época.

Certa vez, um homem muito estimado por todos, cuja nobreza de espírito e pureza de sentimentos ninguém desconhecia, ofereceu hospedagem a um ser desvalido que, desorientado e sem forças para prosseguir sua marcha pelo mundo, bateu à sua porta em busca de amparo.

Com grande solicitude, aquele homem exemplar o atendeu, até restabelecer no peregrino a confiança em seus próprios recursos. Fez com que participasse de saudáveis trabalhos e ajudou-o em todo o sentido para que chegasse a ser um homem de bem. Durante algum tempo, seu comportamento foi bom, merecendo a confiança e a estima de seu benfeitor, a tal ponto que este lhe confiou sua amizade, dando-lhe a entender com isso que o tinha em bom conceito. E assim transcorreram os dias.

O homem de nosso relato, cujas grandes condições e qualidades eram, como dissemos, apreciadas em alto grau por todos, tinha muitas ocupações e um bom número de amigos para atender. Apesar de seus afazeres, jamais deixava de observar a conduta de seu protegido, a quem tinha feito ingressar no círculo de suas amizades. E foi então que o viu assumir posturas inconvenientes e ostentar uma vaidade e uma intolerância para com os demais que o fizeram decidir-se a admoestá-lo e aconselhar-lhe um melhor comportamento.

Pouco a pouco, a vida daquele ser ingrato foi se tornando agitada e frívola. Gastava mais do que recebia; a adulação o seduzia; a exibição e o luxo eram sua obsessão. Isso fez com que procurasse outras companhias mais afins com suas tendências.

À medida que o tempo ia passando, seu afastamento do bom amigo se fazia evidente. Já não o necessitava e, segundo tinha manifestado, podia prescindir dele. Fez até referências não muito boas a respeito daquele de quem tanto bem havia recebido e, esquecendo que todos conheciam sua história, pretendeu assumir poses de acordo com o que sua imaginação traçava. Entretanto, sua deslealdade e sua baixa condição lhe acarretaram o máximo repúdio da parte daqueles que o rodeavam.

Quando o honorável e paciente protetor se inteirou de sua conduta, mandou chamá-lo, recomendando, ao que deveria levar a mensagem, expressar-lhe que o convidava a apertar sua mão pela última vez, pois conhecia sua decisão de abandonar, muito em breve, o círculo de seus amigos e afastar-se para sempre dele. Assegurava-lhe, também, que em nada o censuraria, pois já não tinha por que fazê-lo, e só queria expressar-lhe seu último adeus.

Apesar de tão nobre manifestação, o mau amigo, apresentando mil escusas, não compareceu para celebrar aquela última entrevista.

Eis descritos dois exemplos que caracterizam duas condutas.

O macaco e o leão

Certa vez, um Macaco foi visitar o Leão, por ordem de seu tutor, o sábio Orangotango da selva. Este lhe havia dito:

– Vá até o Leão e procure conquistá-lo, para que ele lhe mostre suas habitações e seus poderes.

O Leão, consabido rei das selvas, respeitado e distinguido entre todos os habitantes de seu reino por seu grande coração e sua força inigualável, avisado sobre as intenções do Macaco, concedeu-lhe prazeroso a entrevista. Enviando um de seus filhotes para recebê-lo, este lhe perguntou:

– Vens ver o nosso senhor, o Leão?

– Pode ser o seu senhor, mas não o meu – respondeu-lhe o Macaco.

– Eu venho para falar com ele de igual para igual, porque, no final das contas, nós dois somos animais.

Quando o Leão recebeu o recado do ingênuo símio, fê-lo ir à sua presença.

– Como vai, amigo Leão? – disse-lhe o Macaco, aproximando-se em atitude risonha e desprevenida.

– O que você quer? – perguntou-lhe por seu turno o Leão, sacudindo sua majestosa juba.

– Venho fazer-lhe uma visita e conversar amigavelmente com você; além disso, trago a missão de saudá-lo em nome de meu senhor, o sábio Orangotango.

A fingida mímica do Mono causou certa graça ao Leão, que, disposto a distrair-se um pouco com o provável susto do símio, interpelou-o de modo carrancudo:

– Como é que você se atreve a vir até aqui invocando o nome de seu senhor? Ignora que eu sei que é ele quem me atira pedras e esconde as mãos? Com certeza ele acredita que não estou vendo, porque me calo e me faço de distraído; mas ignora que quando eu abrir minha boca ele cairá da árvore em que tiver subido e onde espera, em sua inocência, encontrar um esconderijo seguro.

– Olhe, Leão – respondeu-lhe com falsidade o Macaco –; acho que você está prejudgando. Ele desejaria, sinceramente, ser seu amigo. Acredite em mim, que é verdade tudo quanto lhe digo.

– Não duvido; sei muito bem que ele quer ser meu amigo. Por isso mesmo, volte e diga-lhe que eu sou o rei e senhor de toda a selva; que digo e sustento isso diante de qualquer animal!... De maneira que, se ele apregoa o mesmo, que faça como eu, e, sobretudo, na minha frente!

Como o Leão notasse que o Macaco começava a tremer, advertiu-o que convinha levar sem demora o resultado da entrevista ao Orangotango.

O Macaco foi embora pensando: “Se o sábio Orangotango é tão sábio e poderoso como diz, por que será que não veio ele mesmo discutir com o Leão?”



É isso o que fazem os que maquinam intencionalmente as situações que criam; incapazes de enfrentá-las por si mesmos, valem-se de terceiros para pôr em prática seus arriscados planos.

Atrás das grades

Numa cela escura, tenuemente iluminada pela débil luz que penetra através de uma janela quadrangular protegida por fortes grades, encontra-se Pedro, sentado num velho catre, a cabeça caída sobre o peito.

Muito ele já chorou...

Discretamente, extraio do bolso um manto invisível e, cobrindo-me com ele, entro silenciosamente na cela.

Ninguém me viu. O preso nem sequer suspeita de minha presença.

– Quatorze anos!...Que horror! Que suplício terrível, meu Deus!

É Pedro que fala consigo mesmo; com sua própria consciência. E, enquanto o faz, suas frases se entrecortam por explosões de pranto, que em vão ele se esforça por conter.

– Por que eu fui fazer isso, meu Deus! O que será de minha pobre esposa! Tão boa, tão sofrida, e que tanto se esforçou para que eu afastasse de mim esse pensamento! Quantas vezes me aconselhou e me implorou que não tornasse mais grave a situação, cometendo um disparate! Ela, que chegou a me oferecer qualquer sacrifício que fosse preciso para me salvar!... Confesso que foi o único refúgio onde minha alma atormentada encontrou sempre um instante de paz. E essas cabecinhas inocentes que mil vezes banhei de lágrimas, quando maior era meu desespero?... Chiquinho de meu coração! Luzia, Paulinho! Meus filhos! Já não poderei beijá-los à noite, como quando faziam suas orações!...

Ocultando entre as mãos o rosto contraído, num gesto de indizível angústia, ali está Pedro, sozinho com sua dor e seus pensamentos.

Suave e tênue, como que envolta na leve brisa que se filtra pela janela, o réu ouve uma voz, talvez a de sua própria consciência, que lhe responde com estas comovedoras palavras:

– Não chores, Pedro; teu pranto não poderá remediar em nada a enormidade daquilo que fizeste. Truncaste duas vidas: a tua, que já nenhum atrativo pode ter, obrigado que estás a permanecer aqui, isolado entre os sombrios muros do presídio, e a de teu amigo, que destruístes em plena vida. Manchaste teu nome e o de teus filhos. Estarás condenado, mais do que ao suplício de um cárcere, à tortura constante de teus próprios pensamentos, que se aproveitarão de teu sono para submergir-te em espantosos pesadelos. Pedro! Pedro! Que fizeste?! Tu te recordas tão somente de tua pobre esposa e de teus filhos, a quem já não poderás ver sem sentir as torturas de um remorso enlouquecedor... E Lucas? Lá está ele, sepultado debaixo de uma fria laje. De sua ferida mortal jorrou muito sangue: o sangue de uma vida jovem e valente. Poderás apagar de tua mente e de tua consciência aquele olhar de suprema reprovação, lacerante e agudo, que ele te dirigiu quando, sentindo-se desfalecer, te chamou de covarde e assassino? Acaso não se apresenta a ti, com obstinada insistência, a imagem daquele momento em que, erguendo tua mão criminosa, tu o feriste mortalmente, sem lhe dar tempo de se defender de tua traiçoeira agressão? Lá está, imersa também no maior desconsolo, sua entristecida esposa e seus tenros filhos. Órfãos!... Seus olhos de criança jamais voltarão a ver o pai que lhes deu a vida, nem poderão, na mocidade, receber seus conselhos e ser protegidos nessa idade tão difícil da existência. Dois lares destruídos! Duas famílias desoladas! Crianças que, com sua inocência, tornam ainda mais crua a dor, ao chamarem por seus pais e perguntarem por que não voltam... E tudo por quê? Por não teres pensado nisso quando te sentias talvez com o direito de matar aquele que tinha sido teu amigo, aquele de quem um dia tu te desgostaste, crendo-te no direito de injuriá-lo e ofendê-lo. Tudo por não teres sabido refrear teus ímpetos e conter tua ofuscação

no momento em que te lançavas violentamente sobre ele, a quem vitimaste sem que tua mão homicida fosse detida pelo menor sentimento de piedade, ainda que para contigo mesmo.

A voz que assim fala é interrompida de repente pelo tom lastimoso de Pedro, que diz:

– Cala-te, cala-te!... Sinto como se meu coração se despedaçasse. Prefiro, eu te juro, deixar de existir a viver um só dia escutando tuas acusações... Deixa-me sozinho; quero expiar minhas faltas recolhido dentro de mim mesmo.

– Não! Isso é impossível, Pedro. Eu sou a voz da recordação, e não posso me afastar nem por um momento de ti. Sou implacável, e tuas súplicas não me enternecerão. Serei teu verdugo enquanto viveres e não permitirei que esqueças teu crime nem sequer quando estejas dormindo. És um assassino; um desalmado!...

– Meu Deus! Meu Deus! Tende piedade deste pobre miserável que vos implora! Não me desampareis neste calvário!...

Nesse instante, quão vívidas brotam na mente do réu aquelas palavras de Dante, ao expressar o martírio de um dos condenados: “Não fiquei morto nem vivo: pensa por ti mesmo, se tens alguma imaginação, o que me sucederia ao me ver assim, privado da vida sem estar morto”; palavras que também poderiam ser assim traduzidas: “Sinto que a morte me consome, e, pensando que vivo, não acabo nunca de morrer.”

Angustiado ante semelhante cena, inclino-me para acariciar, mais com o pensamento do que com minhas mãos, a cabeça de Pedro, a quem deixo presa do mais cruel dos tormentos. Em seguida, vou até o lar de Lucas. Ali está Irma, a inocente esposa, imersa em sua desgraça, apertando contra o peito duas crianças que, sem compreender a tragédia, dizem:

– Mamãe, não chore. Nós vamos nos comportar bem.

– Que farás tu, mulher, vendo truncada tua felicidade e sendo perseguida por pensamentos que te torturarão sem piedade?!... Aquela vida que forjaste em teus sonhos de menina, aquela visão de namorada que vestia teus dias de encanto, fazendo com que ignorasses as

misérias do mundo, a cegueira dos homens e os rudes reveses da vida, tudo, tudo passará por tua mente uma e mil vezes, hoje, quando nada te resta, para que seja mais dura tua prova e mais insuportável tua dor.

A voz que assim fala é a mesma que Pedro havia escutado, e que escutará muitas vezes em suas horas de martírio.

Também Elvira ouve, em seu pesar, o eco dessa voz. Também ela teve seus sonhos e suas ilusões, mas o golpe brutal que lhe arrancou o esposo amado deixou profundas marcas em sua alma e em seu rosto. Pode existir algo que preencha um vazio tão grande? Pode haver algo que repare semelhante perda?

A voz misteriosa volta a fazer escutar sua inflexão, para responder à suprema indagação:

– O tempo não pode voltar atrás, nem o que deixou de ser pode voltar a retomar seu lugar e existir tal como antes; mas pode, sim, uma grande dor ser diminuída até fazer-se suportável, e esse vazio ser preenchido, se iluminares teu ser com o conhecimento das altas verdades que consolarão tua alma e te ajudarão a suportar as lutas e compreender coisas que, muito seguramente, te farão pensar com mais sensatez. Desterra de tua alma os pensamentos que fizeram de ti um ser inconsciente, e procura a trilha perdida que encaminhará teus passos rumo à luz. Tudo quanto aprenderes e conheceres, tudo quanto sentires que é verdade, te preservará das pungentes agulhas do sofrimento.

Almas em dor! Somente por meio do conhecimento do porquê das desgraças que vos afligem, conhecereis como é possível vos aproximar em espírito e pensamento dos seres queridos que se afastaram. Na vida e na morte, só existe uma verdade que justifica o inexplicável, ou o que o homem conceitua incompreensível e irreparável: ela é a própria existência, que, apesar de tida como extinta, vive e sobrevive sempre por cima e em tudo.

Almas que sofreis! Voltai os olhos e reparai quão formosa é a vida quando se enriquece com essa fortuna inesgotável que toda inteligência pode fazer o ser desfrutar, enquanto o afasta dos rudes tormentos da miséria moral. Miséria que reflete a ausência quase

absoluta de conhecimento, causa pela qual as pessoas não podem aumentar seus valores e galgar posições, pois lhes falta o principal: esse ouro impalpável, mas de grande mérito, que é a luz do conhecimento, mediante cuja posse se podem realizar estupendos prodígios.



Este relato descreve uma das tantas tragédias que a alma humana vive, devido ao muito que ainda lhe falta para compreender e valorizar a felicidade que representa viver livre de todos os cercos que a inexperiência, as ligeirezas do caráter, os ímpetos do orgulho e da intolerância criam em torno do homem, estreitando-o cada vez mais, até afogá-lo na atmosfera irrespirável e cheia de sinistros desígnios que costuma aparecer quando a mente se ofusca e se anula, e o ânimo e a vontade são levados a consumir ações como a descrita.

Viver, eis a grande palavra. Viver e ser sempre dono da vida, eis outra grande palavra. Viver para ver sempre, para sentir sempre, e amparar aqueles que estão sob o nosso cuidado; viver uma vida ampla e intensa, iluminando a alma com os grandes acervos do conhecimento que a Sabedoria Universal generosamente nos oferece. Aí está o grande desiderato.

As três obras

Certa vez um famoso governante, querendo fazer uma obra que deslumbrasse por sua engenhosidade, procurou por toda a parte o concurso dos gênios e, assim que estes se aproximaram dele, em tom de urgência lhes disse:

– Desejo fazer algo grande, algo que cause inveja a meus semelhantes.

E nisso eles estavam quando, pouco tempo depois de começada a história, aparece o primeiro com um grande projeto.

O governante o examinou, dizendo:

– Estou seguro de que é isto o que daria a meu saber uma glória devida, empregando a fundo, em sua execução, os recursos do Estado.

Tempos depois, chegou o segundo e, ao ver o que ali se fazia, advertiu o soberano de que aquela obra era de padrão antiquado, porque muitos a tinham tentado antes dele.

– Aqui vos trago – disse-lhe – um projeto que tocaria em tudo e em tudo mexeria, pois o que convém é mudar o que existe por uma nova ordem de coisas.

Aceito que fora este outro projeto, começou a picareta a bater sem piedade por todas as partes, e assim foram caindo como vil entulho as ideias, as letras e as artes, como coisas sem valor naquela circunstância em que tudo era feito mais propriamente para o momento.

Assim estavam as coisas, quando, certo dia, o soberano deu com o terceiro a quem a obra tinha sido encomendada. Ao inquirir-lhe por

que se tinha demorado, o gênio respondeu, com plena calma e num tom muito seguro:

– É no eterno que esculpo minha obra, sem pressa e por inteiro.



Retire o leitor ciência deste ensinamento e perceberá, satisfeito com a história, em que reside o valor de cada fato, pois somente acode à memória dos homens, sem mais tardar, o que o homem fez de bem pelo bem mesmo, e sem mudar de rumo.

O jogo da mancha

A mancha é um jogo que, em quase todos os países, veio sendo praticado como um dos preferidos das crianças. Nas escolas, nos lares e nas ruas, a mancha sempre foi o favorito entre todos os jogos. Apesar disso, não se tem notícia de que alguém tenha tentado explicar sua origem.

No antigo Egito, esse jogo era praticado de uma maneira curiosa. Também os astecas e os maias o conheciam, e até chegaram a chamá-lo de “o culto da mancha”.

Consistia numa série de interpretações que eram dadas a certos movimentos das mãos, ao mesmo tempo que punha à prova a destreza mental e física dos jogadores.

Reunida uma quantidade de jovens, geralmente educados no conhecimento da Natureza, o instrutor os dividia em dois grupos, iguais em número; a uns, fazia com que untassem as mãos com uma tintura de cor vermelha viva, semelhante à do zarcão; aos outros, a mesma coisa, só que com uma tintura azul, parecida à que se usa na lavagem de roupas.

Postos em guarda, com o tronco desnudo, o instrutor tocava ligeiramente em um, e este iniciava a perseguição dos adversários, até estampar sua mão em alguma parte do rosto ou do tronco de qualquer um deles. O manchado, se era azul, corria atrás dos companheiros do vermelho, até conseguir manchar algum.

Ao finalizar a contenda, o instrutor contava as manchas que cada um tinha e as partes em que elas apareciam, sendo desclassificados aqueles que maior número de manchas tinham no rosto ou no peito.

Havia alguns, muito escassos por certo, que se apresentavam sem nenhuma mancha. Recebiam prêmios e eram apontados como campeões do jogo. Outros, ao contrário, apareciam manchados por toda parte, ficando, em consequência, com os pontos mais baixos.

A moral deste jogo surgia das palavras que depois o instrutor lhes dirigia, quando, chamando a todos, dizia que igual coisa lhes poderia suceder na vida, caso não usassem da mesma atividade e destreza para evitar fossem alcançados pelas mãos do vício e do mal, assinando a mente e o coração como os alvos mais expostos à ação dos pensamentos e sentimentos, dos quais o homem devia cuidar muito, selecionando uns e enobrecendo outros.

As gerações modernas e contemporâneas jamais praticaram o jogo da mancha como aqui fica descrito, pois lhes têm bastado tocar o adversário, que corre em seguida atrás dos outros, mas sem nenhuma compreensão acerca do ensinamento do jogo.

Pyka e Rutja

Pyka e Rutja estavam discutindo sobre a conveniência de encontrar um meio de não trabalhar, e, no final, tendo chegado a um acordo, juraram não trabalhar mais; porém, oh, que desgraça!, ao se levantarem de onde estavam sentados, Pyka enganchou a parte posterior de sua calça e um enorme rasgão nela se fez.

– Terei que costurá-la – disse com pesar a seu companheiro.

Mas como Rutja lhe recordasse o combinado, começaram a discutir novamente, até que, esgotados os recursos, começaram a trocar golpes, saindo Rutja da briga com o casaco rasgado. Em seguida se separaram, e cada qual, tomando agulha e linha, começou a costurar sua roupa.

Quando Pyka terminou, disse lá consigo, espreguiçando-se: “Eu não lhe disse, Rutja, que era impossível ficar sem trabalhar?”

Rutja, por sua vez, meditava: “Quem me mandou discutir e fazer pactos com um folgazão, quando no final das contas não há nada de mais em ocupar o tempo em algo?...”



Eis aqui as reflexões que sempre fazem os que fracassam em seus intentos, quando uma circunstância qualquer os pressiona, obrigando-os a fazer o contrário.

A coruja

Certa noite, estava uma coruja pousada sobre um poste e, no momento em que levantou voo lançando um forte chiado, coincidiu de passar por ali um supersticioso.

– Que diabo! – gritou o fanático. – Com certeza alguma coisa vai me acontecer.

Ao ouvir isso, a coruja se voltou e respondeu-lhe:

– Então você me culpa pelo que lhe possa ocorrer? Volte para casa, em vez de andar a estas horas por aqui.

– Cale-se e desapareça, ave agourenta, que sempre anuncia coisas ruins.

– Se é assim, por que você não faz o que estou lhe dizendo?

– Cale-se! – maldisse o supersticioso, deixando escapar alguns improperios, ao mesmo tempo que se dirigia à casa de alguns amigos que o esperavam para se divertirem.

Quando regressou ao lar, anunciaram-lhe que seu filho estava muito doente. Desesperado, só pensou na ave que o havia seguido. Não atinava a dar um passo, vendo apenas a coruja que revolteava em sua mente, quando de repente alguém lhe disse:

– Seu filho está chamando por você.

E, tomando-o então pelo braço, levou-o até o leito do menino.

– Papai! – balbuciou este com frases entrecortadas – quando me senti mal, pedi a Deus que trouxesse você para meu lado. Depois dormi e tive um sonho: via voar até mim uma ave que, acariciando-me com as asas, me disse: “Avisarei seu pai, não chore”. E ela se afastou,

cantando. Eu a segui com o olhar, e quanta alegria senti quando vi que o encontrou. Não percebi o que ela lhe disse, mas me entristeceu ouvir que você a maldizia; depois, ao vê-lo seguir outro caminho, pensei que não viria. Quando quis chamá-lo, acordei; quase não enxergava, tão mal me sentia.

– Filho! É verdade, é verdade! – exclamou o pai entre soluços, abraçando-o. – É real, você me viu. A coruja me trouxe o aviso, mas eu não quis escutar; fui um néscio.

De repente, um grito agudo fez estremecer o corpo do menino e aterrorizou os ouvidos do pai. A ave tinha lançado no ar seu temível chiado. A partir daquele momento o doente começou a melhorar.



Eis um ensinamento para aqueles que muitas vezes maldizem aquilo que pode ser uma advertência sobre algo que é possível evitar, ou um aviso para prevenir o que vai acontecer.

O homem sempre procura desculpar suas faltas ou erros atribuindo a tudo, menos à sua conduta, as consequências lamentáveis de suas ações.

O mordomo ingrato

Era uma vez um senhor de alta estirpe, inteligente e generoso, dono de um grande palácio. Possuía muitos amigos, e era querido e estimado em toda a região.

Entre os que frequentavam assiduamente sua magnífica morada, havia um cortesão que, a julgar pelas aparências, poder-se-ia dizer que estava entre os mais achegados àquele senhor. Não perdia ocasião para elogiá-lo e fazer-lhe frequentes demonstrações de admiração e respeito. Era tal a reiterada solicitude de seus oferecimentos, que o bom senhor um dia resolveu tomá-lo a seu serviço. Nomeou-o mordomo, mas, sem que o cortesão soubesse, solicitou a colaboração de um bom amigo para vigiar os pensamentos do novo servidor. Dessa forma, o dono do palácio comprovou, pouco tempo depois, que o referido mordomo seguia uma conduta hipócrita: em sua presença, desfazia-se em amabilidades e lisonjas; porém, às suas costas, enchia de injustas prevenções as mentes dos palacianos. Seguindo essa trilha, não tardou em pôr em circulação sutis dúvidas acerca do patrimônio do senhor, insinuando que suas riquezas tinham sido adquiridas de maneira ilícita.

O nobre amo, já saturado com a impostura do criado, num belo dia o chamou à sua presença.

– Diga-me – perguntou-lhe –: que cargo você desempenha em meu palácio?

– Mordomo, senhor – respondeu o infiel.

– E quanto tenho lhe pagado por seus serviços, durante o tempo em que está aqui?

Presentindo que estas últimas palavras encerravam alguma ameaça, o interpelado respondeu, tornando agora humilde seu tom de voz:

– O que tínhamos combinado, e eu merecia.

– Ah, muito bem! – exclamou o dono da casa. – Quando o contratei para trabalhar, não foi porque precisava de você; já era suficiente a criadagem de confiança que eu possuía. Seus reiterados pedidos me moveram a aceitá-lo e, segundo o combinado, você cumpriria honestamente os deveres inerentes a um fiel mordomo. E sabe o que você fez? Nada menos que comportar-se como um canalha. Por isso eu o despeço agora mesmo. Pode ir!... Suma da minha vista!

Como tentasse argumentar que se estava cometendo uma injustiça, e que sua conduta era irrepreensível, o senhor chamou a quantos haviam sido testemunhas de suas intrigas, os quais o acusaram, repetindo suas próprias palavras, o que finalmente ele não pôde negar.

Inflamado pelo ódio, saiu ameaçando desacreditar o bom senhor para fazê-lo perder seu prestígio, acentuando com grande ênfase:

– Eu tenho mais influência entre seus amigos, e estou mais bem conceituado do que ele!

Para cumprir seu propósito, começou a bater de porta em porta, visitando aqueles que ele tinha conhecido no palácio; entretanto, após as primeiras palavras, em cada lugar lhe respondiam:

– Fora daqui, miserável! É assim que você agradece todo o bem que recebeu? Desapareça! Sua simples presença inspira desprezo e prevenção.

Todas as portas se foram fechando para ele com violência, e, vergastado com justiça, chegou a sua própria casa vociferando como um louco, numa ebulição instintiva que o fazia contorcer-se na impotência.



É assim que terminam, geralmente, os que ocupam seu tempo enganando o semelhante. No final, encontram quem os descobre e os mostra aos demais tais como são.

O homem e as pedras

Faz muito tempo, existiu um homem que predicava o bem e ensinava coisas muito úteis. Mas, entre as muitas e grandes coisas que costumava dizer, por vezes ele introduzia uma ou outra lamentação, por carecer de recursos para construir um templo que abrigasse a quantos escutavam suas oportunas e magníficas prédicas.

Pouco depois, algumas de suas admoestações começaram a promover agitações reacionárias nas mentes de certos fanáticos sectários, os quais começaram a lhe atirar pedras em crescente quantidade.

“Benditas sejam estas pedras!”, exclamou o bom homem, “porque elas me permitirão agora construir o edifício!”



Depreende-se da fábula que um mesmo objeto, conforme o uso que dele se faça, a alguns serve para o bem, e a outros, para o mal.

As lagartixas

A história que se segue, de valioso e profundo ensinamento, motivo pelo qual julgamos oportuno dá-la a conhecer, foi-nos relatada numa amena tertúlia por um de seus protagonistas.

“Sentado na primeira poltrona”, disse o narrador, “eu percorria de ônibus uma província da Argentina, quando, de repente, uma enorme cobra começou a cruzar a poeirenta estrada. O motorista parou o veículo, deixou-a passar e prosseguiu a marcha.

Como investigador da Natureza, e apesar de não me ser estranho o significado daquele fato, perguntei ao motorista por que se absteve de atropelá-la. Respondeu-me ele:

– Cobras dessa espécie a gente não mata, porque elas beneficiam a agricultura. É uma lampalagua.*

A atitude do condutor, simpática e cordial, estimulou-me a prosseguir o diálogo. Entre outras coisas, lembro de ter dito a ele:

– Os animais são respeitados quando fazem o bem, mesmo em se tratando de répteis. Com os seres humanos acontece a mesma coisa: uns causam danos e matam, e para eles foram feitos os cárceres; outros sacrificam suas vidas pelo bem dos demais, e por isso são respeitados e queridos; e, finalmente, temos aqueles que não fazem nem bem nem mal...

– Esses são como as lagartixas! – interrompeu, oportuno, meu interlocutor.

* N.T.: *Serpente aquática americana do gênero Boa.*

– Muito boa observação, amigo! Pouco interessa a vida ou a morte daqueles que, imersos na indiferença, não fazem nem bem nem mal, pois jamais são tidos em conta.

E pensei na grande quantidade de seres indiferentes que, pelo simples fato de não fazerem o mal, se consideram credores das prerrogativas que somente são outorgadas àqueles que levam a cabo ações nobres e generosas. Mas a verdade é que, ao não realizarem o bem como corresponde ao conceito que ele encerra, suas vidas passam inadvertidas, e, como acontece com as lagartixas, ninguém tem por elas o menor interesse.”

O velho testamento

Achava-se Jeová pondo em ordem uma quantidade de letras, com as quais pensava ensinar aos homens o caminho do saber e explicar-lhes como havia formado o Universo. Estes, porém, começaram a discutir, cada um alegando conhecer algo sobre a Criação.

Vendo o Pai Eterno semelhante necessidade, já que, em vez de prestarem atenção ao que Ele estava fazendo, perdiam seu tempo em discussões, pegou as letras com as quais já havia composto muitas frases, misturou-as desordenadamente e foi embora.

Os homens tiveram depois que refazer, com grande paciência, essas mesmas frases; e dali surgiu o Velho Testamento.

Origem do carnaval

Muitas vezes as pessoas já se perguntaram qual é a verdadeira origem do carnaval. Alguns opinaram que provém da imitação de cerimônias religiosas que se realizavam na Antiguidade. Por outro lado, a própria caracterização dos atores que apareciam nos primitivos cenários teatrais parece induzir a pensar que dali nasce a ideia de tornar geral o ato das caracterizações num determinado dia. Nós conhecemos uma lenda que, por ser sugestiva e oportuna, vamos narrar.

Era uma vez um famoso rei, membro de uma das mais poderosas dinastias do Egito, a quem preocupava de especial modo tudo quanto dizia respeito à psicologia de seus súditos. Cercado por uma corte de sábios, mantinha com eles constantes conversações relacionadas com os problemas de seu povo, que ele ansiava situar acima do comum.

Achavam-se um dia tratando destes temas, quando um dos sábios manifestou que, apesar do empenho em ilustrar o povo sobre a necessidade de aperfeiçoar cada dia seus conhecimentos e sua moral, ainda não tinham encontrado manifestações que, com evidência, indicassem que se estava realizando de verdade um processo de superação nos habitantes daquela terra oriental, e ele inquiriu, então, sobre a forma pela qual se poderia chegar a conhecer o sentir interno de cada um, ou os pensamentos que albergavam em suas mentes.

Após breves momentos de meditação, o rei respondeu:

– Vamos fazer uma experiência: decretaremos uma semana de inteira liberdade, para que todos se fantasiem daquilo que mais anseiam ser. Vamos fornecer-lhes trajes que caracterizem os desejos que em particular possam ter, a fim de que escolham o de sua exclusiva predileção.

Desde os adornos do rei até o mais mísero farrapo foram postos numa exposição, para que cada um escolhesse o seu. Foram expostos até trajes de seres imateriais, aqueles com que se vestiam os anjos, os santos e os semideuses. Foram confeccionadas, enfim, sem faltar nenhuma, todas as vestimentas que pudessem representar um personagem. Depois, no edital, que foi colocado nos lugares mais visíveis, se anunciou que o rei, acompanhado de sua corte, presenciaria, como ato final, o desfile de todos os fantasiados.

E agora vem o mais curioso e sugestivo da lenda: o rei pôde conhecer, por meio dos trajes que vestiam, as aspirações íntimas de seus súditos, e observar, com grande surpresa, que a maioria tinha escolhido o de diabo.

É interessante notar como em cada uma das épocas que a humanidade atravessa, incluindo-se nelas todos os povos, parece reproduzir-se essa mesma aspiração.

Em épocas passadas, dizia-se que o diabo era o rei do inferno, que tinha poderes sobrenaturais, etc., gozando por essa causa de grande prestígio no seio da enorme massa de seres ignorantes que acreditavam nos artifícios de sua magia ou nos malefícios de seu poder vingador. De um modo geral, ele foi sempre representado como possuidor de extraordinária habilidade para seduzir as almas e submetê-las exclusivamente à sua vontade ou, melhor ainda, a seus sinistros desígnios. Pelo fato de também se dizer que ele comandava legiões de diabinhos e tinha meios para produzir encantamentos e transformar as coisas impossíveis em possíveis, não estranha que tantos aspirassem a ser diabos.

Mas a lenda ainda não terminou. Quando o rei viu todos aqueles diabos armados com seus tridentes, fez preparar uma enorme

fogueira e os intimou a que dançassem sobre as brasas, como fazia o próprio diabo. Tal convite produziu uma verdadeira debandada: as capas vermelhas desapareceram como que por encanto.



A conclusão moral que surge do relato é todo um ensinamento. A força de atração que os fatos espetaculares exercem sobre o homem, produto de sonhos quiméricos ou, ainda mais claro, de sonhos que ele acaricia em relação a súbitas transformações de seu ser em protagonista de acontecimentos deslumbrantes, não lhe permite pensar com sensatez que, em cada posição que aspire a conquistar, deve existir uma razão que, por sua vez, lhe permita mantê-la, e essa razão é saber ser o que se quer ser. O que menos ele pensa é que mais lhe valeria ser consciente daquilo que sabe, para deixar de ser um inconsciente instrumento de sua imaginação.

O drama de Xyraom

Desceu Xyraom do monte Utal e, comovido ao contemplar as misérias do mundo e o estado lamentável dos homens, aos quais ele tomou como sombras humanas, resolveu ajudá-los, vitalizando-lhes o corpo, purificando-lhes a mente e reanimando-lhes o espírito.

Após ter feito isso com uns e com outros, aproximou-se certo dia de um grupo deles para escutar o que falavam.

Grande foi sua decepção. As palavras que ouviu não foram, por certo, as de gratidão para com aquele que tanto bem lhes havia feito.

A calúnia tomava corpo nas mentes desses desditados. “É um impostor”, diziam alguns. “Ele nos enganou”, acrescentavam outros.

E esses seres, cadáveres psicológicos que tinham sido restituídos à vida, ressuscitados pela misericórdia de Xyraom, tramavam tirar a dele.

– Homens de má-fé!... – exclamou o poderoso Xyraom. – Eu os retirei da ignorância morta que carcomia suas entranhas; eliminei a pestilência que tornava repugnantes suas corrompidas presenças; dei-lhes nova vida e enchi de perfumes sua existência!

E, sentenciando, acrescentou:

– Vocês preferem, ó desventurados, a podridão em que viviam, chafurdando novamente no lodo infeccioso das baixas paixões! Pois que assim seja!...

E outra vez tiveram que apalpar as úlceras de seus estigmas e habituar-se a sofrer a agonia fatal que, sem terminar com a existência, subtrai a vida que se ansiou tirar dos demais.

E Xyraom foi até o monte e disse:

– Senhor! Senhor! Quanta miséria há no mundo e quão miseráveis são os homens!...

E o Senhor respondeu:

– Volte e desperte as almas boas que ainda dormem. Console-as e dê-lhes a palavra do entendimento. Elas voltarão à vida e regenerarão a humanidade, bastando para isso que obedçam às leis que apontam para sua evolução, e que se ajudem umas às outras na sublime tarefa de conquistar a mais alta realização humana sobre a terra. Quando tal coisa se fizer, não haverá mais miséria nem miseráveis no mundo, e a ingratidão, que é o pior dos estigmas, desaparecerá da consciência humana juntamente com os que se identificaram com ela.

O filhote jactancioso

Numa roda de animais insignificantes, achava-se certa vez um filhote de Leão fazendo alarde de sua força e do poder de suas garras. Na verdade, não era a primeira vez que fazia isso; agora, porém, sua ousadia havia chegado a tal ponto, que ele acabou por se proclamar mais valente e mais forte que o Leão.

De seu trono florestal, o pai veio a escutar as palavras jactanciosas de seu filhotinho e, sacudindo sua juba escultural, dispôs-se a corrigi-lo com uma soberba lição. Reuniu em conselho a Búfalos, Panteras, Javalis e outros súditos do imponente reino das primitivas selvas tropicais e, depois de informar sobre o motivo daquela reunião, o monarca soberano ordenou:

– Na primeira oportunidade que se ofereça, vocês ficam autorizados a dar um susto colossal em meu filhote.

Não passou muito tempo sem que a provação se efetivasse. E então aconteceu que o cortejo que habitualmente rodeava o filhote do Leão viu, com mudo espanto, que seu “terrível capitão” fugia, espavorido e com saltos jamais vistos, das assustadoras feras ligadas ao rei. Com a cauda metida entre as pernas, e veloz como uma flecha, o pequeno se enfiou debaixo do peito protetor do majestoso monarca, implorando-lhe com angústia comovedora:

– Pai!... me defende! Eu te imploro!



A mesma coisa costuma acontecer aos que, com ingratidão,

desestimam aqueles a quem eles devem o que são, mas que, diante do perigo de perderem seus bens ou suas vidas, acorrem com rara presteza em busca daquele que, de outras vezes, os livrou de todo mal.

O perguntão

Com alguma intenção, alguém formulou certa vez ao gênio da realidade a seguinte pergunta:

– Se eu vou por um caminho em cujos confins existe, segundo dizem, um profundo precipício e uma montanha muito elevada, e ao término dele comprovo, realmente, a presença daquele e desta, mas quero continuar avançando, como você me resolve o problema?

– Em verdade, não é pouco o que você pretende – respondeu-lhe o gênio –, mas para mim não é difícil resolver. Em seu lugar, eu faria algo muito simples: voltaria sobre meus próprios passos, reconhecendo que havia errado meu caminho.

– Sua resposta não me satisfaz – argumentou o perguntão. – Meu propósito é avançar, avançar sempre, custe o que custar.

– Nesse caso – replicou-lhe o gênio –, coloque em prática a seguinte operação: perfure a montanha com sua cabeça; se não conseguir, atire-se no precipício.

Noutra ocasião, insatisfeito ainda e estimulado pela ânsia de que o gênio lhe resolvesse todas as suas dificuldades, importunou-o com esta nova pergunta, acalentando, talvez, a ilusão de obter por essa via alguma fórmula mágica que o convertesse da noite para o dia em sábio conhecedor de todos os mistérios:

– Você pode me explicar, oh, gênio!, em que devo pensar?

– Deve pensar que é um asno. Depois, prosseguindo nessa função mental, pense também: “Se sou um asno, por que é que tenho mãos e pés? Por que tenho inteligência e, além disso, me visto como os seres

humanos?” Você verá que imediatamente surgirá em sua mente a seguinte conclusão: “É evidente que não sou um asno; e, se não sou, não devo me comportar como tal.”



Surge do relato a conclusão de que cada qual deve atuar judiciosamente, sem se exceder em suas pretensões, para não demonstrar insensatez.

Os dois homens

Ria estrepitosamente o senhor da fortuna ao ver o sábio que, entregue às tarefas próprias de seu gênio, não se alterava ante situações econômicas adversas, e com zombaria lhe disse:

– Como é que com tanto saber você não faz uma fortuna como a minha?

O sábio respondia com invariável calma:

– Você tem uma fortuna sem saber como a conseguiu; eu, ao contrário, sei, sim senhor, e disponho de bens que você não possui. Quer algo maior do que ver um homem que, com fortuna ou sem ela, seja tão digno de respeito, alguém cuja integridade de espírito nem as maiores contrariedades conseguem ferir?

Um dia, o sábio objetou a seu insistente polemista:

– Diga-me: se, de repente você perdesse toda a sua fortuna e ficasse pobre e à mercê do abatimento ocasionado por semelhante situação, o que faria?

– Oh! – respondeu com surpresa o endinheirado –, não poderia resistir a esse golpe: eu me mataria em seguida.

– Mas... como?!... – replicou o sábio. Você não seria capaz de refazer a fortuna que hoje possui?

– Não!... Como poderia eu tolerar viver um só dia sem as minhas riquezas? Impossível!

– Bem... bem... – disse o homem que encarnava a Sabedoria. – Eu, sem que nada afete minha condição de homem capaz, poderia perder cem vezes meus bens materiais e voltar a refazê-los. O tempo, que sei

empregar com inteligência, me espera; e aqueles que me conhecem não costumam notar quando tenho muito ou nada tenho disso que move a cobiça humana. No entanto, quando uma fortuna cai, esmaga o homem que a possuía.



O saber permite viver na opulência do pensamento, reservando sempre para o ser um lugar onde queira situar-se; e não há perigo de perder as riquezas de sua sabedoria, uma vez que é capaz de dispor delas em todo o momento.

Os tesouros do saber custam tão só os instantes que o esforço lhes dedica, mas, uma vez conseguidos, são inalienáveis e eternos. A fortuna do rico sempre está exposta a sofrer reveses, pelo fato de só acidentalmente ele ser seu dono.

Se muitos pensassem nisso, não tornariam suas vidas estéreis, esgotando os dias de sua existência em febris afãs.

O perigo

Aos pés de uma montanha, de uma montanha altíssima, trabalhando com grande calma em algo que não vem ao caso, mas que lhe consumia a maior parte do tempo, achava-se certa vez um sábio. Muitos anos de empenhado esforço já se haviam transcorrido.

Rodeavam esse sábio numerosos artesãos. Também eram muitas as pessoas que o conheciam.

Uma vez, enquanto todos contemplavam seu silencioso labor, do cimo da montanha começou a despencar uma rocha gigantesca, o que estampou nos rostos uma expressão de terror. De pronto fugiram todos em busca de refúgio, insistindo com o sábio para que ele abandonasse o lugar, pois a pedra para ali se dirigia.

Enquanto isso, o sábio, que tinha observado impassível o desprendimento da rocha, voltou o olhar para a comitiva em fuga e, em seguida, sem se preocupar, retomou seu trabalho.

Transcorreu um fugaz instante, após o qual a multidão voltou a clamar horrorizada. Imutável, o artífice continuava seu labor. Com cautela, alguns se achegaram até ele com a intenção de tirá-lo do perigo; entretanto, o estrondo próximo da rocha os pôs uma vez mais em fuga, com grande celeridade, enquanto a massa rochosa caía, finalmente, ao lado do artífice, arrastando consigo calhaus e terra.

Assentada a poeira, aquele sábio colocou sobre a própria rocha seu valioso e complexo instrumental e, prosseguindo sua tarefa, expressou aos poucos que se foram aproximando:

– Para os fins de minha obra, já era urgente eu contar com isto ou com algo parecido.

Nada mais disse, e contemplou com olhar significativo a fuga daqueles que, com insensata ênfase, se tinham disposto a acompanhá-lo em seus transcendentais empenhos.



Já se pôde observar, com singular repetição, que a iminência de um perigo obscurece o entendimento dos que não sabem serenar-se, e isso os impede de calcular com acerto suas possibilidades de salvação.

A mosca

Depois de muito revoltear pelo pútrido esterco, uma mosca finalmente pousou sobre a superfície gelatinosa de um pote de mel. Aderidas suas patinhas ao viscoso fluido, e sentindo que afundava, tentou, sem resultado, voar várias vezes. Esgotada pela fadiga, e sem esperança de salvação, ficou ali agonizando lentamente.



Quantos existem que, atraídos como a mosca pela doce sugestão das coisas fáceis, nelas se vão afundando, incapazes de perceber o mistério encerrado no próprio objeto cujo domínio e posse presumiram exercer.

A casa dos apóstolos

Faz um bom tempo, vivia num sítio, situado num tranquilo lugar da República, um menino cuja modalidade constituía uma constante preocupação para seus pais.

Era aquele um velho sítio; de mediana extensão, estava em grande parte coberto de árvores, muitas delas frondosas, que em alguns lugares chegavam a formar denso bosque. O casarão que havia na frente, de linhas sóbrias e aspecto imponente e agradável, estava totalmente coberto por um manto verde – a hera milenar que teve o privilégio de insinuar-se por entre as grandes janelas e ser testemunha de muitos instantes, hoje convertidos em recordações, que ela, silenciosamente, guarda como um arcano de impenetráveis mistérios.

Uma série de tristes acontecimentos tinha feito daquele menino um verdadeiro ermitão. Órfão do mais caro dos amores humanos, seus olhos foram privados de ver o doce e terno rosto da mãe quando contava apenas o primeiro lustro de existência.

Certo dia, o menino perguntou angustiado por sua mãezinha. Queria vê-la; fazia tempo que se havia apoderado dele uma angústia indescritível, que o levava a buscar o regaço materno, esse refúgio terno e sublime que tanto consola o pranto que bordeia as pupilas virgens da primeira idade, quando a dor oprime o coração inocente. Ninguém se atrevia a lhe dizer a verdade; mas suas tíbias mãozinhas, brancas, tudo vasculhavam, tudo remexiam...

Como se um secreto desígnio lhe anunciasse algo que ele não podia compreender, aquele lugar vazio, que antes havia preenchido toda a sua existência, foi-se velando a seus olhos, e sua vida tornou-se triste e silenciosa. De vez em quando o encontravam recostado em seu leito, escondendo o rosto choroso entre as pequeninas mãos. Vãos eram os esforços para entretê-lo ou alegrá-lo, pois o que dele se ouvia era simplesmente que o deixassem dormir para ver sua mãezinha.

Mercúrio, o velho criado, que fazia tudo quanto sua imaginação lhe permitia conceber para distrair e alegrar o menino, terminava no mais das vezes por estreitá-lo em seus braços para ocultar as próprias lágrimas.

As brincadeiras do pequeno ermitão!... Oh, quantas vezes revelaram aptidões que surpreendiam seus familiares! Muitas horas ele passava em cima dos galhos das árvores. Tinha ouvido falar com frequência de Jesus e seus apóstolos, e uma daquelas engenhosidades infantis o levou a batizar cada uma de suas árvores favoritas com o nome dos famosos discípulos que atuaram nos tempos bíblicos. Assim, à mais velha, um salgueiro cuja espessa ramagem parecia a cabeça venerável de um ancião de barba grande, chamou de Pedro; um eucalipto encorpado recebeu o nome de João; três figueiras ficaram sendo “As Três Marias”, cada uma com o respectivo nome; e outras árvores respondiam, na imaginação do menino, pelos nomes dos demais apóstolos.

Muitas vezes foi visto dizendo a Mercúrio, com toda a seriedade que costumava imprimir a seus gestos de patrãozinho:

– Amanhã cedo leve meu banquinho para junto de Pedro, que vou tomar o café da manhã com ele.

Outras vezes, obrigado a ficar de cama, costumava dizer ao fiel criado:

– Vá lá e diga ao João que estou doente, e que é para ele dar a você algumas folhinhas para defumar o meu quarto; isso vai me fazer muito bem.

Um dia, seu pai mandou podar uma das figueiras do sítio, porque quase não tinha dado frutos. Tão logo o menino a viu, prorrompeu em amargos e desconsolados soluços; tinham destruído um de seus lugares preferidos! Acariciando depois a figueirinha com toda a ternura, dizia-lhe:

– Não chore, Madalena! Vou pedir a Deus para fazer crescer em você outros galhos ainda mais lindos. Eu vou cuidar de você, não fique aflita!

E todos os dias, com uma pazinha e um regador, ele passava horas carpindo em seu redor e regando-a.

Quanta alegria teve o menino quando, poucos meses depois, ao chegar a primavera, dos troncos desbastados da figueira brotaram novos galhos que se encheram de folhas verdes, brilhantes e frescas.

Ninguém podia compreender aquelas singulares modalidades do pequeno.

Certa vez, alguém cravou em João, o velho eucalipto, uns pregos para sustentar um arame; ao vê-los, o menino correu com uma turquês para arrancá-los, censurando Mercúrio por ter permitido que machucassem seu querido João, o produtor de “piõezinhos”.

Marta, a roseira de rosas pálidas que perfumava nas frescas manhãs de outono a brisa que brincava com os cabelos do menino, recebia todos os dias a sua visita antes do anoitecer; também dela ele cuidava com carinho.

– Amanhã quero que você tenha mais rosas abertas – dizia-lhe ele, enquanto a regava.

E na jarra de seu criado-mudo sempre estava a flor predileta, fruto de seus ternos cuidados.

Tinha também seus passarinhos, e ele os amava. Colocava-os todos os dias naqueles lugares onde costumava passar longas horas. Ali, conversava com eles, e o bufão que sempre conseguia fazê-lo rir era o “Perna-de-pau”, um melro que uns garotos haviam ferido, quebrando-lhe uma perna com uma pedrada. Ele o curou e pôs-lhe uma outra, feita por Mercúrio. O melro ficou tão mansinho que, merecendo a confiança do menino, podia sair de sua gaiola e brincar livremente, cantando e silvando aquelas coisas que o pequeno ermitão lhe ensinava.

Acompanhava-o em todas as suas brincadeiras o Nhato, um cachorro bravo e robusto, que não deixava ninguém chegar perto do menino se este não lhe desse uma ordem em contrário.

Um dia em que se entretinha a brincar nos galhos de Marcos, o pinheiro solitário que estava num dos cantos do sítio, pousou

de repente, muito perto dele, um enxame de abelhas. Longe de se assustar, o pequeno as contemplou com carinho e, descendo silenciosamente da árvore, correu à procura de Mercúrio. Passado um momento, este já havia construído uma caixa na qual as abelhas, com grande diligência, instalaram sua nova colmeia. Pelas manhãs, o menino se aproximava delas – suas pequenas operárias, como ele as chamava – e lhes levava flores para que se alimentassem.

– *Nené!*, *nené!* Mel delicioso para você! – dizia-lhe Mercúrio, pouco tempo depois, aproximando-se com um favo cheio de mel.
– É das abelhas!

Isso deixava o pequeno cheio de viva alegria.

Assim passaram os anos de sua primeira infância.

Um dia aconteceu um episódio que ficou gravado na mente de todos: foi aquele em que o menino adoeceu gravemente. Os médicos esgotaram nessa ocasião todos os recursos de que a ciência dispunha, e já perdiam a esperança de salvá-lo, quando de repente ele se soergueu e, no paroxismo de sua intensa febre, disse:

– Deus quer que eu viva sempre... – e um suspiro o mergulhou num sono tranquilo e feliz.

Muito tempo faz que isso se deu; e, cada vez que penso naquele menino, vejo suas árvores chorar enternecidas, como se algo lhes faltasse.

Algum dia voltará o menino a acariciar suas queridas arvorezinhas, e, então, haverá muita festa e alegria na casa dos apóstolos...

A esperteza do riojano

Certo dia, estava um coronel de nosso exército a presenciar, na província de La Rioja, um exame médico que era feito nos jovens de vinte anos, com a finalidade de determinar se eram aptos ou não para o serviço militar. Nessa circunstância, um se apresentou, grandalhão, com ar de inocente, e que como particularidade trazia fechado um dos punhos, com o polegar dobrado para dentro e apertado de tal forma que nem os médicos, com a ajuda dos assistentes, puderam abri-lo.

Interrogado acerca disso, manifestou ter o problema desde o nascimento, motivo pelo qual nunca tinha podido utilizar a mão. Os médicos, já convencidos de que ele era inapto para servir o exército, deram-lhe baixa, determinando que se retirasse. Mas, nesse mesmo instante, ocorreu ao coronel, que o havia observado atentamente, chamá-lo e perguntar-lhe:

– Me diz uma coisa... E como era sua mão antes de ficar assim?

– Era... aaassim, meu coronel! – respondeu sorridente o rapagão, com toda a espontaneidade, mostrando a mão completamente aberta.

Pode-se avaliar o estupor que tomou conta dos médicos e do próprio coronel, que ficaram sem saber se deviam rir ou mostrar-se severos diante de semelhante treta.



Muitos anos depois, refletindo sobre o episódio, extraímos a seguinte conclusão: É preferível mostrar-se com a alma aberta, e nunca fechar-se num conceito, próprio ou alheio, pretendendo fazer os demais crerem naquilo que não se é ou não se tem.

Representantes Regionais

Belo Horizonte

Rua Piauí, 742 - Funcionários
30150-320 - Belo Horizonte - MG
Fone (31) 3273 1717

Brasília

SHCG/NORTE - Quadra 704 - Área de Escolas
70730 730 - Brasília - DF
Fone (61) 3326 4205

Chapecó

Rua Clevelândia, 1389 D - Saic
89802-411 - Chapecó - SC
Fone (49) 3322 5514

Curitiba

Rua Almirante Gonçalves, 2081 - Rebouças
80250-150 - Curitiba - PR
Fone (41) 3332 2814

Florianópolis

Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 - Pantanal
88040-000 - Florianópolis - SC
Fone (48) 3333 6897

Goiânia

Av. São João, 311 - Q 13 Lote 23 E
Alto da Glória
74815-280 - Goiânia - GO
Fone (62) 3281 9413

Rio de Janeiro

Rua General Polidoro, 36
Botafogo
22280-001 - Rio de Janeiro - RJ
Fone (21) 2543 1138

São Paulo

Rua Gal. Chagas Santos, 590
Saúde
04146-051 - São Paulo - SP
Fone (11) 5584 6648

Uberlândia

Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113
Vigilato Pereira
38400-256 - Uberlândia - MG
Fone (34) 3237 1130



EDITORA AFILIADA

Composto em Caecilia LT Std Roman 9,2pt
Impresso em papel off-set 75g/m² (miolo)
e papel cartão 250g/m² (capa)



www.editoralogosofica.com.br

O estilo logosófico, tão inconfundível, aparece neste livro perfeitamente delineado. Pelo vigor de seu colorido e pelo ensinamento que surge de suas páginas, é indubitável que deleitará o leitor, despertando em sua alma ressonâncias afins que o farão experimentar não poucas sensações de agradável sabor, ao notar estranhas coincidências com suas próprias inquietudes, modalidades e inclinações.